





**Escola de Tecnologias e Arquitetura  
Departamento de Arquitetura e Urbanismo  
Mestrado Integrado em Arquitetura**

Sarah Louísa Gonçalves Andrade

Trabalho de projeto submetido como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em  
Arquitetura

**Do terapêutico ao lazer:**  
O caso das quintas da Madeira

Orientadora:

Doutora Arq. Gabriela Gonçalves, professora auxiliar, ISCTE-IUL

**A indústria como espaço cultural:**  
Reabilitação da Sociedade de Vinhos Victor Matos II, S.A.

Tutor:

Doutor Arq. Pedro Pinto, professor auxiliar, ISCTE-IUL

Outubro, 2018



“É em nós que as paisagens têm paisagem”

Fernando Pessoa



## AGRADECIMENTOS

Antes de mais quero agradecer a todos que de algum modo marcaram o meu percurso académico, aos meus colegas de curso, levo comigo cinco anos de memórias que ficaram para a vida.

Aos meus professores ao longo destes anos, pelo esforço e dedicação, um obrigada em especial à professora Gabriela Gonçalves e ao professor Pedro Pinto pelo apoio, motivação e paciência ao longo deste último ano.

Aos arquitetos, Gonçalo Byrne, Paulo David, João Menezes Favila, Rui Campos Matos e ao engenheiro Danilo Matos pela disponibilidade. Aos funcionários das várias quintas que visitei em especial ao António Cunha da Quinta da Calaça, Natália Camacho da Quinta da Casa Branca e aos funcionários da Quinta da Bela Vista. Um muito obrigado ao Sr. Victor Matos, ao Ricardo e a todos os funcionários da Sociedade de Vinhos Victor Matos II S.A. pelo seu contributo ao longo deste trabalho.

Ao meu grupo de trabalho, Bruno, Dinis, Margarida Matilde e Rafael, pelo apoio e dedicação ao longo deste último ano.

A todas as pessoas com quem crie amizades para a vida, obrigada pela partilha, apoio e pelas aventuras vividas nos últimos anos. Que venham muitos mais! Um especial obrigado: André, Diana, Elodie, Eunice, Margarida, Maria, Mariana, Matilde, Miguel e Teresa,

A família dividida pelo mundo que viram visitar ou por vídeo chamadas transmitiam força e amor, um grande obrigado a Tia Sónia pela compreensão e paciência ao longo destes cinco anos.

Aos meus pais e irmãos, Marisol, Alejandro e Erica por acreditarem sempre em mim e pela força que transmitiam pela distância. Aos meus sobrinhos, Margarida e Artur pelos momentos de diversão e pura alegria sobretudo nos momentos mais difíceis.



## ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO GERAL – Construir a Paisagem.....	8
PARTE I.....	11
<b>Do terapêutico ao lazer - O caso das quintas da Madeira</b>	
PARTE II.....	209
<b>A indústria como espaço cultural - Reabilitação da Sociedade de Vinhos Victor Matos II, S.A.</b>	

## INTRODUÇÃO GERAL

Este ano, em Projeto Final de Arquitetura, o tema selecionado foi “Lugar - Forma”, a ideia da paisagem e de espaço público como infraestrutura num lugar como Alenquer e o Carregado, áreas urbanas fragmentadas com uma envolvente industrial e paisagística. O objetivo principal no desenvolvimento deste trabalho era formar uma leitura crítica as circunstâncias do lugar respondendo com uma estratégia de transformação que tivesse em consideração questões culturais, económicas e políticas as quais a própria arquitetura pudesse responder para um futuro melhor.

Na vertente teórica, é confrontada a paisagem do Funchal, uma paisagem gradualmente moldada pelo homem desde a sua descoberta em 1419, hoje uma paisagem altamente manipulada e fragmentada pelas grandes construções, resultado da evolução do turismo da Madeira desde o século XIX. Desta forma, o seguinte trabalho surge no âmbito de perceber esta evolução, as tipologias de alojamento turístico, nomeadamente as quintas do turismo terapêutico e a importância da paisagem, a relação entre o Oceano Pacífico, as montanhas e as quintas. Um trabalho que tenta de alguma forma responder às questões atuais do turismo, realçando a importância da reabilitação das quintas e o papel que tiveram e que podem continuar a ter no turismo e se forem intervencionadas de forma correta.

Na vertente prática, somos confrontados com a paisagem da Vala do Carregado, um lugar rural com grandes terrenos agrícolas e várias indústrias dispersas pelo território, um lugar que requer um plano de desenvolvimento. A intervenção de grupo e individual têm como objetivo definir uma estratégia que resolva as questões principais, enquanto antecipa possíveis problemas futuros respondendo através da arquitetura enquanto constrói a sua paisagem conforme a história, as características e a cultura do lugar.

Em ambos os casos, as paisagens são distintas. Por um lado, uma primeira paisagem completamente urbanizada em que a relação com a paisagem começa a ser interrompida por grandes construções relacionadas com o turismo, por outro lado, uma outra paisagem rural com indústrias dispersas pelo território, cercadas por terrenos agrícolas e pequenos aglomerados de habitação e comércio. Há uma linha entre a construção excessiva e a falta de construção, como é que sabemos distingui-la?



PARTE I

**Do terapêutico ao lazer: O caso das quintas da Madeira**

## ABSTRACT

*Over the years cities have been developed according to necessities of their population, providing various important infrastructures such as roads, housing, public space and services. To generate income to support all these infrastructures cities withstand various economic cycles, some of which are temporary and others long term or permanent, like tourism.*

*Madeira or more specifically Funchal followed the footsteps of these big cities with tourism being present since the nineteenth century where today it is considered the main source of economic income. With the evolution of therapeutic tourism to tourism of leisure present today, the weight of tourism in a small territory such as Madeira begins to manifest itself thus creating an interest in studying this topic. The main objective of this study was to understand whether the old villas from the therapeutic tourism could be restored based on the requirements of a more commercial tourism.*

*This study analysed the development of the therapeutic tourism until the tourism present today in Funchal, analysing the relationship between the villas with the landscape along with all its advantages. The villa and its evolution over the years due to various influences - including the English - is also analysed, more specifically the house, the garden and areas of produce that then create various spaces of contemplation towards the city and sea. Lastly there are case studies of villas which have been restored intentionally for tourism purposes with a cultural programme or as accommodation and serve towards a more sustainable tourism.*

**Keywords:** *tourism, therapeutic tourism, commercial tourism, landscape, contemplation, villa*

Ao longo dos anos, as cidades foram desenvolvidas de acordo com as necessidades da sua população, fornecendo várias infraestruturas importantes, tais como uma rede viária, habitação, espaço público e serviços. De forma a gerar renda para suportar todas essas infraestruturas, as cidades passaram por vários ciclos económicos, alguns temporários e outros de longo prazo ou permanentes, tal como o turismo.

A Madeira, ou mais especificamente o Funchal, seguiu os passos dessas cidades em que o turismo está presente desde o século XIX, hoje é considerado a principal fonte de rendimento económico. Com a evolução do turismo terapêutico para um turismo de lazer presente hoje, o peso do turismo num pequeno território como a Madeira começou a manifestar-se, criando assim o interesse pelo estudo do mesmo. O objetivo principal deste estudo foi entender se as antigas vilas do turismo terapêutico podiam ser restauradas com base nas exigências de um turismo mais comercial de hoje.

O estudo iniciou-se analisando o desenvolvimento do turismo terapêutico até o turismo presente hoje no Funchal, verificando a relação entre as quintas com a paisagem e as suas vantagens. A quinta e a sua evolução ao longo dos anos devido às várias influências - incluindo a inglesa - também são analisadas, mais especificamente a casa mãe, o jardim e as áreas de produção que criam vários espaços de contemplação para a cidade e o mar. Por último, há estudos de caso de quintas que foram restauradas intencionalmente para fins turísticos com um programa cultural ou como alojamento e que servem para um turismo mais sustentável.

**Palavras-chave:** turismo, turismo terapêutico, turismo comercial, paisagem, contemplação, quinta

## Índice

I – INTRODUÇÃO .....	17
I.I Objetivos.....	19
I.II Metodologia .....	20
I.III Estrutura do trabalho .....	21
II – EVOLUÇÃO DO FUNCHAL .....	27
II.I Origem do Funchal até o turismo terapêutico .....	29
II.II Origem do turismo terapêutico .....	32
II.III A importância dos planos urbanísticos.....	34
III - ARQUITETURA DO TURISMO TERAPÊUTICO.....	45
III.I – Quinta, <i>chateu</i> ou <i>villa</i> .....	47
III.I.I – Quinta da Madeira .....	49
III.I.II – Espaços de contemplação .....	53
III.II – Tipologias de quintas madeirenses.....	55

IV – QUINTAS DO SÉCULO XXI .....	67
IV.I - Ética de reabilitação.....	69
IV.II – Casos de estudo .....	72
IV.II.I – QUINTA DA CALAÇA   Gonçalo Byrne .....	75
IV.II.II – QUINTA DA CASA BRANCA   João Favila Menezes .....	89
IV.II.III – QUINTA DA BELA VISTA   Miguel Malaguerra .....	103
 V - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 119
 ÍNDICE DE IMAGENS.....	 128
REFERENCIAS .....	132
 ANEXOS.....	 135
ANEXO A   Evolução do Funchal .....	136
ANEXO B   Tabela das quintas do Funchal .....	150
ANEXO C   Ficha das quintas do Funchal visitadas .....	153
ANEXO D   Entrevistas.....	160



## I – INTRODUÇÃO

O turismo é um fenómeno cultural, social e económico, sentido mundialmente, que envolve a deslocação de pessoas para países ou sítios fora do seu ambiente habitual, por motivos de lazer ou profissionais, por um período de tempo que pode variar entre longas ou curtas durações. O turismo iniciou-se com as questões de saúde - o turismo terapêutico - devido às doenças pulmonares, mais evidente durante os períodos de guerra, evoluindo ao longo dos séculos para um turismo de lazer, estabelecido pelas elites. O desenvolvimento tecnológico dos últimos séculos coadjuvado pelo baixo custo das *low-costs*, tem permitido uma deslocação rápida de pessoas, resultando no turismo de massas que conhecemos hoje nas grandes cidades como Londres e Nova Iorque.

A Madeira é um dos vários sítios que vem explorando o turismo ao longo dos anos, começando com o turismo terapêutico do século XIX, evoluindo para o turismo de lazer e afirmando-se cada vez mais na ilha, em especial no Funchal e arredores. Um turismo que acelerou a evolução da cidade do Funchal, garantindo as condições ideais não só para os visitantes, mas também para os seus habitantes. A evolução acelerada não permitiu que certos aspetos importantes fossem discutidos ou melhor planeados e, portanto, hoje podemos encontrar alguns desequilíbrios a nível da urbanização da cidade. O turismo traz várias consequências, positivas e negativas, sendo que as positivas acabam por ser negligenciadas, enquanto os aspetos negativos são, por vezes, exagerados ou podem realçar problemas existentes que estavam esquecidos. Na Madeira, ou em qualquer outra região, o equilíbrio pode ser estabelecido através de uma abordagem ao turismo, focando-se nas características individuais que criam a identidade de cada sítio.

A escolha deste tema surge do interesse no desenvolvimento deste fenómeno que sentimos não só mundialmente como também no turismo da Madeira, mais concretamente no Funchal. Desde a sua povoação, a Madeira tem explorado vários ciclos económicos, nomeadamente o trigo, a banana, o vinho, o turismo, entre outros, alguns que foram sazonais e outros que se tornaram permanentes, como o turismo, que atualmente é um

dos sectores de maior rendimento económico para a ilha. Existe, desde então, a preocupação de perceber este fenómeno que tem causado alguns desequilíbrios noutros lugares, sendo que tem um grande impacto para a Madeira desde da sua civilização.

## 1.1 Objetivos

Surgiu assim a questão central desta investigação: *Terão as antigas quintas madeirenses a capacidade de se adaptarem constituindo-se como uma solução para o turismo de hoje?*

Com a evolução do turismo foi necessário construir tipologias com maior capacidade de alojamento, quais é que terão sido as consequências destas construções para a cidade, para a paisagem, para as antigas quintas e para a própria qualidade da oferta do turismo. Poderemos resolver algumas questões de desequilíbrio da paisagem resultantes do apressado desenvolvimento do turismo ao voltar às suas origens no Funchal através das quintas de turismo terapêutico?

Nesta investigação, também pretende-se perceber a evolução da cidade do Funchal e a contribuição do turismo para este crescimento, a importância dos planos desenvolvidos para a cidade do Funchal no século XX, as diferenças entre o turismo terapêutico e o de lazer. Perceber a arquitetura que surgiu conforme o turismo terapêutico, nomeadamente as antigas quintas madeirenses e as suas tipologias. As características de cada tipologia e como é que estas foram se espalhando no território ao longo do tempo. Partindo para uma escala mais pequena, o facto de serem consideradas “antigas quintas” desperta uma grande curiosidade em perceber a influência das quintas da Madeira e a importância que tiveram e que ainda têm na ‘cidade de quintas’, estabelecendo em parte a identidade do sítio.

Finalmente, como futura arquiteta, natural da Madeira, perceber como é que um arquiteto deve intervir num sítio com características topográficas que são únicas deste lugar e qual é o papel do arquiteto perante o fenómeno do turismo através da sua arquitetura?

## I.II Metodologia

O método consiste inicialmente na análise histórica da evolução do Funchal através de cartografias, cartas militares, mapas e bibliografia, percebendo o processo da ocupação e expansão do território. Em simultâneo será feito o estudo da evolução do turismo do Funchal de forma a perceber as razões que levam as pessoas até ao Funchal e como é que surgiu a transição do turismo terapêutico para o de lazer. O estudo dos planos urbanísticos do Funchal, nomeadamente o plano do Arquiteto Ventura Terra de 1915 e o 1º Plano Diretor Municipal do Funchal desenvolvido pelo Arquiteto Rafael Botelho em 1972. Este estudo permite avaliar as preocupações do século XX com a delimitação do território, a cidade e as propostas dos arquitetos.

A arquitetura do turismo terapêutico terá uma análise bibliográfica de forma a perceber a evolução da quinta original da Madeira para as quintas de aluguer e as influências que tiveram os ingleses na sua evolução ao longo dos séculos. Perceber as vivências das quintas através da leitura dos guias/testemunhos dos *invalids*, doutores e dos viajantes, de forma a compreender alguns aspetos importantes como os espaços de contemplação: o terraço, a varanda, a escada e o jardim. Estes testemunhos terão um papel importante no descrever das quintas desde o seu estado original e natural durante o turismo terapêutico, sendo que através de plantas será feita a caracterização das três tipologias de quintas, realçando as suas semelhanças e diferenças.

Foram escolhidos três estudos de casos que surgiram do levantamento anterior, que são projetos de referência que através das intervenções contemporâneas nas antigas quintas devolvem-lhes um uso relacionado com o turismo, seja como espaço cultural ou de alojamento. Os casos de estudo servirão para demonstrar de que forma um arquiteto pode devolver a identidade do lugar através da sua arquitetura e abordagens diferentes de conservação das mesmas. Haverá a clarificação de alguns conceitos relacionados com reabilitação representados de várias formas nas quintas da Madeira.

Foram ainda realizadas algumas entrevistas a arquitetos e engenheiros que já realizaram ou que estão a realizar projetos no Funchal, incluindo os autores dos casos de estudo, possibilitando uma discussão mais aberta, na qual os mesmos puderam expressar as suas observações ou preocupações com este território e as próprias quintas.

### I.III Estrutura do trabalho

O trabalho de investigação divide-se em quatro capítulos, nomeadamente a Evolução do Funchal, a Arquitetura do Turismo Terapêutico, os Casos de Estudo e as Considerações Finais. A Evolução do Funchal aborda a evolução da Madeira focando-se principalmente no desenvolvimento do turismo no Funchal desde o turismo terapêutico do século XVIII ao turismo de lazer do século XIX. O capítulo ainda refere os planos urbanísticos do Funchal de mais importância, nomeadamente os planos dos arquitetos Ventura Terra e Rafael Botelho ambos do século XX.

A Arquitetura do Turismo terapêutico analisa as tipologias que surgiram neste período, especificamente as quintas madeirenses. Existindo um estudo prévio do conceito



Figura 1: Panorâmica sobre a baía e cidade do Funchal, 1872

Quinta, *chateau* ou *villa*, analisado conforme as características de uma quinta madeirense. Serão ainda analisadas as três tipologias das quintas, as suas características morfológicas, as suas influências, os seus espaços de contemplação e a sua relação com a paisagem.

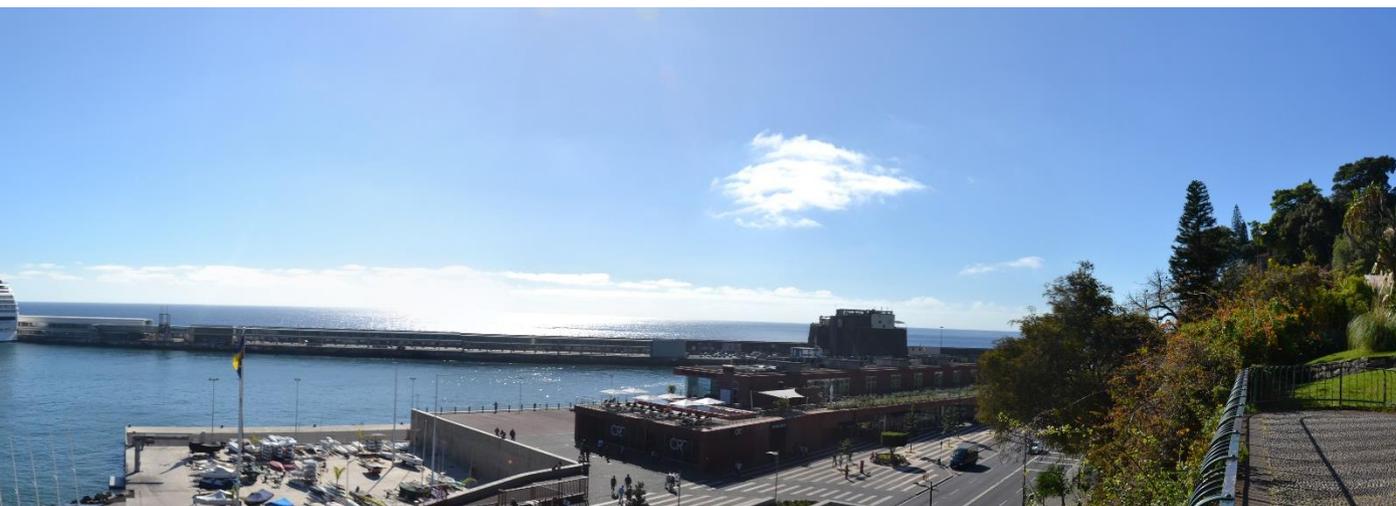
O penúltimo capítulo envolve análise de três estudos de casos de quintas que foram reabilitadas com funcionalidades relacionadas com o turismo, seja como um espaço de lazer, cultural ou alojamento. Os três casos escolhidos são a Quinta da Calaça do arquiteto Gonçalo Byrne, Quinta da Casa Branca do arquiteto João Favila e a Quinta da Bela Vista do arquiteto Miguel Malaguerra, são analisados aspetos como a sua evolução, a relação com a paisagem, o impacto da evolução da cidade, a relação com conjunto e com o lugar.

O último capítulo das considerações finais responde às questões iniciais, ao problema e aos objetivos deste trabalho de forma sintetizada com sugestões e recomendações como futura arquiteta.





*Figura 2: Fotografia a partir Forte São José*



*Figura 3: Fotografia a partir do miradouro do Parque de Santa Catarina*



## II – EVOLUÇÃO DO FUNCHAL



Figura 4: Diagrama com composição das várias ilhas

O arquipélago da Madeira é constituído pela Ilha da Madeira, o Porto Santo, as Ilhas Desertas e as Ilhas Selvagens localizando-se a 978 km de Lisboa, 796 km da costa africana e 504 km Ilhas Canárias. O arquipélago da Madeira pertence à Macaronésia, composta por mais três arquipélagos, Açores, Canárias e Cabo Verde. Orlando Ribeiro descreve no seu estudo geográfico, inícios do século XX, que “os diversos elementos do arquipélago em nada se assemelham”, o Porto Santo, “uma ilha desnudada, quase árida”, as Desertas “rochedos estéreis, povoados por aves marinhas” e a Madeira o oposto, “uma ilha muito mais extensa” com “um aspecto verdejante que constitui um dos seus encantos” (RIBEIRO, 1985, pp. 13–14).

A Ilha da Madeira, de origem vulcânica, apresenta um “relevo contrastante” com “vales profundamente incisos” por toda a ilha, sendo que a costa norte apresenta declives mais acentuados (RIBEIRO, 1985, p. 17). Devido à topografia deste lugar, os primeiros povoadores moldaram o território com vários sistemas que permitissem as condições mínimas para agricultura, as *levadas*, os campos de cultivo aos socalcos e as estradas que ligavam cada vale junto à costa. A topografia da Madeira será sempre uma característica que a distingue de outros sítios de Portugal, sendo que o Funchal é o único vale plano da ilha, razão pela qual foi ocupado logo após o descobrimento da ilha (ver anexo A).

## II.I Origem do Funchal até ao turismo terapêutico

Após a conquista de Ceuta em 1415, uma cidade islâmica a norte de África, ocupada pelas tropas portuguesas, o infante D. Henrique continuou explorando o território à procura de novas conquistas. Em 1419, João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira foram enviados para a exploração do Porto Santo, alcançando a Madeira no ano seguinte. Após a chegada à Madeira, os dois escudeiros dividiram a ilha em dois. Tristão adminis-

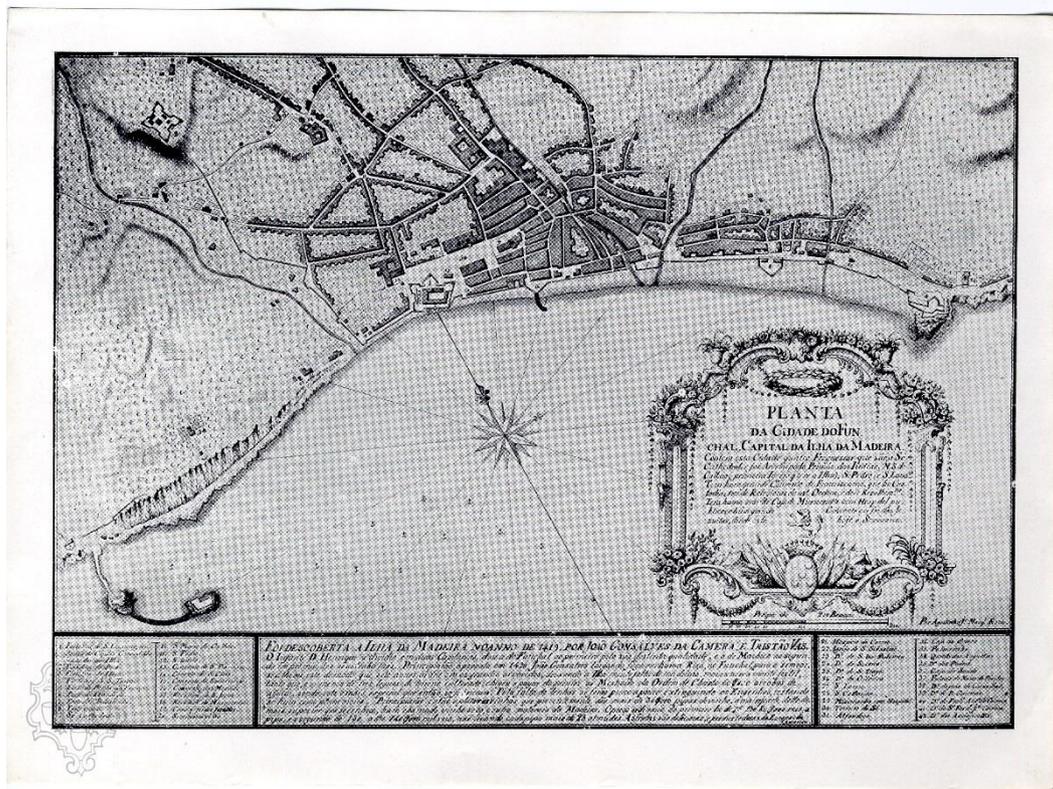


Figura 5: Planta da descoberta da Ilha da Madeira, 1419

trando o norte da ilha e Zarco o sul. O lado sul, desde o início do povoamento, apresentou as melhores condições, uma zona mais abrigada com uma exposição solar propícia para o cultivo próximo de uma ampla baía central, o Funchal. Foram ensaiadas novas culturas sociais e agrícolas que serviram de modelo para os futuros descobrimentos portugueses.

A Madeira foi pioneira em relação à sua exploração agrícola com a criação de terrenos aos socacos, com pequenas construções de quintas agrícolas, interligadas por levadas que permitiam a irrigação dos mesmos. Este sistema agrícola, criado pelos primeiros povoadores, alastrou-se pela ilha toda, sendo que o objetivo das levadas era principalmente levar água do norte para o sul. A produção agrícola da Madeira primeiro surge com a exploração do trigo, produzindo grandes quantidade num período de pouco tempo, na segunda metade do século, começa a surgir a exploração da cana-de-açúcar e a industrialização açucareira através do desenvolvimento de novas tecnologias e modelos de produção. Estes modelos foram aplicados em Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, mas sem sucesso, no entanto a Madeira começa a exportar um século depois para as Caraíbas e América Latina. A Madeira começa a receber novos povoadores de maior estatuto, nomeadamente nobreza europeia e alguns aventureiros, a meados do século XV devido à fama da sua produção agrícola que começava a circular pela Europa, colocando a Madeira no mapa (Carita, 2013, pp. 12–14).

A Madeira consegue durante os séculos XVI e XVII impor a sua posição estratégica e comercial no Atlântico Norte com a introdução da sua produção vinícola resultando no vinho da Madeira. A sua produção iniciou-se juntamente com o trigo, sendo que no final do século XVI a sua exportação estendeu-se até Londres, sendo o vinho referenciado em algumas peças do William Shakespeare. O porto do Funchal tornou-se num dos nós mais importantes de comunicação do Atlântico Norte para as várias armadas com destinos ao Atlântico Sul, à América Central e às Índias. A Madeira passou a ser uma escala obrigatória nos percursos destas armadas, trazendo naturalistas de toda

a Europa a meados do século XVIII para estudar o seu coberto vegetal e a sua paisagem. Os naturalistas ficaram admirados pelas belezas e condições naturais da Madeira, incluindo as quintas localizadas na encosta do Funchal, divulgando as suas impressões sobre a ilha na imprensa e comunicação social, projetando definitivamente a Madeira no Mundo (Carita, 2013, pp. 110–118).

## II.II Origem do turismo terapêutico

A divulgação dos naturalistas sobre as qualidades da Madeira, nomeadamente o clima, o ar, a paisagem e o coberto vegetal e a sua variedade gerou nos finais do século XVIII uma discussão sobre a Madeira como *sanatorium* natural, divulgando a mesma ainda mais. Nas épocas de inverno, os doentes já em fase terminal das classes abastecidas chegavam ao Funchal na esperança de partirem no fim da estação curados das doenças pulmonares que continham. Surge, então, o Turismo Terapêutico também corrente em outros destinos como a Grécia, a Itália e o sul de França, um tratamento que nem todos os médicos acreditavam ser eficaz. A Madeira destacava-se destes outros destinos principalmente pelo coberto vegetal, a temperatura ser constante em qualquer estação, a pureza do ar, a comodidade, a calma e a ausência de animais perigosos como os mosquitos (Carita, 2013, p. 150).

No início de século XIX, o Funchal sofreu duas ocupações inglesas, em 1801 e 1807 por ordem do coronel William Henry Clinton, refugiando-se das guerras que ocorriam. Os ingleses foram refugiando-se também da revolução industrial, instalando-se nas quintas agrícolas do Funchal, utilizando as mesmas como habitação, exploração vinícola e aluguer para os doentes que visitavam a Madeira na esperança de encontrar uma cura.

A Madeira começou a ser recomendada pelos médicos e hospitais ingleses com publicações no *The Illustrated London News* e a criação de guias para os doentes e os seus acompanhantes conseguirem orientar-se após a chegada à ilha. James Yate Johnson foi um dos autores dos guias chamados *handbooks*, na publicação do *Handbook for Invalids and Other Visitors* de 1885 é incluído um mapa do Funchal, identificando as quintas disponíveis para aluguer, distinguindo as mobiladas das não mobiladas. Existindo também a *Planta de Roteiro da Cidade do Funchal* criada em 1910 pelos engenheiros e irmãos Trigo, Adriano A. Trigo e Annibal A. Trigo com as quintas igualmente identificadas. Os doentes podiam escolher quintas de variadas altitudes conforme as necessidades do ar e da temperatura que pretendiam conforme o tratamento mais adequado.

Desde os finais do século XVIII a meados do século XIX, as classes de elite do Funchal começavam a abandonar a cidade matriz, a baixa do Funchal, instalando-se nas antigas quintas agrícolas. As quintas pontuavam o anfiteatro do Funchal, permitindo a visão constante do porto do Funchal, controlando as chegadas e partidas das embarcações. Grande parte da elite que ocupava as quintas era comerciantes vinícolas ingleses, que pelo posicionamento da quinta conseguiam controlar a chegada e saída de mercadoria. As exigências de conforto desta elite eram mais sofisticadas, sendo que alteraram as quintas conforme as suas necessidades. A adaptação inglesa das quintas foi com base em tornar as quintas num espaço mais habitável, retirando a função agrícola do piso inferior e a criação do jardim romântico cheio de plantas exóticas com uma grande paisagem para o Funchal e o Oceano Atlântico. No aluguer das quintas, os enfermos passavam grande parte do seu tempo nestes jardins, que eram espaços fundamentais de contemplação e de repouso.

Com a introdução do motor a vapor nas embarcações nos anos 80 do século XIX, as viagens até à Madeira eram mais rápidas e as estadias mais curtas, de vários meses ou estações a poucas semanas ou dias. Os hábitos das sociedades europeias abastecidas

foram-se alterando para viagens de apenas lazer, criando uma nova imagem para a Madeira, salientando aspetos como a vida urbana cosmopolita ou a temperatura da água em pleno Atlântico. O foco deixou de ser direcionado aos enfermos e ao turismo terapêutico que permaneceu na ilha até inícios do século XX, século em que residiram inúmeros doentes, entre figuras importantes. No final do século XIX, surgem também os primeiros alojamentos coletivos, nomeadamente hotéis. A família *Reid*, os irmãos William e Alfred Reid tiveram uma grande importância na criação dos hotéis da Madeira, incluindo o *Reid's Palace Hotel* no Funchal.

A Madeira continuou a evoluir no século XX, proporcionando as melhores condições aos novos visitantes que vinham de diversas partes do mundo para a ilha. Os meios de transportes até à ilha diversificaram. Em 1921 o primeiro *raid* internacional aterrou no porto do Funchal e o aeroporto foi erguido cerca de quarenta anos depois na freguesia de Santa Cruz. No início do século XX, os desenvolvimentos portuários e turísticos do Funchal permitiram diversos investimentos públicos e privados para a melhoria da qualidade de vida urbana da cidade do Funchal, sendo que o mesmo sempre evoluiu ausente de qualquer planeamento. Surgiram melhoramentos de saneamento básico, redes de transportes, redes de distribuição de água, iluminação pública e reabilitação da zona baixa da cidade. Estas alterações surgem da necessidade de preparar a cidade para receber os visitantes, acabando por beneficiar em simultâneo a população residente, sendo que em 1915 o arquiteto Ventura Terra projetou o primeiro plano de urbanização para o Funchal (Carita, 2013, pp. 157–164).

### II.III A importância dos planos urbanísticos

O Plano geral de melhoramentos do Funchal de 1915 foi desenvolvido pelo arqui-

teto Miguel Ventura Terra e tinha como objetivo pensar a cidade pela primeira vez. Uma cidade que pretendia adaptar-se aos novos fluxos de visitantes e aos seus requisitos, uma cidade moderna e cosmopolita quando na realidade nem uma estrutura viária existia. Ventura Terra parte deste princípio de melhorar as condições existentes do Funchal referindo “*principalmente da resolução do problema de viação pública*”, traçando novas avenidas e *boulevards* arborizadas, rotundas e praças. Neste plano, existiu a preocupação com a salubridade da cidade, levando à reabilitação e correção dos perfis das ribeiras, João Gomes, Santa Luzia e São João. O conforto quer dos residentes e dos visitantes era igualmente importante, projetando parques públicos de recreio e uma nova porta para a cidade, facilitando o embarque e desembarque dos navios. As visões de Ventura Terra para o Funchal nunca foram concretizadas, sendo que a modernização era entendida como a descaracterização da história do lugar na altura. Só através dos planos de urbanização dos arquitetos Carlos Ramos (1931-1933) e Faria da Costa (1959) é que foram aplicadas algumas ideias do arquiteto Ventura Terra, visões que ficaram vincadas nas mentes destes arquitetos (OASRS, 2015, pp. 7–14).

Em meados da segunda metade do século XX, foi elaborado o 1º Plano Diretor Municipal por uma equipa liderada pelo arquiteto Rafael Botelho, um dos primeiros planos diretores portugueses. Este plano, envolvia um debate aberto à comunidade em que vários assuntos foram discutidos, nomeadamente o estado de conservação das quintas madeirenses e a preservação da paisagem do anfiteatro do Funchal, sendo documentado os resultados no livro, *Colóquios de Urbanismo 1969*.

O plano surgiu pela necessidade de controlar a expansão da cidade devido à pressão que o investimento turístico fazia sentir, altura em que começavam a surgir os primeiros alojamentos coletivos turísticos, os hotéis. Foram realizados vários levantamentos do Funchal no século XX percebendo-se assim com maior clareza o crescimento da cidade e os aspetos de maior preocupação, através da recolha desta infor-



Figura 6: Planta da cidade do Funchal, com os melhoramentos projetados, 1915



Figura 7: Planta de ordenamento do 1º Plano Diretor Municipal do Funchal, 1972



Figura 8: Gravura pintada por Andrew Picken da baía do Funchal, 1815-1845

mação foi estipulado um plano de futura expansão, determinando diversas zonas de crescimento, cada uma com características diferentes. Existia uma zona destinada apenas ao turismo que permitia o crescimento de espaços de recreio, mas principalmente de hotéis do lado oeste do Funchal com fácil acesso ao centro histórico (OASRS, 2015, pp. 11–13).

As normas regulamentares do plano nem sempre foram cumpridas, resultando num plano que não foi completamente eficaz em controlar a expansão pelo anfiteatro ou a conservação da paisagem e das quintas madeirenses. Apesar destas questões, o mesmo plano serviu como uma base forte de organização da cidade, que apesar de tudo ainda está em vigor, tendo sido revisto em 1997 e 2017.

Neste plano existiam outras grandes preocupações além da evolução da cidade e do turismo, existia o cuidado de defender e recuperar a paisagem urbana e as poucas zonas verdes que eram os pulmões da cidade. O verde da paisagem tem um papel fundamental para os utentes da cidade: a purificação dos ares, a correção dos microclimas locais, a defesa contra a poluição, a proteção contra os ventos e espaços de cultivo, repouso e diversão. Verdes que estão interligados pelos vales que *“funcionam como manchas verdes radiais...ligando a cidade à paisagem envolvente”*, (C.M.F, 1969, p. 140) em que os *“verdes públicos são poucos e de dimensões reduzidas, adquirindo assim maior importância as quintas e os jardins particulares”* (C.M.F, 1969, p. 134). Uma cidade deve desenvolver-se e deve ser urbanizada, mas com o maior conhecimento do passado e sem destruir a paisagem que define um lugar como o Funchal.

Uma paisagem citada em diversos relatos dos viajantes que passavam ou permaneciam no Funchal, em que *“o horizonte é só um, imenso impossível de abranger inteiramente no mesmo olhar: é preciso percorrê-lo em volta, passando pelo recorte sobranceiro das montanhas e pela planície infinita do mar, em todas as direções”*, (Lamas, 1956, p. 327). Nos *handbooks* para os enfermos que criticavam as más condições



Figura 9: Gravura pintada por Andrew Picken do Funchal vista de São Lazaro, 1815-1845

do centro da cidade, mas referenciavam *“the circular bay of Funchal, the town itself, the valley, and progressive height of the hills, produce an effect it would be vain to attempt a description...the country houses form a very pleasing relief to the verdure with which they are surrounded”*<sup>1</sup> (Adams, 1808, pp. 22–23). Uma paisagem congelada através da pintura ao longo do século por vários artistas como *Max Römer, Andrews Pickin, Frank Dillon e Ellene Florence du Cane*. Desde do século XXI, esta paisagem tem sido experimentada devido à evolução necessária para o turismo, *“um fenómeno que não teve muito em consideração a paisagem e depois a própria tipologia deste tipo de construção de alta densidade”* acaba por anular *“completamente a precessão da topografia, cria uma topografia completamente nova e extremamente violenta, que não tem nada a ver”* (Byrne, 2018)<sup>2</sup> e acaba por anular qualquer relação entre a paisagem, a topografia e o edificado.

---

<sup>1</sup> Tradução livre – *“a baía circular do Funchal, a própria cidade, o vale e a altura progressiva das colinas produzem um efeito que seria inútil tentar uma descrição ... as casas de campo formam um alívio muito agradável à verdura com a qual estão cercadas”*

<sup>2</sup> Entrevista (ver anexo D)





*Figura 10: Fotografia a partir do Pico dos Barcelos*



*Figura 11: Fotografia a partir do Forte*



### III - ARQUITETURA DO TURISMO TERAPÊUTICO

*“the villa draws our attention because through the centuries it has articulate concepts and feelings of different cultures with respect to the dialog between city and country, artifice and nature, formality and informality. The villa gives shape to universal human concerns.”*<sup>3</sup> (Ackerman, 1990, p. 34).<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Tradução livre – “A vila chama a atenção porque ao longo dos séculos articula conceitos e sentimentos de diferentes culturas com relação ao diálogo entre cidade e campo, artifício e natureza, formalidade e informalidade. A villa dá forma às preocupações humanas universais.”

<sup>4</sup> James Ackerman: James Sloss Ackerman (1919-2016), historiador da arquitetura americana formado em *Cate School* em *Carpinteria*, Califórnia em 1937, grande estudioso da arquitetura de Michelangelo, de Palladio e da teoria arquitetônica da Renascença italiana. Frequentou a Universidade em *Yale* (1938-1941), ficando sobre a influência de Henri Focillon. O seu trabalho de pós-graduação foi no Instituto de Belas Artes da Universidade de Nova York (1947-1952), onde estudou com Richard Krautheimer e Erwin Panofsky. Autor de várias publicações, incluindo *Palladio's Villas* (1967) e *The Villa: Form and Ideology of Country Houses* (1990).

### III.1 – Quinta, *chateau* ou *villa*

A quinta ou a *villa* como refere James S. Ackerman vem de uma época anterior à Roma antiga, que conforme o próprio, “*The villa is a building in the country designed for it’s owner’s enjoyment and relaxation*” mas que pode ser também “*the centre of an agricultural enterprise*” em que “*the pleasure factor is what essentially distinguishes the villa residence from the farmhouse and the villa estate from the farm*”<sup>5</sup> (Ackerman, 1990, p. 9).

Relativamente à palavra quinta, existe uma ideologia que está enraizada no contraste entre o rural e a cidade, tendo ambas características contraditórias, em que a própria quinta não pode ser compreendida como uma peça autónoma, ela funciona como um contrapeso aos valores e acomodações da realidade urbana. A quinta permaneceu ao longo dos séculos intacta por ser uma necessidade que nunca se alterou, é uma ideologia que se manteve conforme a evolução da sociedade, “*a vila acomoda uma fantasia impermeável à realidade.*” (Ackerman, 1990, p. 9). O movimento das cidades jardins no século XIV usufrui desta ideologia, reforçando os valores urbanos e rurais.

Ackerman refere que para atingir essa ideologia “*the villa must interact in some way with trees, rocks and fields*”<sup>6</sup> (Ackerman, 1990, p. 22) , é melhor quando as quintas olham para a cidade num promontório alto e distante mas fora dos seus muros. Refere ainda que, na relação da própria quinta com a paisagem, é importante não só olhar para a quinta do exterior, mas também olhar do interior para o exterior.

Em termos económicos, Ackerman estabeleceu duas tipologias: quinta de agricultura e a quinta de retiro. A primeira é autossustentável através da agricultura, uma

---

<sup>5</sup> Tradução livre – “A vila é um edifício no campo projetado para o gozo do dono e relaxamento”, “o centro de uma empresa agrícola”, “o fator de prazer é o que essencialmente distingue a residência vila da fazenda e a Fazenda da propriedade vila”

<sup>6</sup> Tradução livre – “a vila deve interagir de alguma forma com as árvores, as rochas e os campos”

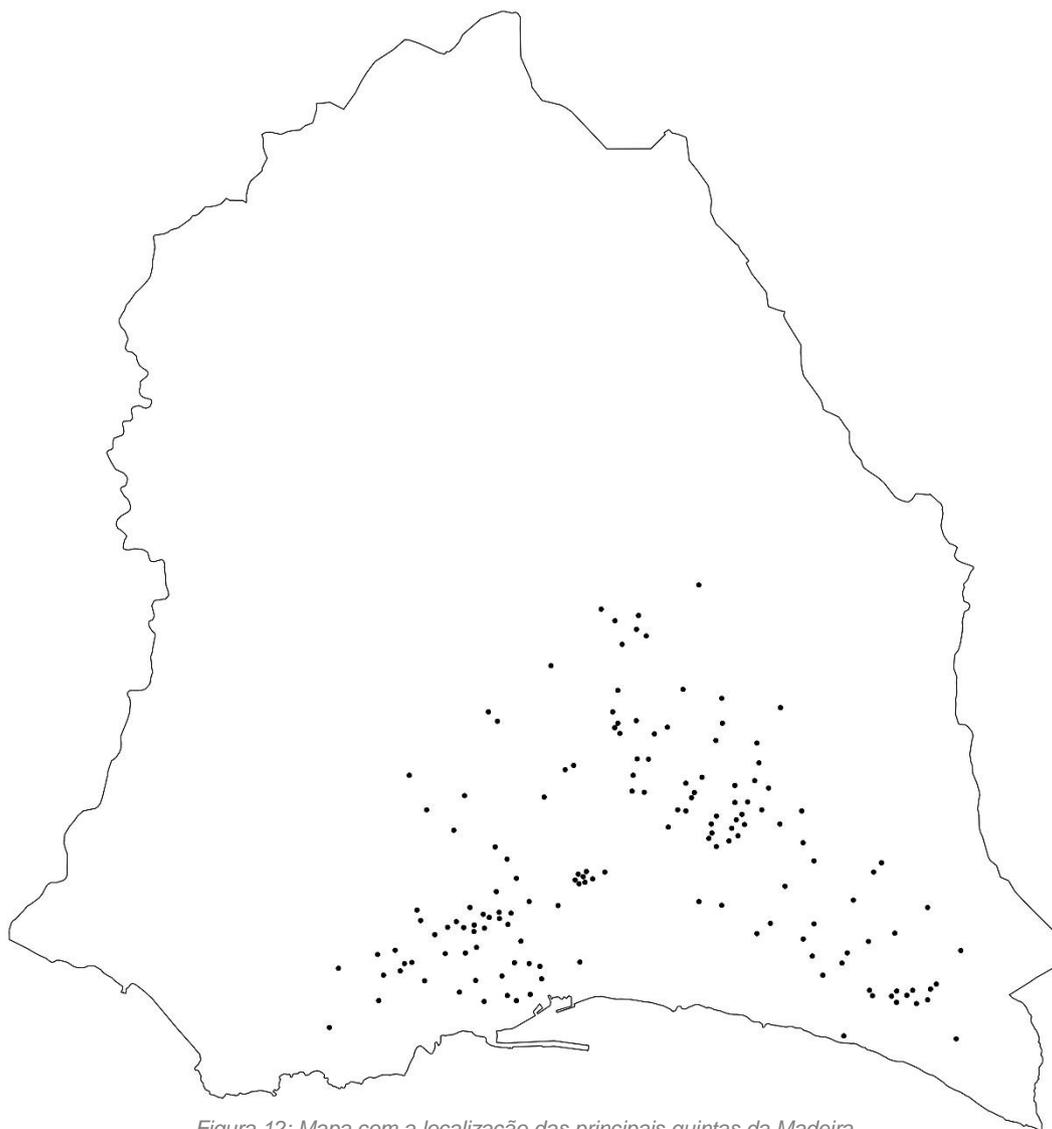


Figura 12: Mapa com a localização das principais quintas da Madeira

vez que produz o suficiente para o próprio consumo e lucra com o restante através da venda em mercados. A segunda tipologia é uma quinta de retiro ou de lazer que pode ter algum cultivo, mas não é dependente do mesmo (Ackerman, 1990, pp. 9–28).

### III.1.1 – Quinta da Madeira

*“...uma unidade rural de dimensões muito variável que inclui terrenos abertos de cultivo, outros delimitados, por vezes murados, para hortas e pomares, construções de apoio à agricultura e à criação de animais, moradias para caseiros ou outros trabalhadores e a casa do proprietário.” (Caldas, 1987, p. 34).*

Conforme a descrição de João Vieira Caldas sobre a casa rural dos arredores de Lisboa no século XVIII, as quintas, *chateaus ou villas* eram principalmente uma unidade de exploração agrícola em que os espaços de recreio apareciam anexadas à casa, espaços como os “jardins, pequenos lagos, fontes ou manchas de arvoredo.” Distingue a quinta do solar já que, na sua opinião, o solar tem uma ligação nobiliária, “conferindo estatuto à família que lhe está ligada” (Caldas, 1987, p. 34). Em relação às quintas da Madeira, apenas as anteriores ao século XIX tinham a semelhança da função agrícola com o recreio anexado, sendo que nem sempre existia a relação nobiliária dos solares. Grande parte das quintas da Madeira foram construídas no século XIX, período de decadência dos morgadios. O que distinguia a quinta da Madeira das quintas continentais era o protagonismo da função recreativa devido às influências inglesas.

No século XIX, com a queda do morgadio e as reformas liberais, libertaram-se as quintas dos seus vínculos, assumindo uma nova burguesia comercial. Foram vendidas ou alugadas, sendo adaptadas ao novo estilo de vida burguês, em que grande parte das quintas foram construídas com estes padrões sociais e espaciais da clientela vitoriana.



Figura 13: Retrato de um grupo a jogar croquet na entrada de uma quinta, 1885 - 1891

Uma unidade descrita no vocabulário madeirense pelo Padre Francisco Augusto da Silva como uma “casa de moradia rodeada de jardim e arvoredo e geralmente circundada por muros, constituindo muitas vezes residências aparatosas.” (Silva, 1950, p. 97) Estas quintas proliferaram a periferia do Funchal no século XVIII, mas sobretudo no século XIX com a *villa* burguesa. As quintas acabam por ser o contraponto que Ackerman refere como a revolução industrial em que o seu maior crescimento coincide com o crescimento urbano, nomeadamente da cidade industrial. As quintas passaram a vincar a função recreativa e de lazer, sendo que por vezes eram residências secundárias (Matos, 2016, pp. 145–150).

Raimundo Quintal sintetiza a quinta madeirense como, “*uma unidade territorial que associa objectivos económicos e recreativos e é formada por três componentes inseparáveis: a casa... os jardins... e a área agrícola e/ou a mata*”, reconhecendo que “*nem sempre é possível tirar rendimento suficiente para manter a propriedade*” (Quintal, 1986, p. 113), salientando a sua função recreativa do século XIX. As quintas adquiriram o maior rendimento através do aluguer no período do turismo terapêutico. No início do século XIX, os enfermos deslocavam-se à Madeira em cura de ares, permanecendo por longas estadias, normalmente a estação de Inverno. Os enfermos podiam usufruir da casa e dos jardins, enquanto o resto da propriedade era reservado ao proprietário. Estas estadias eram comuns pela Europa, os enfermos iam à procura da cura de águas ou de ares. As quintas da Madeira acabaram ligadas ao turismo terapêutico como a tipologia de maior importância, sendo que Rui Campos Matos<sup>7</sup> considera as quintas da Madeira, quintas de *aluguer*.

---

<sup>7</sup> Arquiteto formado pela Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, em 1984, onde fez uma tese de doutoramento sobre *A Arquitectura do Turismo Terapêutico. É atualmente investigador da UMA-CIERL e do CIAUD, com várias publicações sobre a Madeira e o turismo, incluindo o livro publicado em 2013 As Origens do Turismo na Madeira – Quintas e Hotéis do Acervo da Photographia Museu – “Vicentes”*



Figura 14: Retrato de grupo no jardim de uma Quinta

### III.1.II – Espaços de contemplação

Com a chegada dos ingleses, a quinta passou a ser adaptada ao estilo de vida burguês, realçando a função recreativa ou de lazer. As quintas anteriores ao século XIX já tinham a dupla função de centro de exploração agrícola e recreativa, em que para os proprietários eram casas de veraneio. A partir do século XIX as quintas tornam-se sedes de habitação permanente e recreativa, um refúgio da cidade urbana. Os jardins deram uma continuidade à habitação e aos espaços de lazer já existentes, jardins românticos de influência inglesa.

O jardim paisagista de influência inglesa era “*a fundamentally new way of visualizing and expressing society’s relationship to the natural environment*”<sup>8</sup> (Ackerman, 1990, p. 159), um jardim, que anteriormente era uma pequena exploração agrícola, era agora “*a rejection of formality*” (Ackerman, 1990, p. 183). A característica romântica do jardim resultava num desenho moldado às características do sítio, criando um traçado orgânico que contrariava a fachada simétrica da quinta. Maria Lamas, nas suas viagens pela Madeira, refere que “*é impossível não evocar os jardins ingleses, ao percorrer os seus magníficos relvados e ao notar certas particularidades inconfundivelmente inglesas*”, realçando a relação entre as influências inglesas adaptadas “*na disposição do terreno e na flora madeirense*” (Lamas, 1956, p. 311). Jardins que eram os pulmões verdes da cidade do Funchal, um dos diversos sítios de refúgio dos enfermos que “*nos séculos XVIII e XIX, ‘terra de esperanças’, para certos doentes de corpo ou de alma*” (Lamas, 1956, p. 314).

Os espaços de estadia e mediação das quintas eram tipicamente as varandas, o alpendre, as escadas e os jardins, sendo que podia em alguns casos existir o terraço,

---

<sup>8</sup> Tradução livre - “uma forma fundamentalmente nova de visualizar e expressar a relação da sociedade com o meio ambiente natural”



Figura 15: Vista da cidade do Funchal, a partir da Quinta do Monte, 1934

mas não era comum nas quintas. Entre a casa e o jardim existia uma relação constante de mediação entre o exterior e interior, que permitia, nos tempos de chuva, existir uma continuidade entre o alpendre e varanda coberto e o jardim, uma “*espécie de jardim de inverno sem vidraças*” (Lamas, 1956, p. 305). As casas eram cercadas pela natureza do jardim, de forma a proteger a intimidade dos proprietários, uma característica da influência inglesa. Surgem as *bow Windows*, uma outra referência inglesa que, juntamente com os outros espaços, contemplam a paisagem de todo o anfiteatro do Funchal, incluindo o mar.

### III.II – Tipologias de quintas madeirenses

As quintas da Madeira foram sofrendo várias alterações ao longo do tempo, quer no seu aspeto morfológico quer nas próprias funções. Passaram de quintas de apoio à agricultura, a quintas de habitação e lazer para quintas de aluguer do turismo terapêutico, sendo que são “todas diferentes e todas semelhantes no seu ‘estilo’ local, evocador duma sociedade ultrapassada” (Lamas, 1956, p. 303). Rui Campos Matos define, através do seu levantamento exaustivo das quintas da Madeira, três tipologias: a casa rural sobrada anterior ao século XIX, as *villas dos wine merchants* e a casa compacta de origem oitocentista.

#### III.II.I – Características morfológicas comuns

As quintas de aluguer podem ser consideradas arquitetura popular, “cuja arquitetura é feita sem arquitetos” (Matos, 2018), devido ao facto de ser uma arquitetura anónima, os autores e destinatários eram desconhecidos, exceto no caso de algumas



*Figura 16: Dois homens transportando uma rede nos jardins da Quinta Pavão atual Casino Park Hotel*

*villas* dos *wine merchantes*. Conhece-se apenas a elite social que encomendava as quintas e a quem foram alugadas. Dir-se-ia que as quintas de aluguer eram um misto de arquitetura popular e erudita. Uma arquitetura doméstica insular, construída com profundos e vastos conhecimentos do povo, adquiridos ao longo de vários séculos com algumas influências da ‘casa da macaronésia’ transportada para a Madeira pelos primeiros povoadores. As quintas eram encomendadas com apenas um acordo verbal ou escrito, com a ausência do desenho, era pedida apenas uma boa construção, conforme as exigências particulares.

As fachadas das quintas eram planas, com os planos cheios a prevalecerem sobre os vãos com persianas de correr ou de abrir instaladas à face. A simetria era, regra geral, a métrica de composição dos vários elementos da fachada, fossem eles, vãos ou alpendres. Os alpendres e os beirados salientes eram os únicos elementos que introduziam sombra à casa. As cores mais comuns utilizadas nas fachadas eram o branco, o ocre e o rosa-forte, conseguidos através de pigmentos a cal.

A cobertura do edificado era uma característica comum a todos os tipos de quintas, sendo a mesma em telha, incluindo as quintas de influência inglesa. Os telhados regra geral “eram de quatro águas com beirado saliente” (Matos, 2016, p. 174), mesmo em quintas que eram constituídas por vários corpos como a Quinta Avista Navios. O telhado era o tradicional ‘sanqueado’, com uma curvatura das águas que depois era rematado com o duplo ou triplo beirado que substituíam a cornija.

Os principais materiais de construção das quintas de aluguer, incluindo as quintas projetadas pelos ingleses, eram paredes portantes em alvenaria de pedra e estruturas de madeira para suporte de pavimentos e telhados. Nas paredes o basalto cinzento, também conhecido por ‘pedra viva’ ou ‘cantaria rija’, era utilizado porque é a pedra vulcânica mais uniforme e pesada da ilha da Madeira. Esta era assente com argamassa e depois rebocada e caiada. Para além das funções estruturais, a madeira era utilizada nos detalhes



Figura 17: Panorâmica da zona sul da freguesia de São Martinho, vendo-se a cidade do Funchal com as quintas pontuando o anfiteatro, 1934 - 1939

interiores como as escadas, portas, janelas, venezianas e acabamentos. Alguns destes elementos em madeira eram pintados com tinta de óleo ou envernizados. O ferro era outro elemento comum nas quintas de aluguer, utilizado nas guardas das varandas ou suportes dos alpendres. Com a utilização do ferro forjado, o ferro passou a ser um elemento decorativo das varandas e alpendres das villas dos wine merchants.

Em muitas quintas, a casa e o jardim localizavam-se em terrenos esculpidos horizontalmente aos socalcos apoiados por muros de suporte, uma configuração comum na paisagem da Madeira. Devido a esta configuração, os jardins das quintas de aluguer eram pequenos, em que as quintas de influência inglesa eram exceção. Os jardins das primeiras quintas foram perdendo as suas funções de cultivo e passaram a ser espaços que rodeavam as casas, protegendo a sua intimidade. Além desta função, o jardim também era utilizado para fins de lazer e como “instrumento de cura” (Matos, 2016, p. 171), onde os enfermos repousavam, absorvendo o ar puro. Outra característica dos jardins era as alamedas que conduziam até à entrada formal da casa, rasgando os muros altos de alvenaria que vedavam as quintas. Os jardins eram irregulares, um contraste evidente com a regra de simetria das fachadas das casas.

Os espaços de mediação eram fulcrais para os enfermos, utilizados o ano todo como locais de estadia exterior, juntamente com os jardins. As varandas, nas suas variadas formas, eram comuns em todas as quintas de aluguer, tendo por vezes ligação ao alpendre. O alpendre, presente em todas as quintas com escada exterior, existia de várias formas: rodeava apenas uma fachada da casa, várias fachadas ou ligava com a varanda. O alpendre era coberto por chapas de zinco ou revestido a telha, protegendo os enfermos da chuva e do sol, sendo que o clima permitia a utilização destes espaços o ano todo. Os terraços eram quase extintos devido à morfologia das coberturas em quatro águas (Matos, 2016, pp. 163–177).



Figura 18: Planta de cobertura a rés-do-chão da Quinta Avista Navios (tipo 1), escala 1:500

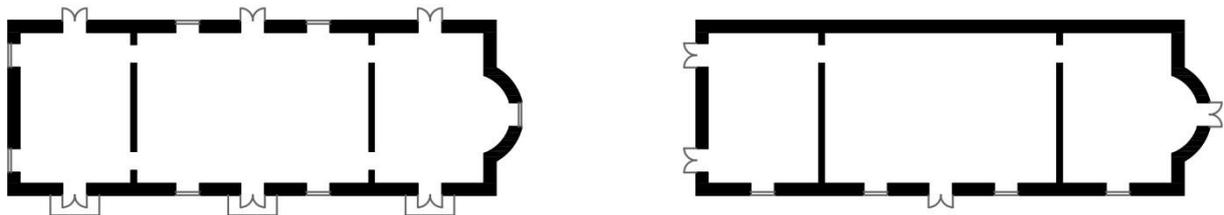


Figura 20: Planta de cobertura a rés-do-chão da Quinta da Calaça (tipo 2), escala 1:500

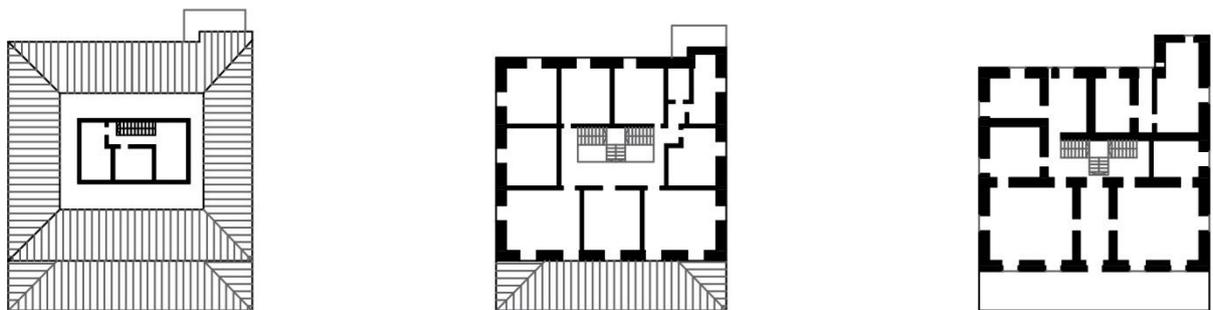


Figura 19: Planta de cobertura a rés-do-chão da Quinta das Almas (tipo 3), escala 1:500

### III.II.II – Tipo 1, a casa rural sobrada anterior ao século XIX

Esta tipologia era caracterizada por uma construção em dois pisos, o térreo que servia de apoio à agricultura, a 'loja' e o piso nobre localizado no piso superior. As ligações destas duas cotas eram feitas por uma escada exterior que na cota superior resulta em alpendre. A cozinha localizava-se por norma no piso inferior, mas podia por vezes ocupar o piso nobre. A casa, normalmente de planta retangular ou quadrada, estabelece uma ligação direta entre os vários compartimentos (tal como na Quinta das Angústias localizada na Avenida do Infante, Funchal), sendo que o corredor foi introduzido posteriormente.

A capela era uma particularidade mais comum desta tipologia, por vezes integrada na própria fachada da casa (Quinta das Angústias) ou como um elemento autónomo (Quinta das Cruzes localizada na Calçada do Pico, Funchal). As capelas normalmente eram um elemento anterior à casa que transparecia uma dissemelhança na fachada que salientava essa construção ao longo do tempo (Matos, 2016, pp. 203–206).

### III.II.III - Tipo 2, as *villas* dos *wine merchants*

As influências dos ingleses criaram uma segunda tipologia, que surgia através da adaptação da tipologia anterior, conforme as exigências de um modo de vida e conforto elevado dos *wine merchants*. Estas quintas continuavam com os aspetos vinculados em termos do modo de construção, sendo que as relações da quinta são repensadas como um lugar de habitação e lazer com disfruto da paisagem. A quinta perde a função de exploração agrícola, sendo que a 'loja' passa a ser um piso habitável, associado aos novos espaços de estar como a sala de jantar, biblioteca, etc. Consequentemente começam a aparecer em algumas quintas duas escadas interiores, uma principal e outra de serviço, sendo que a exterior se mantém em conjunto com o alpendre. Começa também a surgir o

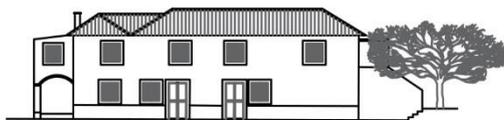


Figura 21: Alçado principal da Quinta Avista Navios (tipo 1), escala 1:500

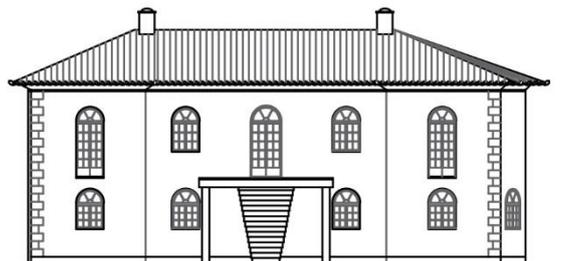


Figura 22: Alçado principal da Quinta da Calaça (tipo 2), escala 1:500



Figura 23: Alçado principal da Quinta das Almas (tipo 3), escala 1:500

corredor como elemento de ligação entre espaços que são relacionados com o jardim. Desta relação surge as *bow e bay windows* que são absides salientes nas fachadas, dando origem a plantas retangulares ou elípticas. Uma grande influência dos ingleses foi o jardim de mentalidade romântica que se estende pelo lote abrigando os vários elementos que compõem o complexo da quinta, todos interligados por pequenos arruamentos. Um jardim assimétrico que contradiz a simetria das fachadas, que é utilizado não só para contemplação, mas como instrumento de cura (Matos, 2016, pp. 177–203).

Todas estas quintas procuram uma relação contemplativa com a natureza, em que “a inserção da casa em contextos que convidavam a meditar sobre a alma da Natureza e a natureza da Alma” (Matos, 2016, p. 191). A própria torre mirante com esta função de contemplação e observar os navios que circulavam na baía do Funchal.

#### III.II.VI - Tipo 3, a casa compacta de origem oitocentista

Esta tipologia marca o fim da evolução das quintas da Madeira e acaba por ser o resultado das duas anteriores tipologias, uma fusão entre a arquitetura popular da Madeira e o conhecimento/exigências da elite Inglesa.

A quinta surge como um refúgio da vida urbana, o jardim garante a salubridade, protegendo a vida privada e intimidade dos habitantes. O jardim continua a relacionar-se com os espaços comuns da casa, sendo que a *bow windows* já não se encontra nesta tipologia. Em termos de planta mantém-se uma forma retangular ou quadrada compacta com as circulações através do corredor longitudinal e a eixo com as duas escadas interiores. A zona de serviço é isolada das áreas comuns, sendo que o sótão é reservado aos empregados e os quartos principais encontram-se no piso inferior. Em termos do número de pisos, de fachada e de cobertura, mantêm-se as características morfológicas comuns referidas anteriormente (Matos, 2016, pp. 208–210).





*Figura 24: Fotografia a partir do miradouro da Quinta das Angústias*



*Figura 25: Fotografia a partir do miradouro da Quinta das Cruzes*



## IV – QUINTAS DO SÉCULO XXI

*“Hoje, sem exagero, o Funchal é uma cidade de quintas! Fora do centro e dos velhos bairros chegados à beira-mar, as ruas correm, algumas inteiramente, por entre os seus muros, todos debruados de trepadeiras coloridas.” (Lamas, 1956, p. 305)*

#### IV.1 - Ética de reabilitação

*Conservar o quê? | conservar porquê? | conservar para quem? | conservar como?*

Posteriormente, à análise dos casos de estudo, surgiu a necessidade de clarificar alguns conceitos de reabilitação que estão representados nas quintas da Madeira de várias formas.

A preservação envolve a manutenção e conservação de um objeto qualquer seja um edifício, uma joia ou uma peça de cerâmica. No caso das quintas da Madeira envolve cuidados sazonais como a limpeza do conjunto, casa-mãe e jardins. Estes pequenos cuidados de manutenção permitem que o objeto mantenha a integridade. Foram poucas as quintas que foram preservadas após a evolução do turismo terapêutico, sendo que já não eram rentáveis. Tinham um grande custo de manutenção em que o rendimento do aluguer e cultivo não cobriam, por ser pouco ou inexistente.

O restauro surge com a necessidade de repor devido ao desgaste ou ao acidente, em que o repor é igual ao anterior - é um gesto de preservação do património. No caso das quintas da Madeira, existem algumas que são consideradas património. Algumas reposições são dispendiosas devido à complexidade das técnicas de moldar ou aplicar certos materiais por requererem um método tradicional. Na ausência destas valências, recorreremos a materiais e tecnologias compatíveis com o restauro de forma a não descaracterizar o objeto (Mestre, 2002, p. 316). Podemos restaurar o objeto de forma a manter as suas características construtivas primitivas, mas isso não implica que seja uma peça museológica. Podemos atribuir novas funções para além da habitação privada ou turística, como espaços culturais ou até mesmo serviços.

A alteração surge em duas circunstâncias, nas dimensões dos espaços e dos usos e/ou vãos e nos materiais utilizados. A alteração é comum nas quintas da Madeira, sendo que algumas foram e ainda podem ser adaptadas para novas funções. A alteração exces-



Figura 26: Pestana Casino Park Hotel onde existia as Quintas Vigia, Bianchi e Pavão.

siva requer uma especial atenção para a potencial descaraterização do objeto. Algumas alterações comuns nas quintas são a subdivisão dum espaço e a materialidade da caixilharia. Uma das primeiras alterações foi executada pelos próprios ingleses que transformaram o piso inferior num piso habitável.

A ampliação surge pela necessidade ou possibilidade económica do proprietário, compreendida com uma nova construção autónoma ou um acrescento a um objeto já existente. Nas quintas, as ampliações foram surgindo ao longo dos séculos por anexos que por vezes eram maiores e mais destacados da casa-mãe. As ampliações deste tipo acabam por resultar em objetos que não se integram com o conjunto nem correspondem a uma evolução natural, respondem apenas às necessidades daquele momento. Neste século, continua a existir ampliações através da construção de um novo objeto, que costuma ser escondido no jardim longe da casa-mãe. Continua a existir um desequilíbrio entre o antigo e o objeto novo. Acredito que o objeto possa ter dimensões maiores que a casa-mãe, desde que exista uma distância para que o novo não seja dominante, visto que a casa-mãe é apenas um dos diversos elementos que compõem uma quinta da Madeira.

A demolição é o apagar de um objeto, é um ato radical que surge pela necessidade de criar espaço para uma construção maior ou pela insensibilidade da memória que continha no sítio (Mestre, 2002, p. 317). Até ao Primeiro Plano Diretor de 1972, as quintas da Madeira tinham apenas valor pelos pulmões verdes que os jardins criavam na cidade. Daí resultou num grande número de demolições de quintas, uma vez que o valor do restauro era elevado e a demolição era mais eficaz. Um exemplo conhecido foi a demolição da Quinta da Vigia, Quinta Bianchi e a Quinta Pavão para dar lugar ao Pestana Casino Park Hotel do Oscar Niemeyer em 1966. A casa-mãe e os anexos foram demolidos, dando origem a um hotel, um casino e um centro de congressos, contornando os jardins que foram conservados. Estas demolições criam um sentimento agridoce, no entanto o projeto é de grande qualidade e um exemplo pioneiro para esta tipologia de alojamento tu-

rístico da Madeira.

#### IV.II – Casos de estudo

Os casos de estudos (ver anexo C) foram selecionados através de alguns critérios de forma a serem adequados para o desenvolvimento deste estudo. O mais importante aspeto era selecionar quintas do Funchal pelo facto de o próprio estudo albergar esta zona. Nestas quintas tinha que existir intervenção, seja através da conservação, restauro, alteração, ampliação ou demolição. Nos três estudos de casos escolhidos, cada um abrange um ou mais métodos de reabilitação redundante num método em específico. A funcionalidade atual da quinta era importante para a escolha, pois tinha que se relacionar com o turismo, quer fosse como espaço de alojamento ou como espaço cultural. A própria implantação na cidade era igualmente importante, visto que apenas as quintas inseridas no centro da malha urbana da cidade foram consideradas (ver anexo B) e não as que se situavam na periferia.

Os critérios de análise foram iguais para cada estudo de caso de forma a ser imparcial, baseou-se, assim, num enquadramento da história de cada quinta, na compreensão da sua evolução até à atualidade e no contributo histórico para as quintas da Madeira, como quinta agrícola, quinta de aluguer ou ambas. A paisagem foi também analisada de forma a perceber se a paisagem interior-exterior e exterior-interior alterou e a relação com o sítio, percebendo-se deste modo o impacto que teve para a cidade e a quinta em análise. A análise da evolução da cidade e o impacto que podiam provocar ou não nas quintas, se o próprio conjunto foi ou não alterado conforme esta evolução acelerada. Perceber se o próprio turismo alterou a lógica das quintas da Madeira e perceber a relação do conjunto com o sítio, como a quinta se integrava anterior e posterior-

mente ao projeto ou até mesmo se as alterações do sítio afetaram a relação com a quinta. Existe ainda a relação entre o conjunto, nomeadamente a casa-mãe, os jardins e/ou a mata com a nova intervenção. O volume, a materialidade, o programa, o tipo de intervenção e a abordagem são alguns aspetos que foram considerados.

Os resultados foram conseguidos através da análise de fotografias antigas e atuais e de desenhos técnicos facultados pelos ateliês de arquitetura, acrescentando-se ainda visitas ao terreno de forma a analisar os estudos de casos *in loco* e a realização de entrevistas aos próprios arquitetos (ver anexo D).



IV.II.I – QUINTA DA CALAÇA | Gonçalo Byrne

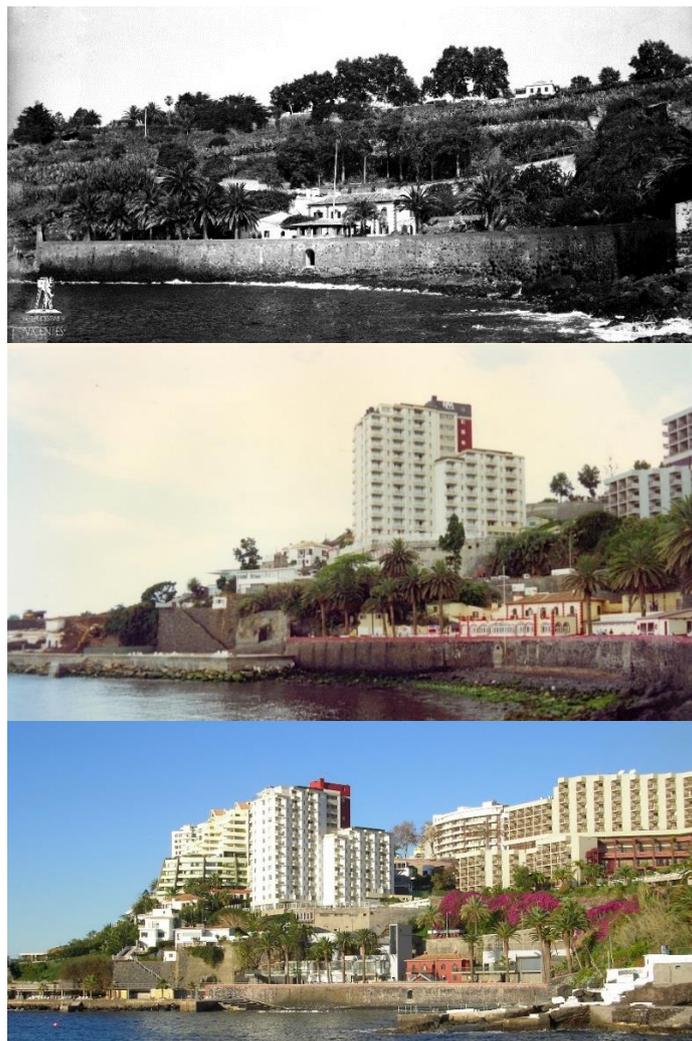


Figura 27: Evolução da Quinta da Calação, 1957, 1998 e 2018 respetivamente.

Henry Veitch (1762-1857) foi um comerciante de vinhos e um *amateur-architect* que em 1836 construiu a Quinta da Calaça na rua homónima, uma habitação para o seu filho Robert. Veitch construiu várias quintas importantes na Madeira, incluindo a Quinta do Jardim da Serra e a Quinta Cossart (Matos, 2016, p. 178). A quinta serviu como exploração agrícola durante vários séculos até à alteração de uso no dia 9 de maio de 1954, a permitir o funcionamento do Clube Naval do Funchal (C.N.F.). O Clube Naval é uma associação desportiva, recreativa e de instrução na prática do desporto, sobretudo náutico, fundado no dia 1 de maio de 1952, em que atividade do clube iniciou-se na Capitania do Porto do Funchal. Ao longo dos anos, com a evolução do clube, a quinta foi ampliada permitindo a prática de diversas modalidades desportivas evoluindo da prática inicial do desporto náutico. Existiu ainda o alargamento da estrada de acesso à quinta de forma a permitir a circulação de automóveis.

No fim do século XX, o arquiteto Gonçalo Byrne intervém na Quinta da Calaça, uma intervenção cujas intenções foram “*trabalhar a topografia humanizada*” e “*construir um novo programa de maneira a meter em evidência a centralidade original, que era a relação da casa com o muro*” (Byrne. 2018). A intervenção abrange a conservação da casa-mãe, a demolição de anexos e a criação de um volume em ambos os lados da casa-mãe: um com as zonas sociais e outro com as salas desportivas. Na sua vertente recreativa e de lazer o C.N.F., estabelece uma oferta diversificada e importante para a população, mas também do ponto de vista turístico. Os utilizadores do clube podem usufruir dos seguintes serviços: complexo balnear com acesso ao mar e piscinas de água salgada, campo de futebol, courts de *squash*, sauna e banho turco, ginásio ao ar livre, centro de mergulho, restaurante, esplanada e salas polivalentes para eventos diversos como exposições e conferências.

A paisagem é o elemento determinante das quintas da Madeira, a vista do vale do Funchal com o Oceano Atlântico em segundo plano, sendo este o cenário típico de qual-

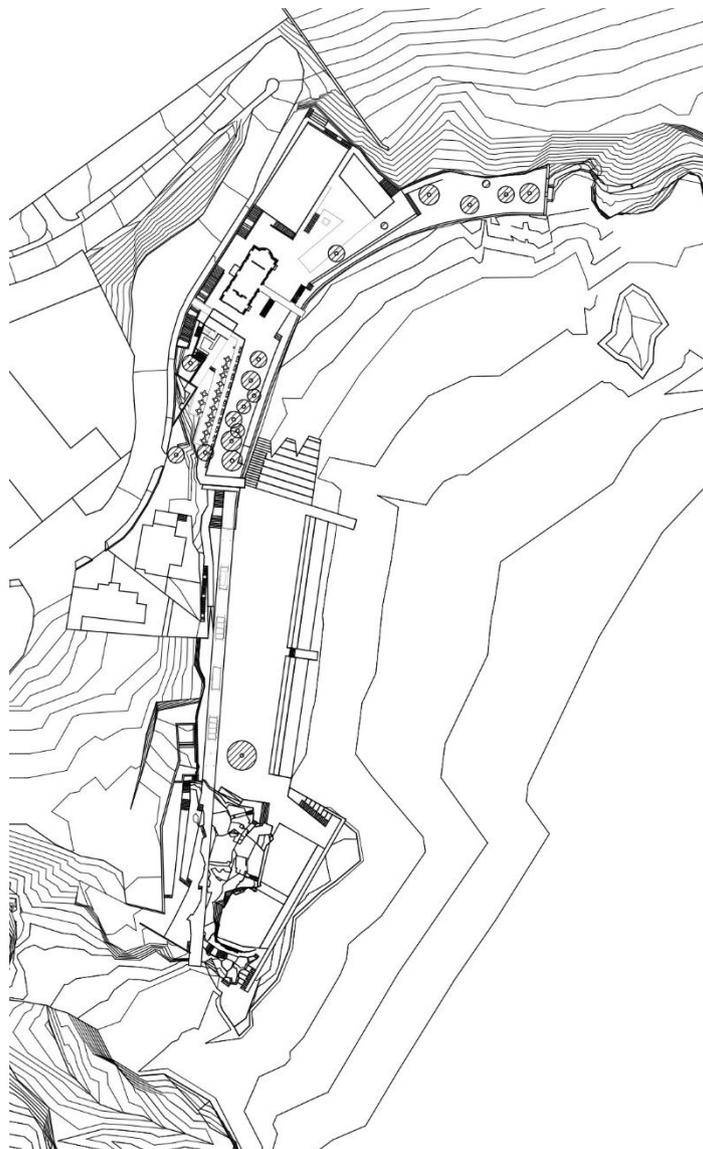


Figura 28: Planta de implantação da Quinta da Calaça, escala 1:2000

quer quinta do Funchal. Na quinta da Calaça existe uma mudança do paradigma, com a contemplação apenas do Oceano Atlântico, sendo que o próprio conjunto está orientado nesse sentido, casa-mãe, jardins e/ou mata. Esta contemplação é devido à implantação da própria quinta, sendo que a mesma se encontra quase à cota do mar.

Com a evolução da quinta ao longo dos séculos, a paisagem tem sido uma variável constante, sendo que a paisagem interior-exterior pouco alterou em comparação com a paisagem exterior-interior. A paisagem do interior-exterior tem, como já referido, o Oceano Atlântico e o Ilhéu do Gorgulho, sendo que o mesmo tem sido um ponto de foco, enquadrando com a casa-mãe. Os momentos de apreciação da paisagem surgem de diversas formas durante os vários séculos. A intervenção do Arquiteto Gonçalo Byrne projeta espaços de paragem e contemplação nos corpos novos. A casa-mãe marca a entrada do projeto e, quando circulamos, o oceano e o ilhéu estão sempre enquadrados quer pela *bow window* quer pela porta.

A paisagem exterior-interior é que sofreu inúmeras alterações, estando a quinta numa zona turística projetada no primeiro Plano Diretor Municipal de 1972. No fim do século XX, começa a surgir um grande número de edificações hoteleiras de grandes dimensões enclausurando o conjunto num espaço limitado.

Ao longo das várias fases da quinta, a evolução da cidade tem sido cada vez mais evidente, sendo que, no início do século XX, a quinta estava isolada e só a meados do século começaram a surgir pequenas construções pontuais. No fim do século XX e início do século XXI, surgem com uma velocidade rápida as unidades hoteleiras atrás da quinta numa cota superior junto à Rua da Quinta da Calaça. Sendo que a mesma, a meados do século XX, apenas permitia acesso à quinta como o próprio nome indica, que atualmente é uma rua bastante movimentada quer em termos pedestres e rodoviários. Uma das grandes consequências desta evolução foi a perda do jardim, sendo que apenas restam

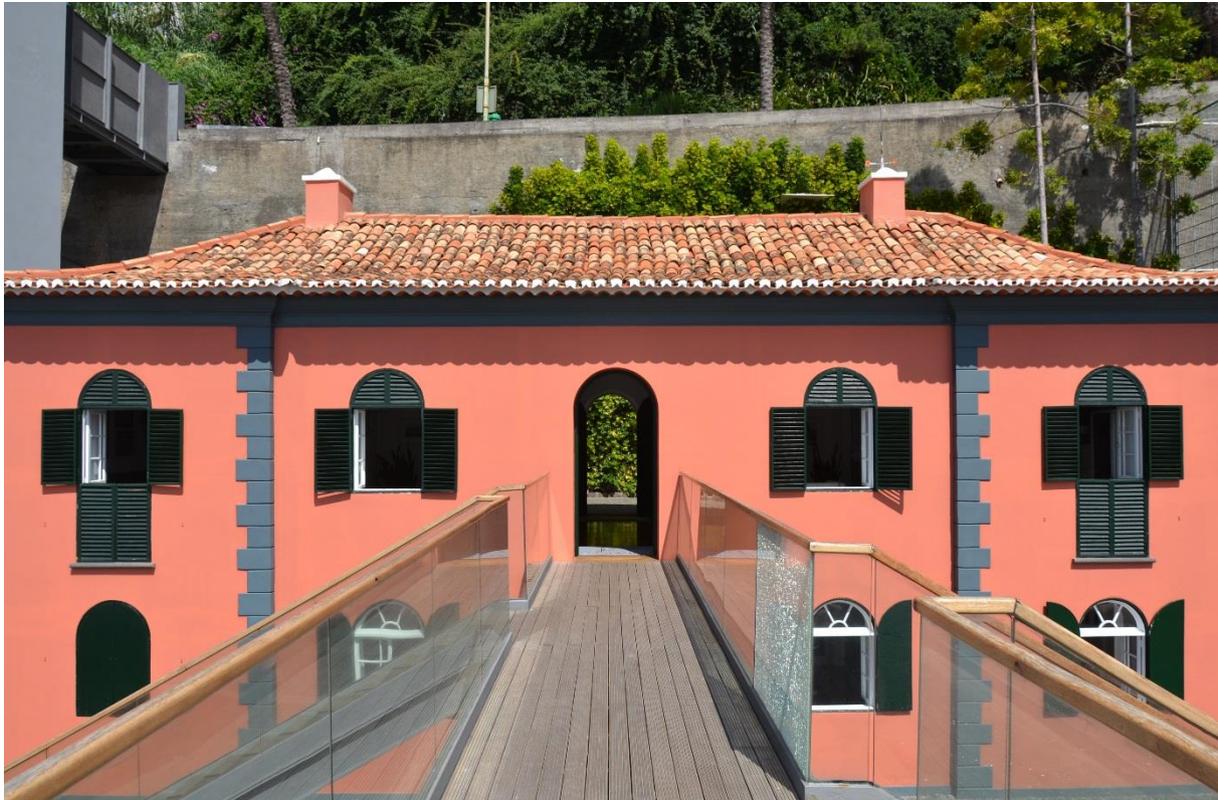


Figura 29: Entrada da Quinta da Calaça pela casa-mãe.

as palmeiras icónicas presentes desde o início da construção da quinta.

A casa-mãe marca a entrada para o complexo e serve como um pequeno espaço museológico, expondo a história do próprio clube naval. O impacto da entrada pela casa-mãe reforça a importância da mesma e inconscientemente leva-nos a pensar não só sobre a história do clube, mas também sobre a própria quinta em si. Este momento da entrada permite ainda a contemplação do oceano e do ilhéu que marcam esta quinta desde início, percebendo a importância da relação da água na paisagem desta quinta. Os espaços exteriores de contemplação consistem apenas nos espaços de terraço dos dois blocos novos e nos espaços de permanências, sendo que a própria casa-mãe já não contém as antigas varandas ou o alpendre.

O edificado projetado pelo arquiteto mantém a relação com o oceano de uma forma geral através de grandes vãos na fachada principal do bloco de serviços que integra um restaurante. No bloco oposto, existe um grande vão que liga a sala de desporto ao oceano. Os espaços de permanência neste projeto servem para unir os vários blocos e a casa-mãe de forma que ambos possam usufruir dos mesmos sem qualquer delimitação. São introduzidos novos espaços de permanência que permitem a ligação direta com o mar num plano central para além do lateral que já existia.

Quando chegamos do oceano à quinta da Calaça, a casa-mãe destaca-se de toda a sua envolvente pelo facto de a cor denunciar a sua presença entre os dois novos blocos e das unidades hoteleiras que ficam num segundo plano. A cor cinza dos novos blocos em betão camuflaram-se no muro de suporte e entre a envolvente de forma que só a casa-mãe seja destacada.

Até meados do século XX, a quinta existia na sua forma primitiva, sendo que ainda não integrava o Clube Naval do Funchal. Na segunda metade do século, começaram a surgir as intervenções à quinta, adaptando a mesma às novas funções de um clube naval,



Figura 30: Materialidade dos novos edifícios, betão com cofragem de madeira.

incluindo a conservação, a demolição e ampliação de espaços. O acumular das intervenções à casa-mãe resultou na descaracterização do conjunto da quinta. Os anexos acabavam por ocupar o espaço todo que ainda existia na quinta e acrescentava ao *ruído* que a evolução da cidade já tinha manifestado.

A primeira abordagem do arquiteto Gonçalo Byrne foi retirar as construções precárias acumuladas ao longo dos anos de forma a *“repor este sistema muro casa e fazer com que o programa não impeça essa leitura”* (Byrne, 2018). A intervenção acaba por incluir a conservação da casa-mãe, a demolição de anexos ao seu redor e a criação de dois blocos. O conjunto da quinta, neste caso, a casa-mãe e os novos blocos funcionam de forma independente, conjugando as várias funções entre si através dos espaços de permanência.

Os dois blocos novos rodeiam a casa-mãe mantendo um afastamento em que a volumetria dos mesmos é quase idêntica ao da casa-mãe, paralelepípedos. Além de conterem formas parecidas, a altura não ultrapassa a da casa-mãe de forma a não diminuir a importância de cada bloco, sendo que a casa-mãe acaba por se destacar pela morfologia e a cor. Existe apenas uma relação visual entre ambos os blocos.

O Clube Naval do Funchal é um núcleo de desenvolvimento social, cultural e desportivo importante para a cidade que tem crescido ao longo dos anos. A sua procura levou ao crescimento rápido do clube que resultou na descaracterização da quinta, problema comum nas quintas da Madeira. A proposta de “limpeza” permite voltar à forma primitiva e pensar na relação do conjunto conforme o século XXI. As novas funções que as quintas podem ter, nomeadamente a casa-mãe, para além de alojamento turístico. No caso da Quinta da Calaça, houve a preservação da casa-mãe mantendo grande parte das materialidades, alterando apenas a função, sendo que a própria casa-mãe marca a entrada para o clube e mantém a memória da quinta corrente.



*Figura 31: A integração de materialidades modernas com materialidades comuns da Madeira como a pedra negra.*

Os jardins foram rendidos com a evolução da cidade, sendo que a Quinta da Calaça perdeu todo o espaço verde anteriormente à intervenção. É evidente na proposta do Gonçalo Byrne uma tentativa de criar novos espaços de permanência, construídos e relacionados com o oceano. O conjunto desta quinta iniciou-se como casa-mãe, jardins e/ou mata e altera-se para casa-mãe, novos edificadados, espaços de permanência construídos e Oceano Atlântico. Estes novos espaços acabam por criar um novo jardim construído que incorpora as palmeiras-das-Canárias, presentes desde o início na Quinta da Calaça.

Em relação aos objetos novos construídos, existe uma ligação apenas visual entre o novo e o antigo feito através da cota dos espaços de permanência de cada edifício e a casa-mãe. A volumetria reflete a da casa-mãe, um paralelepípedo que não excede os sete metros. Os planos verticais encerados por um plano horizontal que incorpora a torre do elevador levantam algumas questões de integração no conjunto, entra em conflito com a casa-mãe pela escala e proximidade à mesma. A integração da pedra natural de origem vulcânica existente na ampliação do espaço balnear oeste da casa-mãe conserva as origens da ilha e a memória do sítio, em contraste esta memória dissolve-se no resto do projeto. A introdução do betão em conjunto com o basalto na construção do corpo oeste permite uma harmonia do tradicional com o moderno. No corpo a leste da casa-mãe é apenas betão com detalhes em metal. Nos pavimentos, sobressai o cimento na cota inferior sendo que, na cota superior, ainda existe a calçada madeirense. Infelizmente, esta perda provavelmente deve-se aos requisitos de comodidade que um espaço com estas funções deve oferecer.

A Quinta da Calaça mantém as características das quintas referidas, mas de uma forma atual conforme uma nova função e necessidades da cidade.



Figura 32: Construções de grande altura em segundo plano da Quinta da Calça.



Figura 33: Ilhéu do Gorgulho, referência permanente desta intervenção.



IV.II.II – QUINTA DA CASA BRANCA | João Favila Menezes



Figura 34: Edifício da 1ª intervenção de 1994 com os quartos no piso inferior.

A Quinta da Casa Branca situa-se na rua homónima, estando associada à família Leacock desde o século XVIII. A família chegou a ser um dos maiores produtores de vinho na Madeira até inícios do século XX. Originalmente, a quinta era uma exploração agrícola de vinha e posteriormente de banana, existindo ainda a produção de leite e uma fábrica de manteiga, resultado das primeiras construções anexadas. Em meados do século XX, Edmund Erskine Leacock, então proprietário, encomendou aos arquitetos Leonardo de Castro Freire e Evelyn N. Cowell a construção de uma nova casa-mãe e a criação dum jardim, respetivamente. Em 1947, iniciou-se a construção da casa-mãe seguida pelo jardim. Nesta altura, a quinta ocupava uma área de 66.000m<sup>2</sup> com um arboreto na extremidade norte, a plantação de bananeiras e a exploração pecuária.

Na década oitenta, a Quinta da Casa Branca foi dividida em duas partes, a casa-mãe que continuava como a Quinta da Casa Branca e a área a norte, passando a chamar-se Estalagem da Quinta da Casa Branca. Em 1994, surgiu a primeira intervenção do arquiteto João Favila Menezes, um novo volume de alojamento e o restauro dos equipamentos rurais para zonas de serviço, restaurante e infraestruturas. Posteriormente, ocorreu a intervenção das arquitetas paisagísticas, Filipa Cardoso de Menezes e Catarina Assis Pacheco, que acrescentaram plataformas relvadas intercaladas por canteiros. Em 2001, foi construído um novo volume em consonância com o anterior também da autoria do arquiteto João Favila Menezes em que o conceito de ambas as intervenções era “*construir num jardim e enraizar um hotel*” (Menezes, 2018). Atualmente, a Quinta da Casa Branca é composta pela casa-mãe, os novos volumes, um bar, um pavilhão, uma *pool villa*, uma piscina, uns anexos de apoio, o arboreto, uma área agrícola e o jardim. Em 1999, a intervenção arquitetónica ganhou o “Prémio de Arquitectura da Cidade do Funchal” e desde 2003 é membro de *Small Luxury Hotels of the World*.

O vasto verde do jardim, do arboreto e das bananeiras, que ainda hoje permanece numa escala figurativa, cria uma barreira natural para o resto da cidade que está próxima.

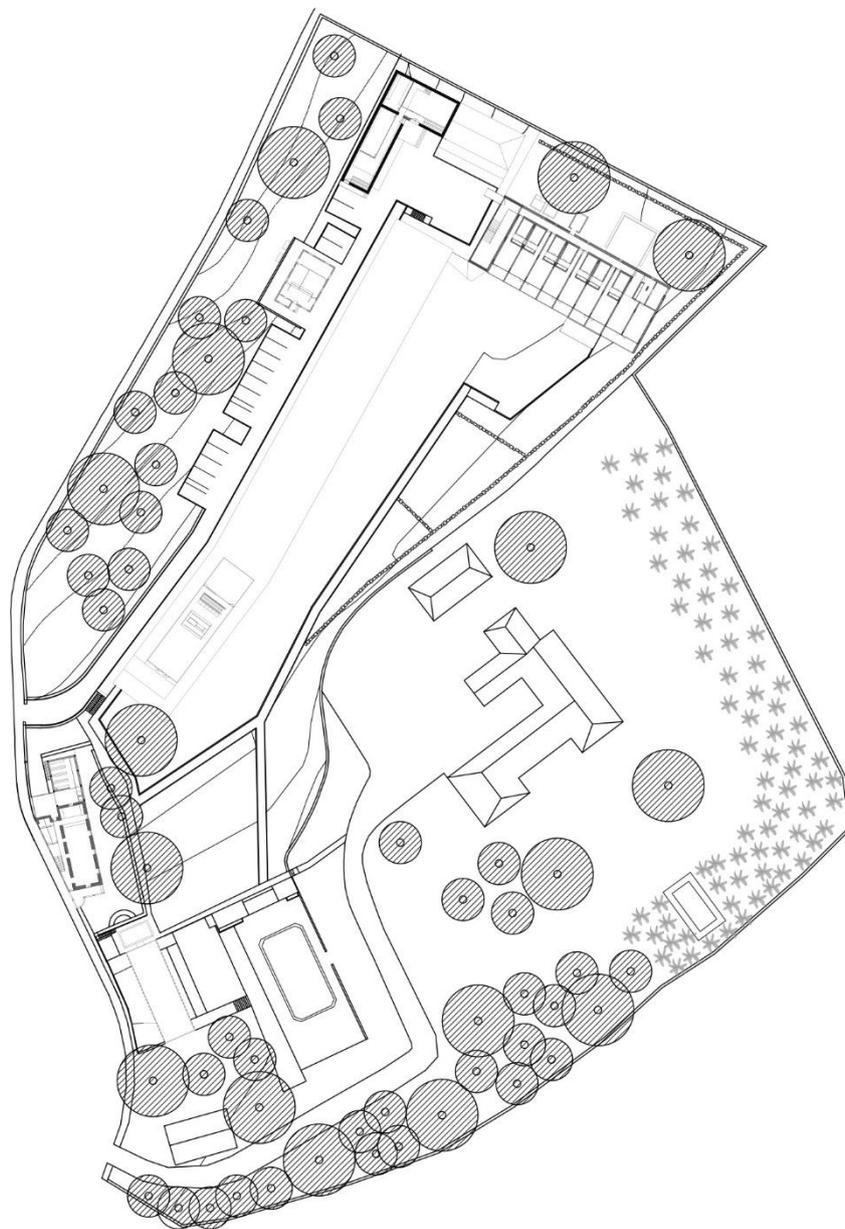


Figura 35: Planta de implantação à cota 78 da Quinta da Casa Branca, escala 1:2000

Uma proteção natural desenhada pelo homem de uma forma romântica, permitindo uma relação incluída entre todo o conjunto da Quinta da Casa Branca. Existem poucos momentos em que a quinta desdobra para a paisagem do oceano sendo que se encontra numa cota relativamente baixa do anfiteatro do Funchal. Os jardins, estando em duas cotas, permitem que numa cota superior exista uma relação com a paisagem exterior e na cota inferior com a paisagem interior, uma relação típica da paisagem das quintas da Madeira: montanhas, cidade e oceano.

Com o crescimento do turismo na Madeira e a procura de curtas estadias, as quintas não tinham forma de competir com as grandes unidades hoteleiras e acabavam por não serem rentáveis. A quinta da Casa Branca é um dos diversos exemplos de quintas que sofreram com esta pressão turística, reagindo de forma a tornar o espaço rentável, alterando o uso inicial de quinta agrícola para um espaço de alojamento, mantendo as características de uma quinta da Madeira.

A quinta encontra-se numa zona turística da cidade com grande movimento viário, estando rodeada por diversos serviços, que incluem várias unidades hoteleiras e outras quintas. A área da quinta manteve-se, pois sofreu pouco com a evolução da cidade e com o tempo, protegendo-se entre os seus jardins murados, continuando com a sua função inicial de agricultura – agora figurativa - e a nova função de alojamento. Os seus arredores, indubitavelmente, sofreram com a evolução da cidade, uma vez que, no lado oposto do quarteirão da Quinta da Casa Branca, encontra-se um nó rodoviário de algumas dimensões que alterou a intensidade do lugar.

Cada edificado deste conjunto, incluindo a casa-mãe, as construções pontuais e os novos edifícios, estão dispersos pelo vasto jardim da quinta. Um jardim denso, pintado de várias cores, através da diversidade do arborizado e flores típicas da Madeira criam um



Figura 36: Vista do jardim através do 1º edificado, em segundo plano a casa mãe (direita) e o 2º edificado (esquerda).

ambiente incluso. Cada bloco refugia-se na natureza sendo que a intenção de construção “*não é um hotel com um jardim, é um jardim com um hotel*” (Menezes, 2018), e ao circularmos pelos jardins, deparamo-nos com um sentimento de uma natureza única, difícil de encontrar tão próximo do centro da cidade. Cada espaço é abrigado pelo jardim que define vários pontos de permanência que são todos distintos e interligados por percursos, estes surgem do muro de basalto que define também as duas cotas do jardim.

A relação da quinta do exterior-interior é disfarçada através dos muros que acabam por ser a própria defesa da quinta para o exterior. Ao circular junto à rua e aos muros, acreditamos que existe uma quinta do outro lado, isto permite um certo nível de privacidade em simultâneo com o jardim. Existem apenas dois momentos em que o arborizado é perfurado, permitindo assim uma relação interior-exterior, contemplando a cidade, a natureza e o oceano. Estes momentos acontecem na casa-mãe e no terraço do novo volume, sendo que alguns dos novos quartos estabelecem uma relação direta com o jardim.

O conjunto da quinta da Casa Branca abrange: a casa-mãe, os novos edifícios, o bar, o pavilhão do jardim, a piscina, a *pool villa*, os espaços dos funcionários e os jardins. Existem três aglomerados, o novo edifício com os espaços dos funcionários junto à entrada principal na cota superior, o bar com a *pool villa* junto à piscina e a casa-mãe, relativamente isolada do resto do complexo com uma segunda entrada que não é utilizada. As entradas acabam por definir a circulação deste espaço, dando uma grande importância a entrada junto ao novo edificado.

Os dois novos edifícios criam um único edificado sendo que ambos estão interligados nas extremidades, integrando-se na parte superior do jardim aproveitando a diferença de cotas para contemplar o oceano. A composição do edificado abre-se para o

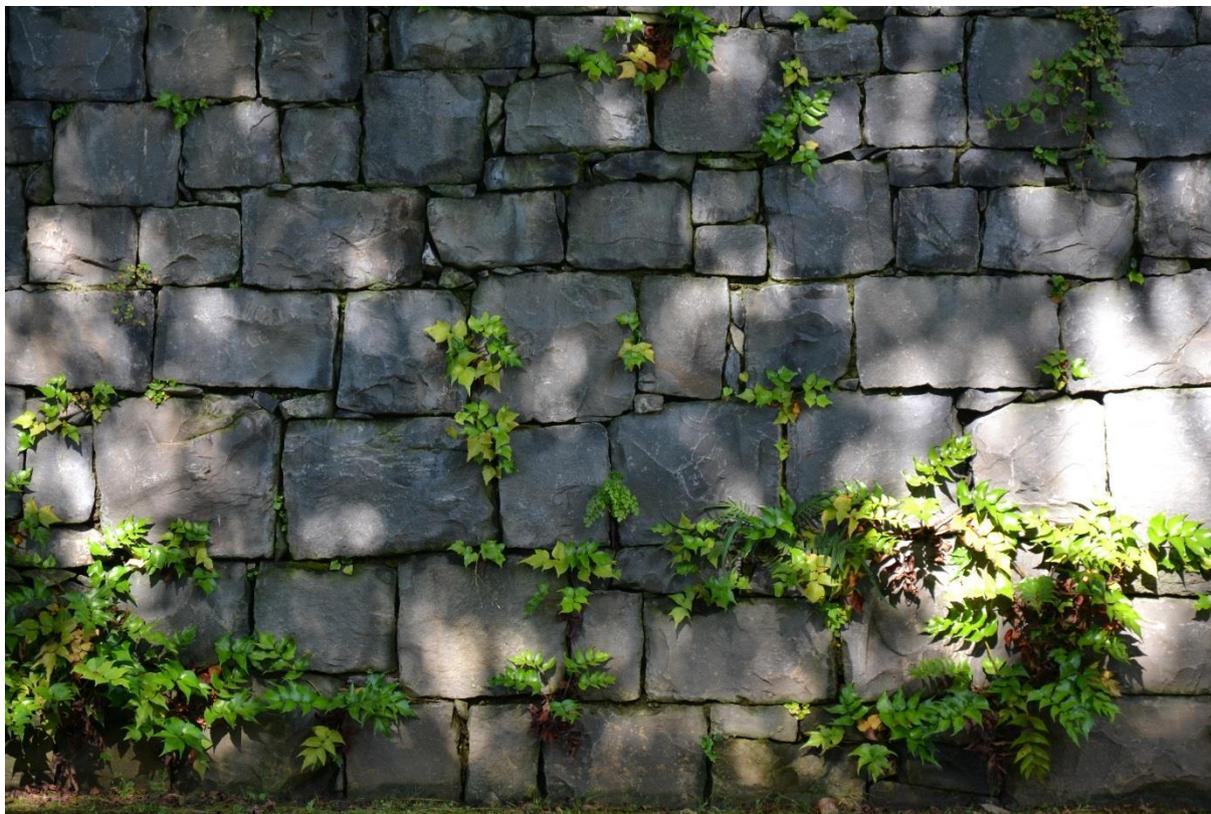


Figura 37: O muro de contenção construído com a pedra negra comum da Madeira.

jardim de tal forma que cada quarto, no piso inferior, contempla o mesmo, tendo ainda uma relação direta. A materialidade do edifício remete para as raízes vulcânicas da ilha, com a presença da pedra negra, sendo que o arquiteto João Favila utilizou ardósia como material principal de revestimento. A escolha dos materiais e a forma como o edifício é implementado são decisões que o arquiteto toma de forma a criar um “*entendimento que estava lá e titular com as preexistências*” criando “*um certo silêncio na construção*” (Menezes, 2018) com o lugar e a própria paisagem. A utilização de materiais característicos na Madeira, como o basalto, contribuem para criar uma linguagem comum e o silêncio na paisagem.

A casa-mãe e os novos edificadados acabam por encontrar-se nas extremidades do jardim em cotas diferentes, ligados pelos percursos do jardim numa zona intermédia que contém os espaços comuns como a piscina. Existe, além desta ligação, um contacto visual sendo que as intenções iniciais eram de manter a casa-mãe mais isolada e privada por ser a residência dos proprietários. Hoje essa situação já não se verifica, sendo que a própria casa-mãe disponibiliza espaços de alojamento.

A Quinta da Casa Branca acaba por integrar-se como um exemplo de demolição, anterior a estas intervenções, em 1950, a casa-mãe foi demolida e construída de novo, conforme as necessidades do novo proprietário. A quinta acaba por perder os valores de uma quinta madeirense que foi adquirindo ao longo do tempo, como refere Maria Lamas em relação às novas quintas da Madeira, “*porque não há quintas de hoje, na Madeira. Se forem, serão simplesmente quintas, sem feição peculiar destas vivendas madeirenses, que vêm doutros tempos e ficaram velhinhas sem que se lhes tivesse alterado a suavidade e beleza*” (Lamas, 1956, p. 303). Quando visitamos a quinta, percebemos que existe uma separação física entre a casa-mãe e o resto do conjunto.

Após estas duas intervenções, a casa-mãe era um espaço completamente privado



Figura 38: Plantação figurativa de bananeiras dado privacidade a piscina da casa mãe.

sendo habitação privada dos proprietários e a proposta surge deste princípio. Em 2005, a casa-mãe integrou-se no conjunto da estalagem da Quinta da Casa Branca, com quartos disponíveis para aluguer, no entanto continua como residência dos proprietários. A relação entre a casa-mãe e o resto do conjunto continua pouco evidente e o todo perde-se.

O jardim e a zona de agricultura da Quinta da Casa Branca, ao longo da evolução da quinta e das várias fases de intervenções, mantiveram-se relativamente intactos. Os mesmos foram evoluindo conforme o tempo, o jardim a ganhar novos percursos e o espaço agrícola a produzir vinhas e atualmente bananeiras numa escala menor. Os espaços exteriores da quinta foram se adaptando às funções e necessidades da quinta, originando estes espaços distintos e interessantes. Os jardins contêm uma grande riqueza e diversidade que acabam por ser um pequeno jardim botânico e a quinta vai acabar por acolher uma nova função e procura do exterior, por se tornar num jardim de interesse público.

Em relação aos objetos novos construídos, estes marcam a entrada principal para a Quinta da Casa Branca, existindo também uma ligação direta através dos percursos que o jardim define e que liga o novo e o antigo. As novas volumetrias respeitam-se e funcionam em conjunto com a função de alojamento, a relação com a casa-mãe é maioritariamente visual, como referido anteriormente, mas, em termos de volumetria, existe uma regra, não entrando em conflito com a volumetria da casa-mãe ou o resto do conjunto. Ambas as volumetrias respeitam o espaço e as suas particularidades construídas de forma a integrar a paisagem e manter uma relação com o sítio. A construção dos novos edificadros é feita através de uma estrutura metálica revestida com planos de vidro e ardósias negras, construção que integra os valores de uma quinta da Madeira. Estes volumes são bem-sucedidos porque são funcionais e integram-se no sítio conforme as características do lugar e da paisagem.



Figura 39: Fotografia tirada do jardim com o 1º edificado em vista.

A quinta no seu todo mantém algumas das características típicas das quintas da Madeira, mas com a demolição da casa-mãe o conjunto perde a essência das quintas. Os jardins e os novos volumes acabam por tentar devolver essa essência, em que *“o jardim é a grande experiência, o cheiro, a luz, as espécies, a água a cair e os pássaros”* (Menezes, 2018) mas existe um pequeno vazio.



IV.II.III – QUINTA DA BELA VISTA | Miguel Malaguerra



*Figura 40: Alameda que faz a distribuição para os diversos espaços da quinta*

A Quinta da Bela Vista situada na Nazaré, no caminho do Avista Navios, propriedade originalmente do Genipro da Cunha de Eça Freitas e Almeida foi construída em 1844. Uma quinta orientada a sul com vistas deslumbrantes sobre as montanhas, a baía do Funchal e o Oceano. Em 1864, a quinta foi vendida e em 1873 iniciou-se o período de arrendamento, acabando por ser arrendada ao político José Dias Ferreira. No início do século XX, Manuel José Perestrelo Favila Vieira adquiriu a quinta, altura em que a quinta consistia da casa-mãe, a casa de prazeres, os jardins com cento e vinte espécies de árvores e espaço de cultivo com bananeiras, cana-de-açúcar, árvores de frutos e pecuária, incluindo o carro de bois da família. Em meados da segunda metade do século XX, o Dr. Roberto Favila Ornelas Monteiro, atual proprietário, recuperou a propriedade da Quinta da Bela Vista, transformando-a no Hotel Quinta da Bela Vista, em 1989. Um processo de rentabilização da Quinta da Bela Vista que demorou cerca de dez anos.

A reabilitação da Quinta da Bela Vista foi projetada pelo arquiteto Miguel Malaguerra no fim do século XX, tornando-a num hotel de charme. A intervenção abrange: a preservação da casa-mãe com quatro *suites*; a preservação da casa de prazeres, atual casa de chá; a ampliação com quatro novos volumes, dois com sessenta e três quartos, um restaurante e uma zona de lazer, um ginásio de apoio à piscina e a nova habitação dos proprietários. Nos 20,000m<sup>2</sup> de jardim, podemos ainda encontrar um campo de ténis, uma piscina, um grande lago ligado a uma levada que faz a irrigação da propriedade e um estacionamento (Hoare, 2004, pp. 43–47).

A quinta situa-se na cota 220m com uma vista privilegiada sobre o anfiteatro do Funchal, desde as montanhas até ao oceano, de onde se pode avistar os navios, como o próprio nome da rua indica. A paisagem da Quinta da Bela Vista pouco se alterou do interior-exterior, apenas as novas construções, resultantes da evolução da cidade, acrescentam aglomerados de pontos na paisagem, subindo pelas linhas de festo que divi-

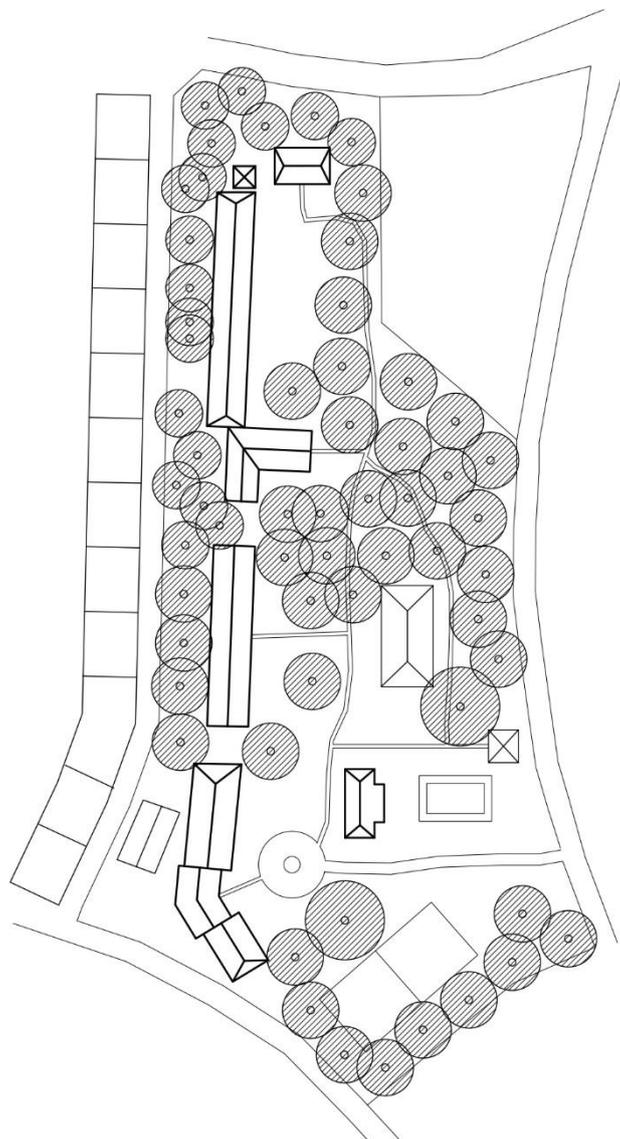


Figura 41: Planta de cobertura da Quinta da Bela Vista, escala 1:2000

dem as montanhas. A casa de prazer, - um anexo típico das quintas da Madeira – a casa-mãe e o miradouro, acolhidos pelo jardim, mantêm um ambiente distinto e sossegado de contemplação e meditação para os quais as quintas da Madeira eram procuradas no turismo terapêutico. Os novos volumes de alojamento tiram partido desses princípios primitivos das quintas da Madeira, numa cota mais elevada, aproveitando a paisagem através das varandas integradas em cada quarto. À noite, a vista transforma-se com o confundir das luzes com milhares de vaga-lumes, brilhando pelas montanhas até ao oceano.

A relação da paisagem exterior-interior sofreu algumas alterações conforme a ampliação proposta pelo arquiteto Miguel Malaguerra, a quinta reduziu os jardins, nas traseiras, para criar os dois novos volumes com alojamento. Esta abordagem encerra a quinta que estava completamente disposta aos arredores, e passa a enclausurar-se nas traseiras, abrindo-se depois para a paisagem no lado oposto junto à casa-mãe e à casa de prazeres.

A evolução da cidade em diversas quintas da Madeira resultou em alterações e adaptações, como já foi referido anteriormente, nos outros estudos de casos. Das três quintas analisadas, a Quinta da Bela Vista foi a que sofreu mais com esta evolução, visto que, em 1985, foi construído um bairro social de alguma dimensão, com cerca de setecentos fogos de habitação junto à Quinta da Bela Vista. Um bairro social de grande importância para o Funchal, sendo exemplar para o resto da ilha. As traseiras do jardim da Quinta da Bela Vista ficaram rodeadas por estas construções e a proposta surgiu não só pela necessidade de aumentar oferta de alojamento, mas também como uma forma de proteger a quinta e diminuir o efeito causado pelas construções.

O conjunto da Quinta da Bela Vista compreende com as seguintes unidades: a



Figura 42: Pavimento da alameda da quinta, calçada tradicional da Madeira

casa-mãe, a casa de prazeres, os novos volumes de alojamento e os jardins. A relação deste conjunto com o sítio continua existente porque a quinta consegue absorver a paisagem, o ambiente e o aroma que as quintas da Madeira continham inicialmente. Mesmo após a introdução dos novos volumes de alojamento, que bloqueiam o contacto visual do bairro social mantendo o ambiente sossegado da quinta. A quinta contém uma relação interior que depois se estende pelas montanhas a baixo até ao oceano. Um ambiente que podemos sentir ao passear pelos jardins, apreciando as várias espécies de flores e árvores enquanto ouvimos os pássaros cantando, num passeio matinal ou num fim de tarde agradável.

Na Quinta da Bela Vista existem duas entradas que marcam os alçados murados, uma no início da rua e outra no fim. A entrada principal, por ser no fim da rua, proporciona uma ligação direta aos novos volumes de alojamento. Cada volume, antigo ou novo, é ligado através dos jardins pavimentados com calçada madeirense, jardins que foram despedaçados pelas novas construções. O jardim transformou-se num espaço maioritariamente de circulação com poucos espaços de permanências, sendo que a casa-mãe e a piscina permanecem como os únicos espaços de permanência com vista para o anfiteatro do Funchal.

Existem alguns conflitos de escala, os dois novos volumes de alojamento têm três pisos mais dois de sótão e marcam a entrada para a quinta. Uma pequena alameda com estas duas construções como plano de fundo, criando um ambiente de monumentalidade. A escala e a entrada, orientadas desta forma, resguardam a casa-mãe de todo o conjunto como um segundo plano. Ao visitar a quinta, torna-se evidente que a casa-mãe tem pouca procura, já que a oferta é melhor e diversificada nos serviços dos novos blocos. Em termos de materialidade, existe uma tentativa de uniformidade entre o antigo e o novo de modo a



Figura 43: Vista para o anfiteatro do Funchal e o Oceano Atlântico.

que o novo se integra harmoniosamente com o existente, quase de imitação. A utilização dos mesmos ou materiais parecidos aos existentes para a construção dos volumes, incluindo os acabamentos em que o típico esquema de cores da casa-mãe – branco com uma borda inferior bordô - é reproduzido nos novos volumes.

A preservação da casa-mãe e da casa de prazeres em termos das suas condições e em termos de funcionalidades como alojamento. A casa-mãe contém a relação com a melhor paisagem, fazendo sentido a oferta de alojamento de forma a manter as vivências antigas das quintas da Madeira. Os serviços que a casa-mãe oferece são limitados a um restaurante e um bar que parecem abandonados ou pouco procurados pela grande oferta nos outros volumes. Devido ao exposto, a função existente podia ser outra, mais adequada, que pudesse revitalizar a casa-mãe no seu todo e de forma a integrar a casa de prazeres, atual casa de chá.

O jardim, mesmo depois das várias alterações ao longo dos séculos, manteve a sua essência de jardim típico das quintas da Madeira, preservando o ambiente do lugar e a relação com a paisagem, entre as árvores e as montanhas, a cidade do Funchal e o Oceano Atlântico. A função agrícola da quinta cedeu à evolução da quinta de forma a tornar a mesma rentável, uma função inicial das quintas que hoje é pouco comum ainda encontrar.

As novas construções, no seu todo, resultam bem em termos de função, visto que conseguem tornar a Quinta da Bela Vista num espaço rentável, protegendo simultaneamente a quinta da evolução da cidade, sendo que o bairro social é apenas visível do lado de fora dos muros da quinta. Numa intervenção de reabilitação deste tipo e escala, torna-se difícil correlacionar o novo com o antigo, especialmente quando envolve



Figura 44: Entrada secundária localizada no jardim.

vários volumes em zonas distintas da quinta. A escala e distanciamento dos novos volumes de alojamento com a casa-mãe tornam difícil existir uma relação, mas a utilização dos mesmos materiais poderia ter sido bem-sucedida, se existisse uma melhor definição de regras. Se assumirmos desde início o tipo de construção, seja tradicional ou moderno, e não fazer uma combinação dos dois, evidenciar o novo é melhor do que tentar imitar o que já existe e tem uma força própria.

A quinta, no seu todo, mantém todas as características de uma quinta típica da Madeira de modo que seja rentável, neste caso para o sector de alojamento turístico.



Figura 45: Edifício novo de alojamento em série com vista para os quartos.

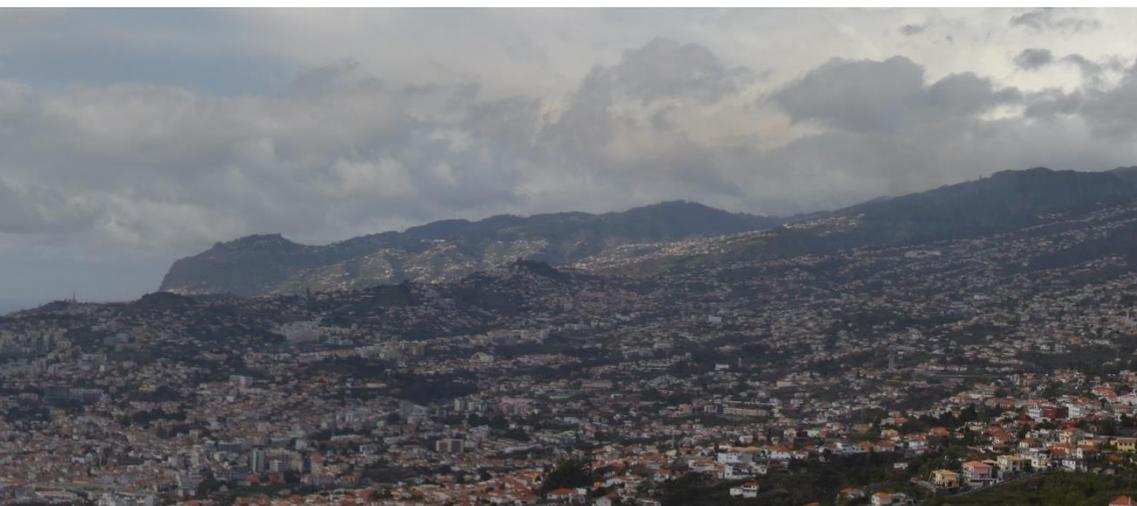


Figura 46: Blocos de habitação à esquerda e as traseiras da Quinta da Bela Vista à direita.





*Figura 47: Fotografia a partir do Pináculo*



*Figura 48: Fotografia a partir do miradouro das Neves*



## V - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O turismo é uma atividade que ao longo dos séculos tem evoluído, sendo inicialmente procurado por motivos de saúde como doenças pulmonares entre outros. Atualmente é uma atividade de lazer praticada mundialmente. Somos todos turistas quando fazemos uma viagem ou mesmo dentro do nosso próprio país, o turismo veio para ficar e nós temos de saber manter um equilíbrio de forma a resistir às consequências negativas, sendo que contém várias vantagens que são suprimidas pelos aspetos negativos. Existe uma grande importância de manter este equilíbrio nas cidades procuradas pelo turismo, cidade que é de todos e de ninguém, cidade em que cada indivíduo, desde os políticos, os arquitetos, os historiadores, ou seja, todos os cidadãos têm um papel fundamental para manter o equilíbrio, sendo que a cidade é um problema coletivo.

Cada cidade ou país contém características e qualidades únicas que devem ser exploradas de forma a realçar o que o diferencia do resto do mundo, no caso da Madeira mais especificamente no Funchal, é a antropização numa topografia difícil que resulta num anfiteatro com uma paisagem desde as montanhas até ao Oceano Atlântico com construções pontuais que são as quintas da Madeira. O Funchal continua à procura de um equilíbrio que ainda não está estabelecido porque não tem bem definido o produto que quer vender aos turistas e aplica um modelo de turismo em massas de outras cidades sem considerar nem o lugar nem as suas características. É importante estabelecer este equilíbrio de forma mais eficaz conforme as características do lugar, a topografia, a paisagem, as quintas de aluguer, principalmente a relação que as quintas estabelecem com a paisagem, entre outros, porque o turismo gera grande parte da economia da Madeira.

As quintas da Madeira são um elemento importante da antropização do Funchal, inicialmente como quintas agrícolas, posteriormente com o turismo terapêutico,

evoluíram para quintas de aluguer durante as estadias de longa duração dos doentes. Hoje existem poucas quintas que resistiram ao tempo, sendo recuperadas com as mesmas funções ou novas funções não relacionadas com o turismo, as quintas podem ser a chave que devolve algum equilíbrio ao turismo do Funchal pela forte relação que têm com a paisagem e a identidade do lugar. Os grandes hotéis que começaram a surgir no final do século XX continuam a crescer em números e dimensões, criando pontos opacos na paisagem, um método rápido de conseguir os números necessários sem grande conteúdo em relação à identidade do lugar e a integração do sítio. As quintas estão bem integradas no lugar, existindo uma forte ligação com a paisagem, mantendo a experiência original do turismo terapêutico: a relação dos jardins com a paisagem. As quintas devem ser reabilitadas para permitir mais alojamento, espaços culturais, espaços de lazer ou qualquer outra função que não esteja relacionada com o turismo, como hospitais, clínicas, escolas, etc. que já acontece atualmente.

Na reabilitação das quintas há a grande questão da linguagem se a *“forma deve ser mímica da forma antiga ou se é possível...conciliar uma linguagem contemporânea com a linguagem antiga”* (Byrne, 2018). Com o turismo procura-se o reproduzir do antigo que acabar por congelar o tempo, em qualquer reabilitação seria uma péssima opção, incluindo no caso das quintas da Madeira. A melhor resposta na reabilitação seria uma intervenção contemporânea relacionada com a história e identidade do sítio, uma identidade que vem do passado, mas que está sempre a ser reconstruída. Nas quintas seria uma intervenção que mantivesse a relação do conjunto com a paisagem e a relação entre a casa-mãe, os jardins e a mata, aplicando os conceitos de reabilitação como a preservação, restauro, alteração, ampliação e demolição, conforme as necessidades da intervenção.

As quintas da Madeira e a relação com a paisagem fazem parte do turismo terapêutico que hoje já evoluiu. Existe a necessidade de perceber e definir este novo turismo conforme o património construído e paisagístico, sendo que o excesso de turismo leva à destruição do património. Ao definir o produto que é o turismo da Madeira do século XXI podemos ter em consideração a paisagem citada inúmeras vezes no turismo terapêutico ou até mesmo a valorização da cultura do próprio lugar como acontece em diversas cidades procuradas pelo turismo.

Em relação às quintas analisadas, nenhuma contém todas as características típicas das quintas da Madeira, a casa-mãe, os jardins ou a mata e a relação com a paisagem como era anteriormente durante o turismo terapêutico. Todos os exemplos foram reabilitados através de vários métodos como a preservação, restauro, alteração, ampliação ou demolição que permitiu que as quintas se adaptassem às necessidades atuais, nem sempre da melhor forma.

A intervenção da Quinta da Calaça surge com uma fase inicial crucial de demolição que permitiu voltar ao estado cru daquele conjunto, definido melhor a intervenção através da ampliação e alteração da função. É um exemplo de que as quintas podem exercer outras funções que possam ser relacionadas com o turismo ou não. As intenções do arquiteto Gonçalo Byrne eram salientar a casa-mãe da sua envolvente, marcando a entrada através da mesma, mantendo assim a sua importância, mas com uma nova função mais museológica. Em termos da experiência de quinta existe uma forte relação com a paisagem e o lugar, mas numa forma adaptada à nova função porque a ausência dos jardins e/ou a mata pesa muito às vivências deste espaço. Não existem quintas sem os seus jardins, jardins com pássaros, sombras, texturas e aromas de todos os cantos do mundo, jardins que eram considerados os pulmões da cidade. Hoje, na quinta da Calaça, restam apenas as palmeiras de origem, a evolução da cidade foi confinando o verde do

jardim. Eram nestes jardins que se estabelecia a relação com a paisagem, paisagem que na Quinta da Calaça é o Oceano Atlântico e o Ilhéu do Gorgulho.

A Quinta da Casa Branca, intervencionada pelo arquiteto João Menezes Favila, em contraste com a Quinta da Calaça, contém um grande jardim com diversas espécies, criando um pequeno jardim botânico no meio da cidade com um aroma e som único. Neste jardim, surgem várias volumetrias, a casa-mãe, os dois edifícios de alojamento e os anexos, cada um delicadamente erigido das raízes do jardim. É interessante a forma como ambos os edifícios mantêm a mesma linguagem arquitetónica e estão interligados, mesmo sendo construídos em fases diferentes. A relação que ambos têm com a casa-mãe é apenas visual, sendo que a casa-mãe foi projetada com intenções de ser mais isolada da sua envolvente por ser a residência dos proprietários, no momento em que a torna pública, a sua implantação faz pouco sentido. A casa-mãe original foi demolida anteriormente à intervenção e construída uma nova pouco relacionada com as quintas da Madeira e do turismo terapêutico. Esta quinta demonstra a importância de conservar o património herdado pelo turismo terapêutico e é um exemplo entre muitos de demolição, sendo que hoje já foram destruídas diversas quintas importantes. No geral, as vivências, a experiência e a relação com a paisagem neste projeto mantêm intactos apesar do próprio conjunto não estar.

A Quinta da Bela Vista, intervencionada pelo arquiteto Miguel Malaguerra, é um exemplo de uma reabilitação maioritariamente de ampliação, quer pelo aumento da oferta disponível, quer pela necessidade de proteger a quinta do crescimento da envolvente. Dos três casos de estudo, este apresenta um maior volume de construção dos novos edifícios e de jardim. Um grande jardim que acolhe todos os aglomerados unificados pelas alamedas, conservando o ambiente e vivências da quinta desde o período do turismo terapêutico. A escolha de reproduzir a mesma linguagem arquitetónica da casa-mãe nas ampliações acaba por não resultar da melhor forma. A tentativa de camuflar o novo com

o antigo, utilizando grandes vãos e repetir acabamentos da casa-mãe acaba por não resultar da melhor forma, criando assim uma linguagem confusa. Em contrapartida dos três exemplos, este é o que conserva melhor as características importantes de uma quinta, as vivências, a paisagem e a relação com o lugar.

A quinta não é apenas a casa-mãe, a casa de prazeres, os jardins ou os anexos que formam o conjunto, mas sim a experiência, as vivências e em especial a relação com a paisagem e o lugar.







*Figura 49: Vista para o Funchal a partir do oceano*



*Figura 50: Vista para Câmara de Lobos a partir do oceano*

## ÍNDICE DE IMAGENS

Figura 1: Fotografia disponível na WEB: <a href="https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/viewer?id=72674&amp;FileID=88183">https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/viewer?id=72674&amp;FileID=88183</a> ; Autoria: Museu Photographia Vicentes; Data: 1872 .....	22
Figura 2: Fotografia da autora. Data: Janeiro 2018.....	25
Figura 3: Fotografia da autora. Data: Janeiro 2018.....	25
Figura 4: Diagrama elaborado pela autora sobre ortofotomapa. Fonte: Google Maps, 2015.....	28
Figura 5: Fonte: Arquivo Regional da Madeira; Autoria: Agostinho José Marques Rosa; Data: 1419.....	30
Figura 6: Fonte: Câmara Municipal do Funchal; Autoria: Arq. Ventura Terra; Data: 1915 .....	36
Figura 7: Fonte: Câmara Municipal do Funchal; Autoria: Arq. José Rafael Botelho; Data: 1972 .....	37
Figura 8: Gravura disponível na WEB: <a href="http://purl.pt/24020/1/index.html#/17/html">http://purl.pt/24020/1/index.html#/17/html</a> ; Autoria: Andrew Picken; Data: 1815-1845..	38
Figura 9: Gravura disponível na WEB: <a href="http://purl.pt/24020/1/index.html#/23/html">http://purl.pt/24020/1/index.html#/23/html</a> ; Autoria: Andrew Picken; Data: 1815-1845..	40
Figura 10: Fotografia da autora. Data: Janeiro 2018 .....	43
Figura 11: Fotografia da autora. Data: Janeiro 2018 .....	43
Figura 12: Diagrama elaborado pela autora sobre ortofotomapa; Fonte: Google Maps, 2015 .....	48
Figura 13: Fotografia disponível na WEB: <a href="https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/viewer?id=72712&amp;FileID=88268">https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/viewer?id=72712&amp;FileID=88268</a> ; Autoria: Museu Photographia Vicentes; Data: 1885-1891 .....	50
Figura 14: Fotografia disponível na WEB: <a href="https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/viewer?id=73953&amp;FileID=262810">https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/viewer?id=73953&amp;FileID=262810</a> ; Autoria: Museu Photographia Vicentes; Data: Século XIX .....	52
Figura 15: Fotografia disponível na WEB: <a href="https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/viewer?id=74490&amp;FileID=661078">https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/viewer?id=74490&amp;FileID=661078</a> ; Autoria: Museu Photographia Vicentes; Data: 1934 .....	54
Figura 16: Fotografia disponível na WEB: <a href="https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/viewer?id=74621&amp;FileID=663397">https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/viewer?id=74621&amp;FileID=663397</a> ; Autoria: Museu Photographia Vicentes; Data: desconhecida.....	56

Figura 17: Fotografia disponível na WEB: <a href="https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/viewer?id=74360&amp;FileID=575150">https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/viewer?id=74360&amp;FileID=575150</a> ; Autoria: Museu Photographia Vicentes; Data: 1934-1939.....	58
Figura 18: Desenho retirado de tese de doutoramento, disponível em: <a href="https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/11481">https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/11481</a> ; Autor: Rui Campo Matos; Data: 2016.....	60
Figura 19: Desenho cedido pelo atelier Gonçalo Byrne Arquitectos .....	60
Figura 20: Desenho retirado de tese de doutoramento, disponível em: <a href="https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/11481">https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/11481</a> ; Autor: Rui Campo Matos; Data: 2016.....	60
Figura 21: Desenho retirado de tese de doutoramento, disponível em: <a href="https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/11481">https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/11481</a> ; Autor: Rui Campo Matos; Data: 2016.....	62
Figura 22: Desenho cedido pelo atelier Gonçalo Byrne Arquitectos.....	62
Figura 23: Desenho retirado de tese de doutoramento, disponível em: <a href="https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/11481">https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/11481</a> ; Autor: Rui Campo Matos; Data: 2016.....	62
Figura 24: Fotografia da autora. Data: Janeiro 2018 .....	65
Figura 25: Fotografia da autora. Data: Janeiro 2018 .....	65
Figura 26: Fotografia da autora. Data: Janeiro 2018. ....	70
Figura 27: Fotografias cedidas pelo Sr. António Cunha; Autoria: desconhecida; Data: 1957, 1998 e 2018 respetivamente. ....	76
Figura 28: Planta tratada cedido pelo atelier Gonçalo Byrne Arquitectos.....	78
Figura 29: Fotografia da autora. Data: Agosto 2018.....	80
Figura 30: Fotografia da autora. Data: Dezembro 2017.....	82
Figura 31: Fotografia da autora. Data: Dezembro 2017.....	84
Figura 32: Fotografia da autora. Data: Agosto 2018. ....	86
Figura 33: Fotografia da autora. Data: Agosto 2018.....	87

Figura 34: Fotografia da autora. Data: Agosto 2018.....	90
Figura 35: Planta tratada cedido pelo atelier Bugio.....	92
Figura 36: Fotografia da autora. Data: Agosto 2018.....	94
Figura 37: Fotografia da autora. Data: Agosto 2018.....	96
Figura 38: Fotografia da autora. Data: Agosto 2018.....	98
Figura 39: Fotografia da autora. Data: Agosto 2018.....	100
Figura 40: Fotografia da autora. Data: Dezembro 2017.....	104
Figura 41: Desenho elaborado pela autora sobre ortofotomapa. Fonte: Google Maps, 2015.....	106
Figura 42: Fotografia da autora. Data: Dezembro 2017.....	108
Figura 43: Fotografia da autora. Data: Dezembro 2017.....	110
Figura 44: Fotografia da autora. Data: Dezembro 2017.....	112
Figura 45: Fotografia da autora. Data: Dezembro 2017.....	114
Figura 46: Fotografia da autora. Data: Dezembro 2017.....	115
Figura 47: Fotografia da autora. Data: Janeiro 2018.....	117
Figura 48: Fotografia da autora. Data: Janeiro 2018.....	117
Figura 49: Fotografia da autora. Data: Janeiro 2018.....	127
Figura 50: Fotografia da autora. Data: Janeiro 2018.....	127
Figura 51: Diagrama elaborada pela autora sobre cartografia; Fonte: Arquivo Regional da Madeira; Data: 1419.....	136
Figura 52: Diagrama elaborada pela autora sobre cartografia; Fonte: Câmara Municipal do Funchal; Data: 1567-1570.....	137
Figura 53: Diagrama elaborada pela autora sobre cartografia; Fonte: Câmara Municipal do Funchal; Data: 1775.....	138
Figura 54: Diagrama elaborada pela autora sobre cartografia; Fonte: Câmara Municipal do Funchal; Data: 1803.....	139
Figura 55: Diagrama elaborada pela autora sobre cartografia; Fonte: Câmara Municipal do Funchal; Data: 1894.....	140

Figura 56: Diagrama editada pela autora da cidade do Funchal; Fonte: Câmara Municipal do Funchal; Data: 2005 .....	141
Figura 57: Diagrama elaborada pela autora sobre cartografia; Fonte: Câmara Municipal do Funchal; Data: 1567-1570 .....	142
Figura 58: Diagrama elaborada pela autora sobre cartografia; Fonte: Câmara Municipal do Funchal; Data: 1775 .....	142
Figura 59: Diagrama elaborada pela autora sobre cartografia; Fonte: Câmara Municipal do Funchal; Data: 1803 .....	142
Figura 60: Diagrama elaborada pela autora sobre cartografia; Fonte: Câmara Municipal do Funchal; Data: 1805 .....	143
Figura 61: Diagrama elaborada pela autora sobre planta; Fonte: Câmara Municipal do Funchal; Data: 1894-1898 .....	143
Figura 62: Diagrama elaborada pela autora sobre planta; Fonte: Câmara Municipal do Funchal; Data: 1910 .....	143
Figura 63: Diagrama elaborada pela autora sobre planta; Fonte: Câmara Municipal do Funchal; Data: 1915 .....	144
Figura 64: Diagrama elaborada pela autora sobre planta; Fonte: Câmara Municipal do Funchal; Data: 1967-1969 .....	144
Figura 65: Diagrama elaborada pela autora sobre planta; Fonte: Google Maps; Data: 2014 .....	144
Figura 66: Suposição de todos os diagramas anteriores; Fonte: Câmara Municipal do Funchal; Data: 1419-2014.....	145
Figura 67: Ortofotomapa do Funchal; Fonte: Câmara Municipal do Funchal; 1997.....	146
Figura 68: Ortofotomapa do Funchal; Fonte: Câmara Municipal do Funcha; 2004 .....	147
Figura 69: Ortofotomapa do Funchal; Fonte: Câmara Municipal do Funcha; 2007 .....	148
Figura 70: Ortofotomapa do Funchal; Fonte: Câmara Municipal do Funcha; 2010 .....	149

## REFERÊNCIAS

- ACKERMAN, James S. - **The Villa: Form and ideology of country houses**. Londres : [s.n]. ISBN 0-500-27744-3.
- ADAMS, Joseph - **A guide to Madeira. With instructions to such as repair to that island for health**. 2. ed. Londres : [s.n.]
- C.M.F - **Colóquio de urbanismo : palestras e conclusões de mesas redondas**. Funchal : [s.n.]
- CALDAS, João Vieira - **A casa rural dos arredores de Lisboa no século XVIII**. Lisboa : [s.n.]
- CARITA, Rui - **História do Funchal**. 1. ed. Funchal : [s.n.]. ISBN 9789899824317.
- HOARE, Marjorie - **The Quintas of Madeira**. Funchal : [s.n.]. ISBN 972-9177-384.
- LAMAS, Maria - **Arquipélago da Madeira: Maravilha Atlântica**. 1. ed. Funchal : [s.n.]
- MATOS, Rui Manuel Carneiro De Campos - **A arquitectura do turismo terapêutico: Madeira e Canárias, 1800-1914**. [S.l.] : Universidade de Lisboa, 2016
- MESTRE, Victor - **Arquitectura Popular da Madeira**. 1. ed. Lisboa : [s.n.]

- OASRS - **100 anos do plano Ventura Terra Funchal: A cidade do automóvel**. 1. ed. Funchal : [s.n.]. ISBN 978-989-20-5940-2.
- OASRS - **Plano Rafael Botelho: Funchal 1969/72**. 1. ed. Funchal : [s.n.]. ISBN 978- 989-20-5937-2.
- QUINTAL, Raimundo - Os jardins da Quinta do Palheiro Ferreiro. **Revista Atlântico**. Funchal. 1986).
- RIBEIRO, Orlando - **A Ilha da Madeira até Meados do Século XX, Estudo Geográfico**. 1. ed. Lisboa : [s.n.]
- SILVA, Fernando Augusto Da - **Vocabulário popular do Arquipélago da Madeira - Alguns subsídios para o seu estudo**. Funchal : [s.n.]



ANEXOS

ANEXO A | Evolução do Funchal



Figura 50: Planta editada da cidade do Funchal após descoberta, 1419, escala 1:7000



Figura 51: Planta editada da cidade do Funchal, Mateus Fernandes, 1567-1570, escala 1:7000



Figura 52: Planta editada da cidade do Funchal, Capitão Skinner, 1775, escala 1:7000



Figura 53: Planta editada da cidade do Funchal após aluviões, Brigadeiro Oudinot, 1803, escala 1:7000



Figura 54: Planta editada da cidade do Funchal e seus arredores, Adriano Augusto Trigo e Aníbal Augusto Trigo, 1894, escala 1:7000

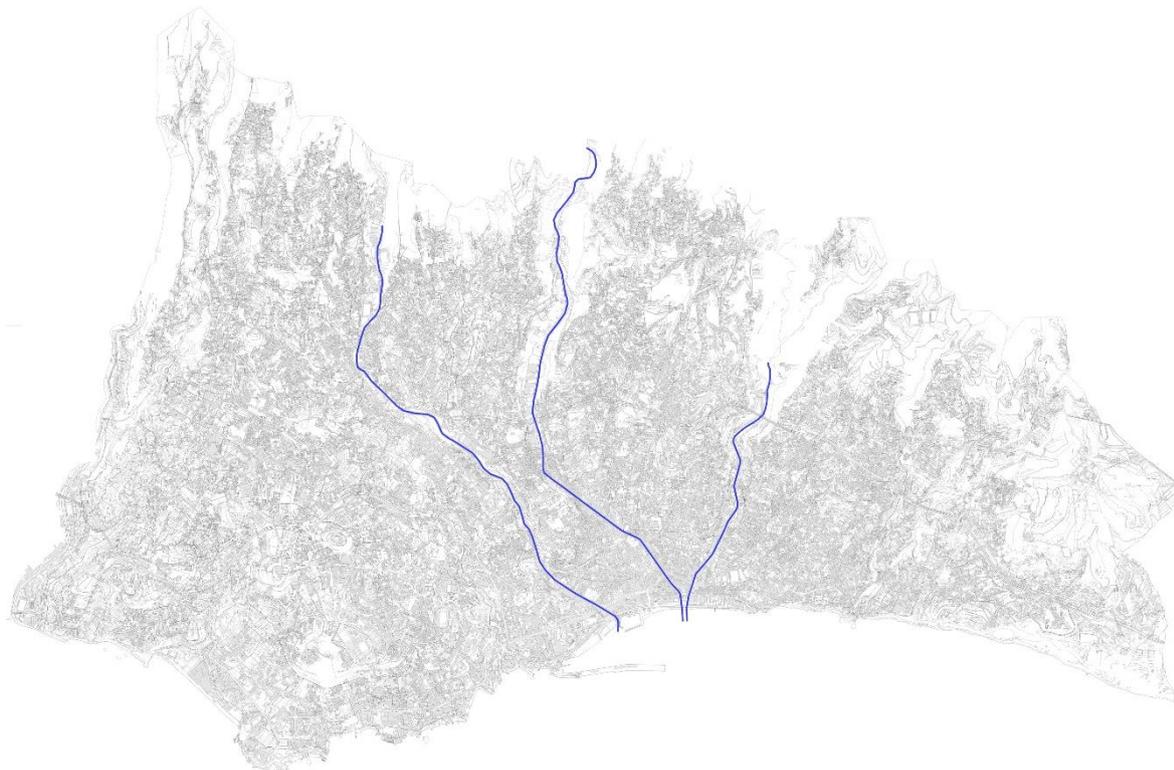


Figura 55: Planta editada da cidade do Funchal e seus arredores, Câmara Municipal do Funchal, 2005, sem escala

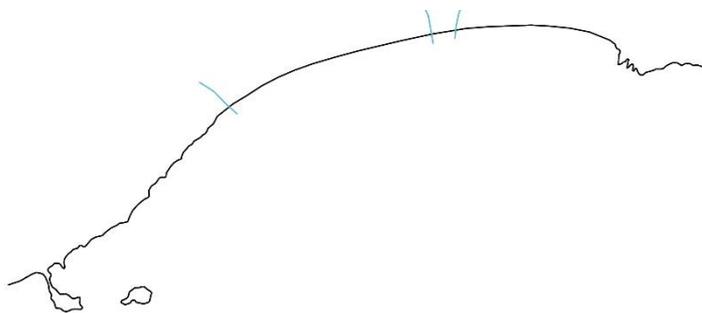


Figura 56: Diagrama de estudo do autor da linha de costa conforme a planta de 1567-1570

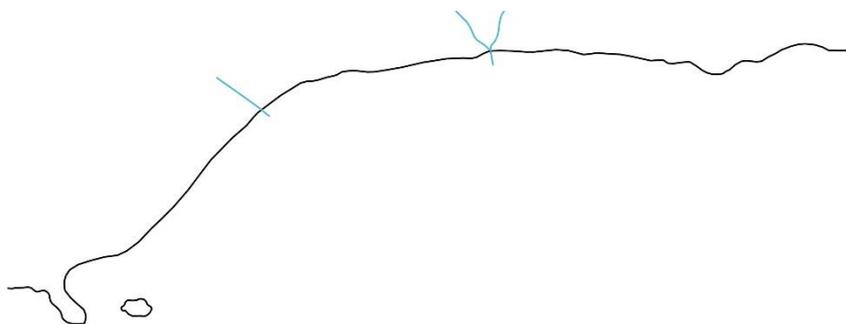


Figura 57: Diagrama de estudo do autor da linha de costa conforme a planta de 1775

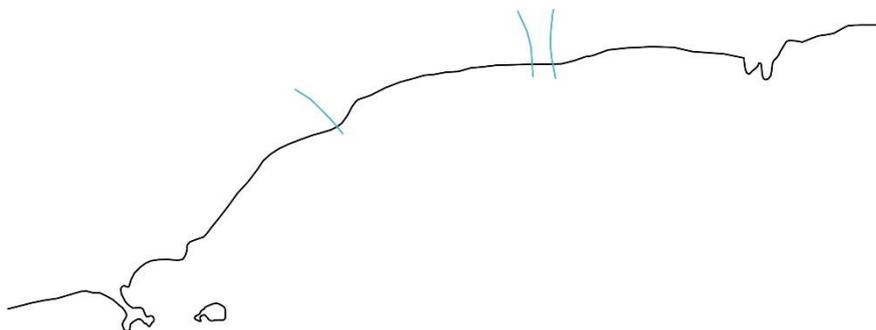


Figura 58: Diagrama de estudo do autor da linha de costa conforme a planta de 1803

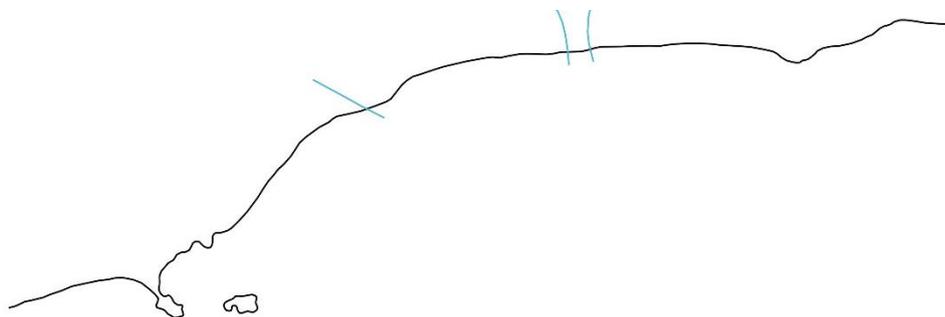


Figura 59: Diagrama de estudo do autor da linha de costa conforme a planta de 1805

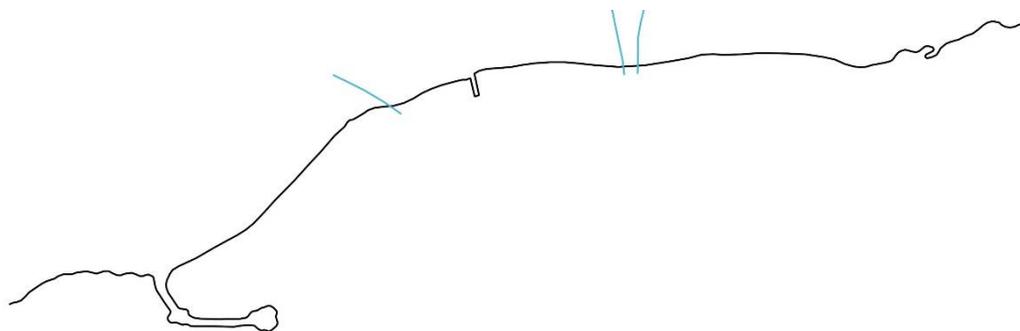


Figura 60: Diagrama de estudo do autor da linha de costa conforme a planta de 1894-1898

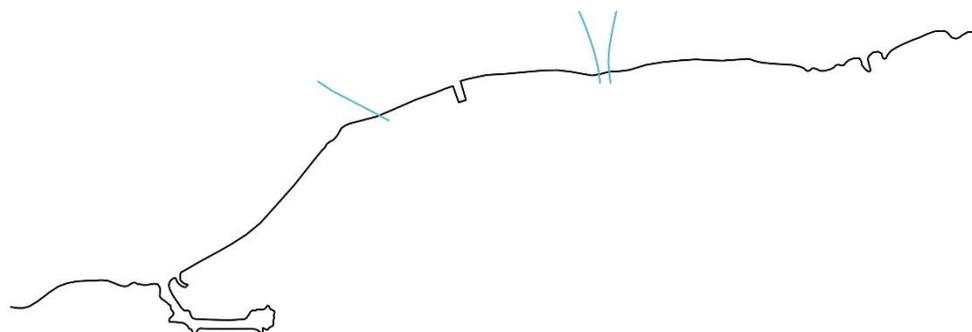


Figura 61: Diagrama de estudo do autor da linha de costa conforme a planta de 1910

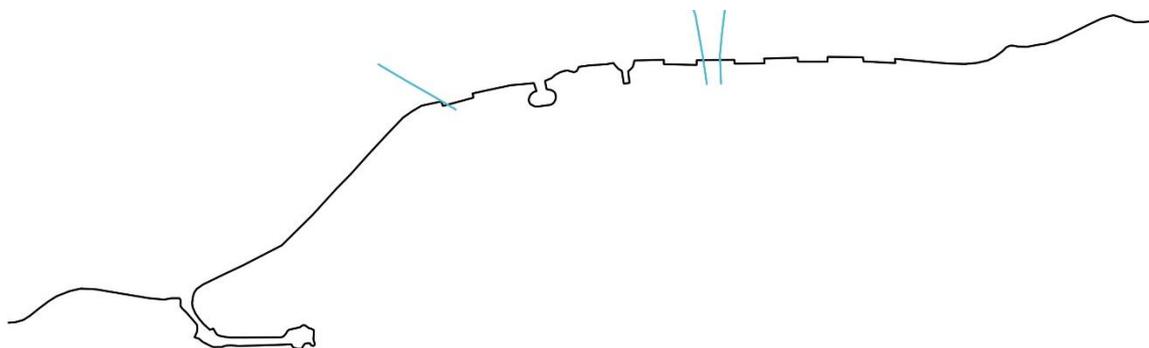


Figura 62: Diagrama de estudo do autor da linha de costa conforme a planta de 1915

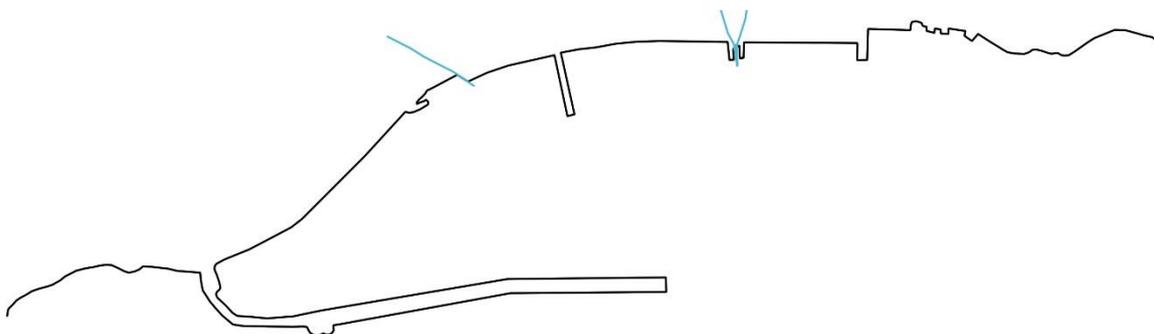


Figura 63: Diagrama de estudo do autor da linha de costa conforme a planta de 1967-1969

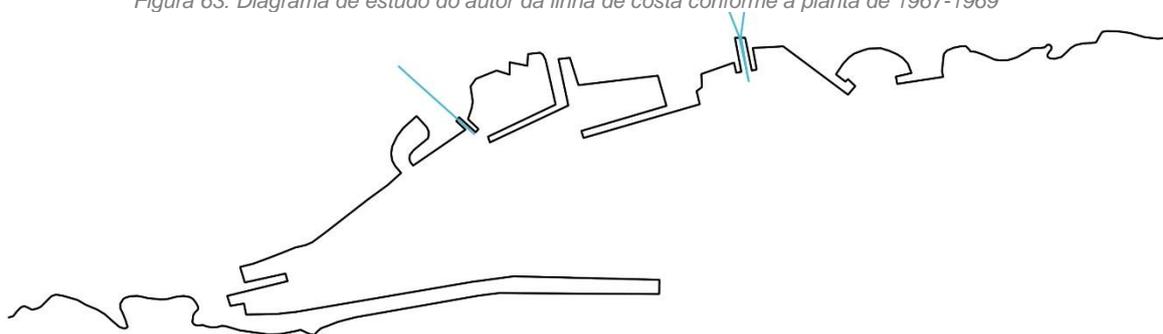


Figura 64: Diagrama de estudo do autor da linha de costa conforme a planta de 2014-2018

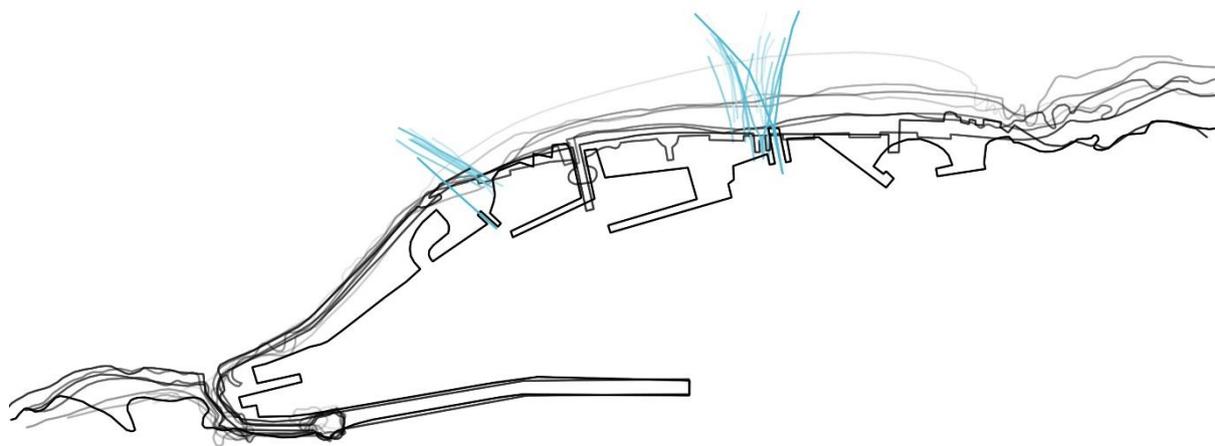


Figura 65: Suposição de todos os diagramas com as linhas de costa do Funchal.

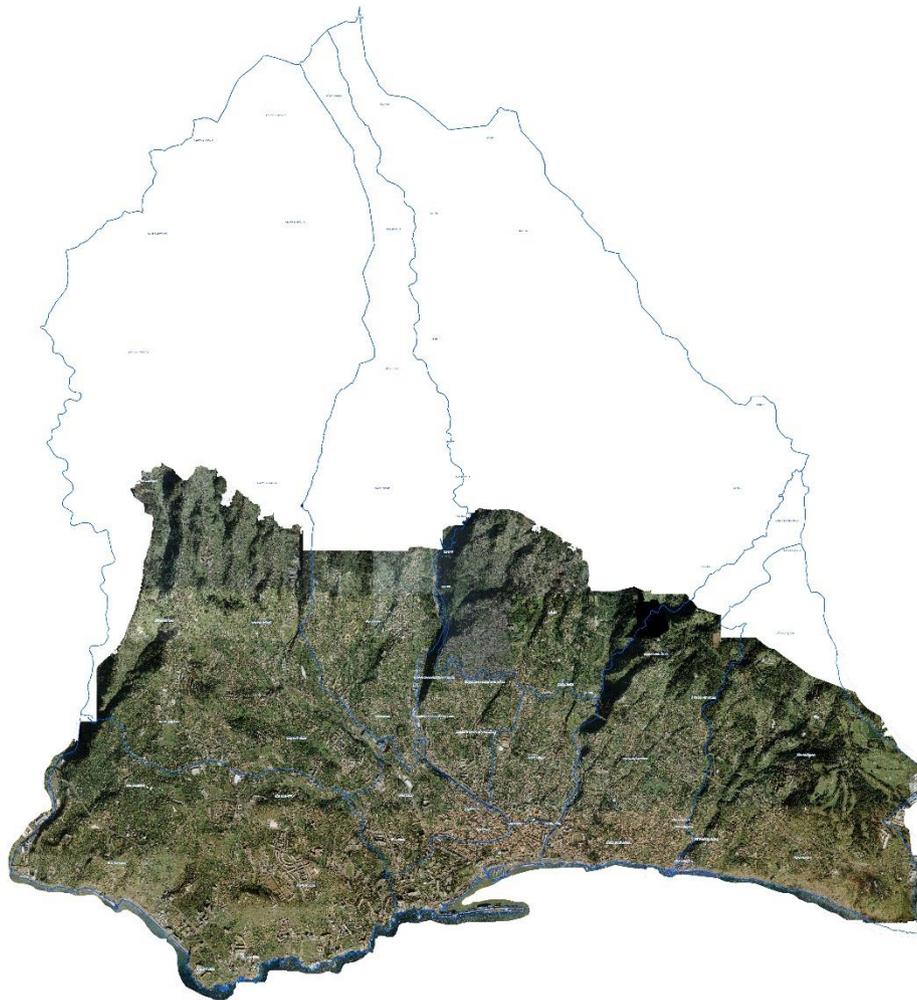


Figura 66: Ortofotomapa do Funchal, 1997

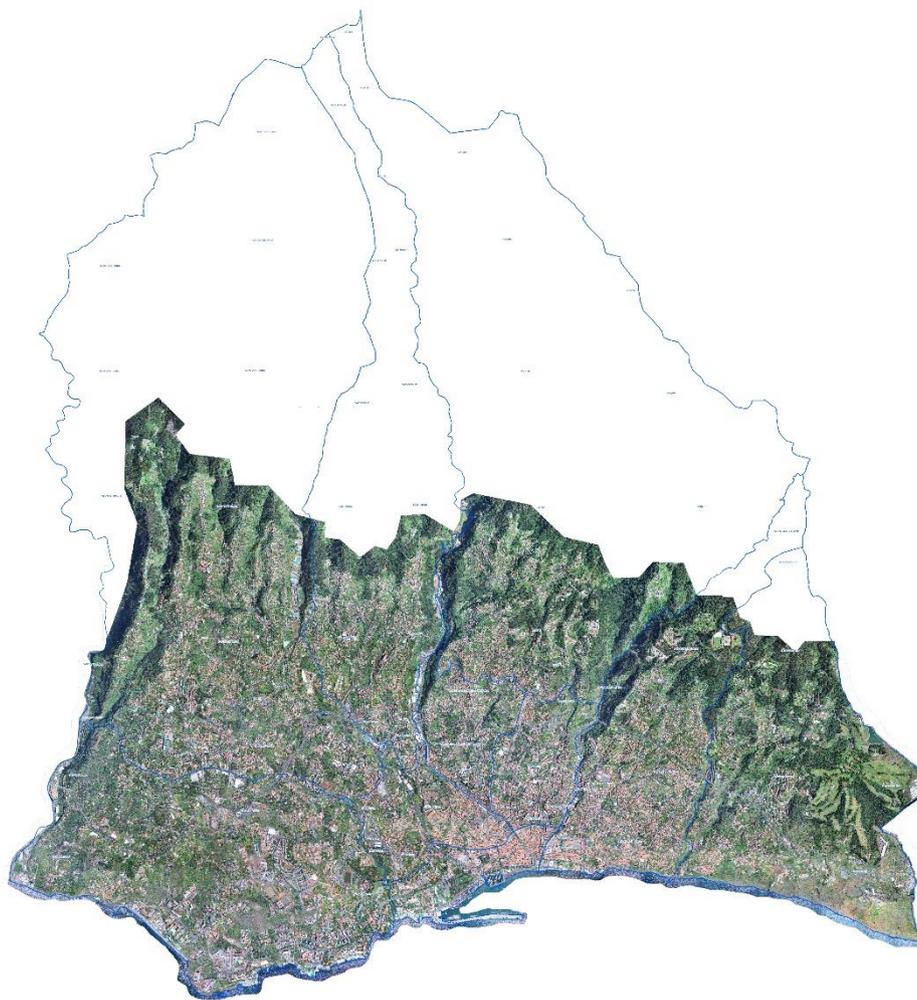


Figura 67: Ortofotomapa do Funchal, 2004



Figura 68: Ortofotomapa do Funchal, 2007



Figura 69: Ortofotomapa do Funchal, 2010

## ANEXO B | Tabela das quintas do Funchal

Nº	Quinta	Data de construção	Tipo	Estado de conservação	Novo Uso
1	Magnólia	1825 – 50	2	Reabilitado	Centro desportivo
2	Nogueira/ Araújo	1850 – 75	3	Reabilitado	Apartamentos
3	Perestrelo	1850 - 75	3	Reabilitado	Unidade hoteleira
4	Santana (Virtudes)	1800	1	Conservado	-
5	Valentim	1850 – 75	3	-	-
6	Vista Alegre/ Pita/ Stanford	1850 - 67	3	Reabilitado	Turismo de habitação
7	Alemã	1901	3	Degradado	-
8	Aluizio	1750 – 75	1	Conservado	-
9	Angústias/ Lambert/ Vigia	1750 – 75	1	Reabilitado	Sede da Presidência do Governo Regional
10	Bianchi	1840 – 50	3	Demolido	-
11	Bianchi/ Ribeiro Seco	1840 – 50	3	-	-
12	Bichinha	1825 – 40	3	Demolido	-
13	Carlos Alberto/ Teixeira	1850 - 75	3	Degradado	-
14	Cova/ Wallas	1814	2	-	-
15	Cruzes*	1500 – 1600	1	Reabilitado	Museu
16	Faria	1850 – 75	3	Conservado	-
17	Favila	1850 – 75	3	Demolido	-
18	Florença*	1850 – 75	3	Conservado	-
19	Fonte	1866	3	Reabilitado	Unidade hoteleira
20	Ilhéus/ Vila Amélia	1869	3	Reabilitado	Unidade hoteleira
21	Luis Maria/ Vila Andrade	1850 – 75	3	-	-
22	Margarida	1866	3	Conservado	-
23	Pavão	1850 - 75	3	Demolido	-
24	Penha de França	1850 - 75	3	Reabilitado	Unidade hoteleira
25	Pereira	1850 - 75	3	-	-
26	S. João/ Faber	1700 - 50	1	Demolido	Unidade hoteleira

27	Silvado/ Donalson	1800 – 25	1	Reabilitado	Pousada da Juventude
28	Sousa	1850 – 75	3	Conservado	-
29	Veitch/ Cossart	1800-15	2	Reabilitado	Unidade hoteleira
30	Vigia/ Davies	1849	2	Demolido	-
31	Achada/Lindon	1750 – 75	1	Reabilitado	Unidade hoteleira
32	Andrade	1850 – 75	3	Conservado	-
33	Camélias/ Sheffield	1850 – 75	3	Conservado	-
34	Cristovão	1852	3	-	-
35	Cuiben	1850 – 75	3	Conservado	-
36	D <sup>a</sup> Isabel	1800 – 75	3	-	-
37	Deão	1820 – 25	2	Demolido	-
38	Descanso	1750 – 90	1	Conservado	-
39	Gertrudes	1850 – 75	3	-	-
40	Goes	1850 – 75	3	Conservado	-
41	Henrique/ Cristóvão	1850 – 75	3	Conservado	-
42	Levada/ Cossart	1750 – 75	1	Conservado	-
43	Loaring/ Veloza/ Kehog	1850 – 75	3	Conservado	-
44	Lyra/ Vidal/ Val Paraíso	1850 – 75	3	Reabilitado	Clinica
45	Mareta/ Pinheiro	1700 – 25	1	-	-
46	Olavo	1834	3	-	-
47	Palmeira	1811 – 20	2	Conservado	-
48	Paz	1800 – 75	3	Conservado	-
49	Pimenta/ Saltos	1825 – 50	3	-	-
50	Pinheiros/ Bachelor's Hall	1700 - 60	2	-	-
51	Rato	1800 – 75	3	-	-
52	Sales/ Pimenta/ Saudade	1840	3	Reabilitado	Exploração agrícola
53	Santa Luzia	1800 – 40	3	-	-
54	Sant' André	1750 – 75	3	Conservado	-
55	Til*	1700 – 50	2	Reabilitado	-
56	Torrinha	1800 – 70	3	Conservado	-
57	Val Formoso/ Bachelor's Hall	1700 – 50	2	Reabilitado	Lar

58	Vasconcelos/ Ambrósio de Cima	1800 - 30	3	-	-
59	Boa Vista/ Leste/ Garton/ Martins	1700 – 50	1	Reabilitado	Jardins públicos
60	Faial*	1600 – 00	1	-	-
61	Hollway/ Elisabeth	1825 – 30	3	-	-
62	Mãe dos Homens	1800 – 25	1	Reabilitado	Turismo de habitação
63	Nora	1800 - 40	3	Abandonado	-
64	Almas	1863	3	Reabilitado	-
65	Avista Navios*	1790	1	Conservado	-
66	Bela Vista	1844	3	Reabilitado	Unidade hoteleira
67	Calaça	1838	2	Reabilitado	Clube Naval
68	Jardim de Serra	1810 – 15	2	Reabilitado	Unidade hoteleira
69	Josefina	1868	3	-	-
70	Monte*	1826	2	Reabilitado	Unidade hoteleira
71	Palheiro Ferreiro	1801	2	Reabilitado	Unidade hoteleira
72	Prazer/ Monte Palace	1750 – 75	1	Reabilitado	Unidade hoteleira
73	Sant'Ana	1850 – 75	2	Reabilitado	Escola
74	Casa Branca	1800-1900	-	Reabilitado	Unidade hoteleira

\*Património da Direção Regional da Cultura da Madeira

## ANEXO C | Ficha das quintas do Funchal visitadas

Quinta da Calaça | Clube Naval do Funchal

Data de construção: 1836

Data de última intervenção: 1997

Intervencionada pelo Arquiteto Gonçalo Byrne

Intervenção: Preservação | Restauro | Ampliação | Demolição



Quinta da Casa Branca | Estalagem Quinta da Casa Branca

Data de construção: Século XIX

Data de última intervenção: 1994

Intervencionada pelo Arquiteto João Favila

Intervenção: Preservação | Restauro | Ampliação | Demolição



Quinta da Bela Vista | Hotel Quinta da Bela Vista

Data de construção: 1844

Data de última intervenção: 1989

Intervencionada pelo Arquiteto Miguel Malaguerra

Intervenção: Preservação | Restauro | Ampliação



Quinta das Cruzes | Museu Quinta das Cruzes

Data de construção: 1500 - 1600

Data de última intervenção: Século XIX

Intervenção: Preservação | Restauro | Ampliação | Demolição



Quinta do Palheiro Ferreiro | Quinta do Palheiro e jardins

Data de construção: 1801

Data de última intervenção: 2009

Intervencionada pelo Arquiteto Miguel Malaguerra

Intervenção: Preservação | Restauro | Ampliação



Quinta Perestrello | Hotel Quinta Perestrello Heritage House

Data de construção: 1850 - 75

Data de última intervenção: 1989

Intervenção: Preservação | Restauro | Ampliação

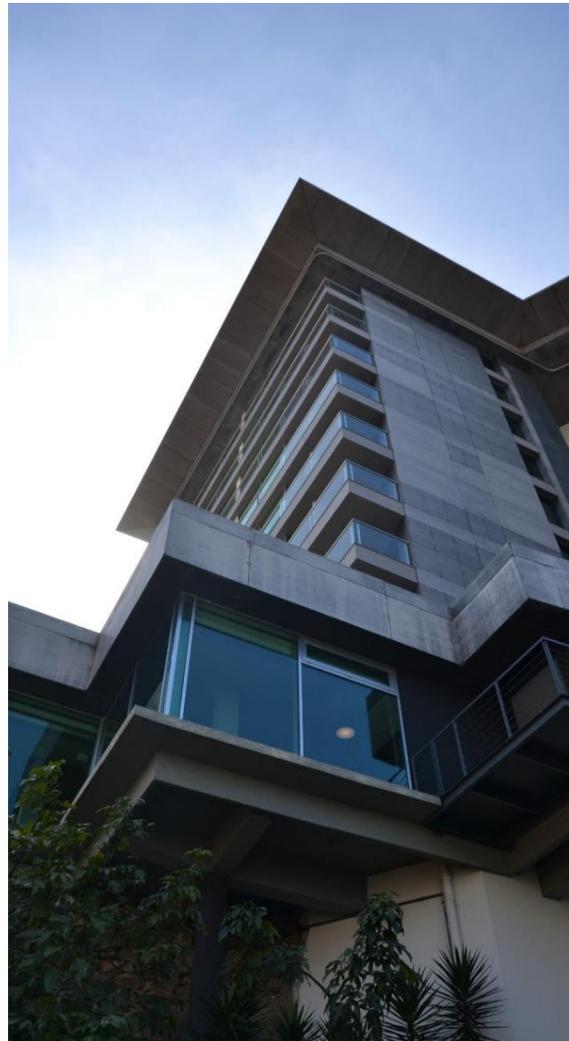


Quinta de São João | Hotel Four Views Baía

Data de construção: Século XVIII

Data de última intervenção: 2005

Intervenção: Demolição



## ANEXO D | Entrevistas

## DANILO MATOS | 05.01.2018

Danilo Matos, formado em Engenharia Civil no Instituto Superior Técnico, em 1971, antigo técnico de planeamento e urbanismo na Câmara Municipal do Funchal, entre 1981 e 1998, onde desempenhou o cargo de diretor do Departamento de Planeamento Estratégico. Atualmente continua a exercer na câmara como mandatário do atual presidente Paulo Cafofo e autor de várias publicações, incluindo o livro *Um olhar sobre as obras e providências de Reinaldo Oudinot*.

**SA:** Em termos da evolução da Madeira, mais especificamente do Funchal, fala-se muito sobre um crescimento repentino devido ao turismo, acha que este foi o caso? Quais foram as consequências?

**DM:** Isso tem vários perigos, mas eu acho que não houve propriamente um `boom`, digamos, concentrado no tempo há uma evolução, há sempre uma evolução, até se formos ver o número de camas turísticas do Funchal que nem é muito. A Madeira está com 28,000 camas, o Funchal é capaz de ter 20,000 camas ou mais, embora no final dos anos 60, até altura do 1º PDM 1972. Aí nota-se de facto um conjunto de unidades hoteleiras muito importantes como o Grande Palácio e toda a zona concentrado na frente mar, entre o Reid´s e a Praia Formosa, essencialmente na zona do Lido. Depois tem havido uma ocupação turística, não digo que é planeada, mas muito mais contida em termos de `boom`, não podemos falar da Madeira com um excesso de turismo. **Poderíamos ter um turismo muito mais sustentável ao nível do território, não digo uma ocupação do território, mas isso já é outra conversa.**

**SA:** Em relação à zona do Lido, acha que há um excesso de turismo?

**DM:** Neste momento, a concentração é muito grande de turismo, até que não há espaço público para dar resposta a toda àquela ocupação, mas é isso que, entretanto, foi subvertido, se for ver o *Plano da Frente Mar* de 1969 como o plano de 1985, **vai ver que o que estava planeado era de uma qualidade que não tem nada a ver com o que lá está.**

**SA:** Já que estamos a falar em planos, antes do *Plano Diretor*, o *Plano do Ventura Terra*, acha que foi eficaz em resolver os problemas do Funchal nessa época?

**DM:** O *Plano do Ventura Terra* é uma aventura, o Ventura Terra faz a sua formação em Paris, pega nas teorias de grandes bulevares e faz o que ele chama de um plano de melhoramentos para a cidade, dos grandes bulevares.

**SA:** A introdução dos carros e de...

**DM:** Grandes bulevares, pobres ribeiras, não reabilitou as ribeiras, os bulevares são traçados sem intensão nenhuma. Um dos bulevares aqui, o Paço São Lourenço desaparecia. **Portanto rompeu a cidade, ele rebentava com o centro histórico todo, ele fazia em cima de uma cidade histórica uma cidade nova.** Aliás, a cidade do Funchal sempre foi uma cidade com essa intenção, nunca houve, tirando o plano quando foi a Aluvião, fazer uma cidade nova, de Santa Catarina, retirando essa intenção muito interessante, a cidade foi sempre cavalitando uma sobre a outra. **Foi-se sempre fazendo cidade nova em cima de cidade antiga. O Plano do Ventura Terra é um plano de 1915, o que trouxe de interessante foi que pela primeira vez discutiu-se a cidade.** Depois é o Carlos Ramos que em 1931 vem para cá e pega no plano do Ventura Terra e dá-lhe alguma realidade, aquele plano era de uma utopia e uma desgraça incrível em termos urbanos. Eu falo com o velho Carlos Ramos, avô deste Carlos Ramos, é uma geração de arquitetos, o avô do Carlos Ramos Jr vive e vem para cá, para a Madeira. Esse sim, pega no plano e dá alguma intenção, dá-lhe a escala que devia ter, ele interrompeu a Av. do Infante, por exemplo, marginalizou as ribeiras com edificações, como a ribeira Santa Luzia, toda aquela margem edificada desde cima até cá baixo o Torreão. Depois do Carlos Ramos, então, temos o Pedro Fernando Ornelas, mas o turismo aí era um turismo de... É interessante ver a história do turismo, pode consultar livros interessantes sobre a história do turismo, designadamente o livro que foi publicado com fotografias do Rui Campos Matos.

**SA:** Sim, as origens do turismo da Madeira...

**DM:** Sim, para ver como é que nasce o turismo, isso é muito importante, hoje não se pode falar do turismo da Madeira sem ir buscar o turismo meado do século XIX até princípio século XX, altura dos primeiros hotéis: como é que eles nascem, a qualidade que tinham. Grande qualidade. Depois é subvertido, **hoje podemos falar do turismo como um dado adquirido pela sociedade. Não quer dizer que a gente tenha que ir atrás disso, temos de saber o que é o turismo como indústria e sustentável.** Nós não tivemos na Madeira o efeito de Canárias, os efeitos de Maiorca e essas coisas todas, essas é que foram `booms`, achava-se sustentável e agora estão a tentar recompor as asneiras que fizeram, estão a demolir. Isso em Maiorca acontece com certos hotéis sobre as praias.

**SA:** Há uma tese que ainda fala as tipologias das Canárias serem importadas para a Ilha da Madeira e o facto de...

**DM:** Sim, mas não temos, primeiro nós não temos o turismo sol, temos um turismo diferente, o que a gente vende não tem a ver com o que os Canarinos vendem. E, portanto, é diferente, nós temos mais da natureza, é um turismo completamente diferente com oferta... e às vezes as pessoas vêm para cá fazer as levadas, ver a Laurissilva, o clima, temos praias, mas não temos o turismo de praia. Mas isso

sempre foi uma intenção, alguma classe Madeirense sempre via Canárias como um exemplo, mas não tem nada de exemplar para nós, tem exemplar pela negativa e não pela positiva.

**SA:** Com o estudo prévio do Funchal para a elaboração do 1º Plano Diretor Municipal em 1972, quais foram as maiores descobertas e preocupações?

**DM:** Nessa altura era essencialmente a cidade, já em 1969 esta expansão que hoje se notou, a expansão chamada “mancha de óleo” como o Botelho chamava sucedeu isso, o anfiteatro começou a manifestar-se e é aí que surgiram as primeiras grandes preocupações em termos de urbanização da cidade. **Como conter o fenómeno, um fenómeno perfeitamente natural, passa também nos anos 60 devido à falta de habitação da cidade, emigração interna da cidade para o campo e o nascimento do turismo e a construção civil, portanto como conter a cidade.** Mas isso está muito bem escrito no colóquio e hoje temos a imagem que temos, embora a preocupação de todos os planos nunca se conseguiu conter mesmo quando se tenta no plano de 1997. De qualquer maneira, o plano atual de 2017 que ainda não foi aprovado, não tem eficácia legal ainda, já definiu, já fez um perímetro urbano para conter exatamente o que se antecipou, para qualificar o que está fora do perímetro urbano, mas com algumas medidas até por razões de segurança. Sobretudo por causa dos incêndios, foi uma ameaça grande o ano passado e não pode ser. As preocupações da cidade agora são compor o coberto florestal.

**SA:** Em termos do turismo do Funchal, qual era a influência que ele tinha perante a cidade durante o desenvolvimento do plano de 1972? Já era visível uma grande fluência de turistas?

**DM:** Já existia mas muito concentrado pelos hotéis, na altura do plano o número de camas hoteleiras era à volta de 6.000-7.000 camas, mas isso há dados estatísticos. Mas cresceu muito, digamos que entre a elaboração do plano e aprovação do plano houve um crescimento grande. Os hotéis que vimos hoje atrás de Lido, não havia quando começou o plano, havia 2 hotéis só. Quando acabou o plano havia uns 7-8, aí houve um crescimento rápido. Depois do 25 de Abril houve uma quebra grande e voltou a haver um crescimento rápido do turismo.

**SA:** As quintas da Madeira foram uma das primeiras tipologias de alojamento para os turistas na época do turismo terapêutico da Madeira, existindo, na altura, uma grande oferta que hoje é quase inexistente. No desenvolvimento do 1º PDM isto já era evidente e era uma preocupação?

**DM:** Do primeiro e do segundo, aliás há um levantamento exaustivo e havia medidas urbanísticas sobre as quintas. Havia quintas que tinham a função hoteleira e havia quintas mesmo. **As quintas pelo valor que tinham, as casas que existiam e pela vegetação que lá estava, as árvores.** O livro *Jardins e Quintas* do Raimundo Quintal tem muita informação. As quintas é uma área fundamental que hoje estão

a tentar explorar em termos turísticos, muita coisa foi comprada e outras adulteradas. **O Monte Palace, que é a quinta mais interessante, não está com alojamento, mas está noutra área de turismo, mas há uma data de coisas transformadas em alojamento, a Casa Branca, por exemplo, tem um projeto muito interessante do João Favila. O turismo das quintas é uma área fundamental, ainda há muita coisa que se pode fazer.**

**SA:** Acha que a Madeira acabou por perder o seu encanto ao não aproveitar as quintas? Ou seja, ao passar demasiado rápido para os hotéis e esquecer um pouco a identidade do lugar?

**DM:** **A Madeira perdeu muito dos seus encantos e as quintas são um deles.** Claro que perdeu, mas muitas das quintas ainda estão em condições de serem salvas, na minha opinião. **Agora é preciso apoiá-las, o plano 1997 permite alguma ocupação nas quintas, parece-me razoável desde que sejam bem-feitas. Há aí coisas bem-feitas a nível de quintas, mantendo o encanto que a quinta tem, porque também se não dermos às quintas (as quintas têm de ser apoiadas de várias maneiras) uns certos incentivos que se deve dar às quintas, mas também se só se dá alguma capacidade construtiva, muito contida, ela também não se consegue manter.** Tem que haver apoios.

**SA:** As influências do estado para o desenvolvimento da Madeira foram muito marcantes, sendo a *Via Rápida* um dos exemplos. Quais são as consequências destas grandes obras numa paisagem como a da Madeira?

**DM:** Há várias teorias, o próprio conceito de paisagem tem muito que se diga, o Álvaro Domingos que tem desenvolvido bastante esse conceito de paisagem tem uma frase, “a paisagem era verde, veio uma cabra e comeu-a.” As coisas foram todas muito rápidas, não há dúvida que era preciso um alargamento do sistema viário da ilha, nos anos 20-30 era um bloqueio. Mas a via rápida tem os seus efeitos perversos mesmo a nível do ornamento, as vias rápidas servem para trazer e levar, portanto aqui a gente pensava que as vias rápidas pudessem contribuir para uma fixação do mar com a maior fixação das pessoas, não o contribuiu. Contribuiu foi para uma deslocação maior para o centro, os fluxos viários para o centro. Em termos de paisagem, o recurso ao túnel, é um recurso que não interfere na paisagem, a gente não goza da paisagem, mas também não interfere. **A topografia da Madeira também obriga a obras muito pesadas, os viadutos. Temos viadutos que no ponto de vista da arquitetura são muito interessantes, mas podia-se ter feito tudo isto sem prejuízo, com o sistema viário herdado do século passado e anos anteriores. Agora há uma grande preocupação em recuperar caminhos reais, os primeiros caminhos que foram feitos para ligar a ilha. Os caminhos reais eram uma obra gigantesca que existe na Madeira.** As vias rápidas, pronto, são as vias rápidas que têm os efeitos perversos naturais da paisagem, são perfeitamente evidentes, mas faz parte do sistema de comunicações, as comunicações hoje são rápidas, há muita coisa ainda a fazer nos

transportes, mas isso é outra área. Temos a cidade hoje com um fluxo viário virado para a cidade, a cidade não consegue respirar em termos de trânsito. Não conseguindo a nível urbano aproveitar isso depois surgiram urbanizações absolutamente desastrosas, como é o Caniço, por exemplo, parte do Estreito de Câmara de Lobos. Tudo incontrollável, vemos uma ocupação urbana sem qualquer controlo, simultaneamente as vias rápidas, a permissividade foi enorme, prédios de 4-5 pisos em zonas urbanas, é um desastre em termos urbanos. Mas isso é uma consequência, é resultado de uma ausência de planeamento. Embora, no Funchal nós tínhamos um plano PRAM – Planeamento da Região Autónoma da Madeira 1985/1986 muito bem feito mas as práticas urbanísticas não tinham, está tudo subvertido.

**SA:** Com o desenvolvimento do turismo nos últimos anos e a necessidade de preparar a cidade para os turistas, acha que o turismo pode prejudicar uma cidade? No caso do Funchal prejudicou?

**DM:** Prejudica a cidade se nós deixarmos, **o turismo pode ser perfeitamente aproveitado para requalificar a cidade e não estragá-la. Mas o turismo é sempre uma atividade económica perversa, prejudica se nós deixarmos que ela seja prejudicada.** Podemos aproveitar o turismo para fazer uma cidade de qualidade e mais sustentável. **O homem é que estraga a cidade, portanto tudo depende de o que queremos fazer da cidade.** E o Funchal apesar de tudo pode ser qualificado em muitos aspetos perverso que foram praticados em parte por alguns edifícios turísticos. Podemos melhorar os equipamentos, e a qualidade pode ser melhorada como protesta o turismo, tudo depende dos planos que nós temos e como é que nós conseguimos criar essa ideia de cidade entre as pessoas, sobretudo os agentes económicos.

**SA:** Na sua opinião, como podemos controlar a turistificação que o Funchal sente neste momento? Qual é a resposta que as entidades governamentais devem ter? É dever exclusivamente deles ou nosso também (arquitetos/engenheiros)?

**DM:** Há um plano que foi feito agora, o plano de 2017 é fundamental, estamos sempre a falar em termos de planos, mas sabemos que os planos podem estar muito bem escritos mas depois as intenções são ..., vendo o Savoy agora, o Savoy é um dos atentados urbanísticos e hoteleiros mais terrível da cidade, é absolutamente um absurdo. Aquilo não é o nosso produto turístico, o nosso produto é hotéis de 128 camas e não como aquele, aquilo não serve, arreventa com tudo. Este plano é muito interessante, não permite hotéis superiores a 160 camas. É preciso requalificação do que existe... o horizonte deste plano é 40.000 camas e nós estamos com 28.000, é perfeitamente sustentável desde que se cuide do existente. Temos de cuidar da sustentabilidade dessas camas, da qualidade delas e do produto que queremos vender. Não é ainda uma massificação para uma ilha com 250.000 habitantes. **O mais importante neste momento é a requalificação, ter um produto de melhor qualidade que podemos ter do que aquele que temos. O turismo tem de ser mais sustentável, só que depois os efeitos que o turismo tem no território são tão grandes, o turista pode ser um predador, mas também**

**pode dar um grande contributo à qualificação. O turismo não tem só aspetos negativos, melhor, os aspetos negativos podem ser transformados em benefícios para a cidade.**

**SA:** Muita obrigada pela sua disponibilidade.

**RUI CAMPOS MATOS | 09.01.2018**

Rui Campos Matos, arquiteto formado pela Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa em 1984, onde se doutorou em Teoria e História em 2015 com a tese sobre *A Arquitectura do Turismo Terapêutico*. Exerce a arquitetura como profissional na Madeira desde 1988, onde foi presidente da Delegação Regional da Ordem dos Arquitetos de 2014 - 2018. É investigador do Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais da Universidade da Madeira (UMa-CIERL) e do Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa (CIAUD), no último dos quais desenvolve um projeto de Pós-Doutoramento cujo tema é *Madeira: Arquitectura, Paisagem e Turismo*. No plano da investigação, publicou, em 2013, o livro *As Origens do Turismo na Madeira – Quintas e Hotéis do Acervo da Photographia Museu – “Vicentes”*. Para além da regular publicação em revistas científicas e culturais da especialidade, tem realizado uma ampla atividade no domínio da divulgação da arquitetura e do património histórico construído na Madeira.

**SA:** Sendo que as quintas da Madeira foram uma das primeiras tipologias de alojamento para os turistas na época do turismo terapêutico da Madeira, como é que caracteriza uma típica quinta da Madeira? Quais eram os valores principais?

**RCM:** Pois como eu lhe disse, eu no estudo que fiz distingui três tipos, mas o que lhe posso dizer é que **o mais importante, o mais disseminado pelo menos é a chamada quinta cuja arquitetura é sem arquitetos, portanto uma casa compacta, normalmente planta quadrada ou retangular, cobertura em quatro águas, portanto com uma arquitetura muito austera, mas que nos seus interiores tem uma sofisticação da arquitetura do norte da Europa**. Vamos dizer assim na altura Inglesa, tetos em estuco, janelas em guilhotina com contrapesos, lareira inglesas, carpintarias de grande qualidade, portanto para uma clientela de uma exigência muito grande ao nível de qualidade e conforto do interior das casas que não se vê muitas vezes no continente. A maioria dos solares no norte do país, os solares entre o Douro e o Minho, solares muito Judeus do século XVIII outros do século XIX, já não tem o mesmo conforto. Portanto essa casa muito geométrica com características muito simples era feita não por arquitetos, mas por construtores que sabiam exatamente o modelo de casa que a clientela queria e pedia. Uma escada principal de representação, depois a escada secundária para os empregados, os circuitos, portanto serviços separados dos circuitos principais, os empregados às vezes no sótão, cozinha, no rés de chão, há regras muito comuns que se repetem até à exaustão nesse modelo de planta quadrada ou retangular, vendo uma praticamente vemos quase todos. E depois há **a relação dessa casa com a paisagem e com o jardim, normalmente o jardim é um jardim orgânico de influência romântica, podemos dizer assim, ou pelo menos no jardim pintoresco inglês que é**

**disseminado pelo aludem na enciclopédia de jardinagem do século XIX que é adaptada aqui na Madeira e a esta tipografia em socalcos.** Portanto, é um jardim que adquiriu também umas características particulares, portanto é um tipo de casa...esse tipo quinta Madeirense que eu chamei de quinta de aluguer, porque quinta madeirense é um conceito muito difuso, é a mesma coisa que dizer quintas românticas, a quinta romântica pode ser tudo. Chamei de quintas de aluguer porque é um fenómeno muito específico de aqui, a maioria obedece a este modelo, portanto são um produto, digamos assim, característico, poder pode, se falar nisso uma certa influência, cruzamento de influência do meio materiais locais, a vegetação, a maneira de olhar para o jardim, cruzamento de influências inglesas com a casa mediterrânica que vem do continente, tudo aquele depois da origem a esta casa que tem de facto aqui características especiais, quase únicas, portanto é isso que define este tipo da quinta Madeirense, para sintetizar.

**SA:** Existia uma grande oferta de quintas entre o século XVIII – século XX, o que é que acha sobre o facto de hoje esta oferta ser quase inexistente?

**RCM:** Pois aí está uma questão interessante, tem a ver mais com a exploração e a viabilidade da exploração destas casas face ao turismo atual. Houve e há aqui ainda uma coisa que é as quintas da Madeira, um conceito quinta da Madeira que há na net, é uma coisa relativamente incaracterística porque cabe lá um pouco de tudo. Há umas que são de facto próximas deste modelo da quinta e há outras que já têm muito pouco a ver, no entanto está ali e tem o nome quinta. A quinta Don João (quintinha), aquilo de quinta não tem nada, é uma unidade hoteleira relativamente incaracterística nesse ponto de vista, não é uma casa, não tem aquela relação com o jardim, há algumas. A viabilidade dessas casas é esta, por exemplo a quinta da Penha de França, que fica por detrás do casino, a casa original está mais ou menos mantida com o jardim, **a casa de fresco (também é uma coisa típica destas quintas), uma espécie de miradouro para a paisagem desbordada no muro sobre o caminho.** Há casos bonitos, a quinta das Angústias também tem uma, há vários casos. Esta é um caso adaptação de uma quinta de aluguer a quinta de turismo que está envolvida por um hotel que faz parte de um edifício hoteleiro típico com um corredor com quartos de um lado e do outro e a casa no meio ficou ali no meio do jardim um pouco entalada e afogada pelo conjunto, não me parece que tenha sido a melhor das soluções, mas a casa original manteve-se e isto é uma unidade relativamente antiga, início, finais dos anos 70, como unidade turística ou até antes. Foi crescendo, criando quartos à volta e a casa ficou um pouco afogada, mas manteve-se. Esta podia ser dada como um exemplo de... qual foi a viabilidade desta casa, foi de facto crescendo no número de quartos porque uma unidade só, o que é que uma casa destas dá depois em termos de... o que a legislação chamou de unidade de alojamento que são quartos, muito poucos. Muito poucos não é viável a exploração, com uma grande área verde e muito poucos quartos, não é viável.

**SA:** Não sei se concorda, mas se calhar foi essa a razão do grande interesse pela ilha, mas depois na transição do terapêutico para o lazer, as quintas acabaram por sofrer mais devido à exploração dos hotéis. Ou seja, os hotéis foram mais explorados, até que no século XX quase todos os hotéis no Funchal surgiram dessa época.

**RCM:** Exato, **os hotéis vieram substituir as quintas tipicamente a partir dessa época, primeira guerra século XX, a partir da Primeira Guerra Mundial há uma mudança radical, radical não, mas progressiva no turismo e as unidades hoteleiras.** Começam então as estadias mais curtas, em vez de estadias de inverno as estadias mais curtas, os navios são a vapor e mais rápidos, estadias mais curtas de lazer não tanto de saúde, mas em termos de lazer e começam as unidades hoteleiras, cá em baixo e no Monte. Portanto, **aí começa o período de cadência das quintas, a partir da primeira guerra, as quintas começam a cair e saem do mercado, não tem viabilidade económica, alugar uma casa por 15 dias.** As pessoas depois começam a pedir estadias curtas e já não são estadias de meio ano. **O aluguer do século XIX é o inverno inteiro na Madeira numa casa, portanto as quintas só tinham uma hipótese, ou cresciam no número de quartos com um edifício em anexo, foi o que aconteceu à maioria, mas quando crescem mal, esse edifício anexo é tão grande que depois esmaga a proporção da casa e a casa desaparece ou o jardim, esse é o caso mais comum, a casa de Penha de França, a Quinta do Jardim da Serra fora do Funchal.** A destruição total de uma quinta do Henry Veitch, com uma grande unidade atrás, cá em cima a quinta do Monte, salvo erro, que também foi objeto de uma intervenção, que é um caso exemplar de intervenção totalmente destrutiva, talvez a pior do Funchal. É no Monte, nem sei como se chama, cada vez que lá vou, tenho um ataque de riso quando olho para aquilo, não sei se devia de ser um ataque de choro. É uma que está ao pé... está na minha tese eu depois digo-lhe qual é. É interessante porque é uma casa muito simples, uma casa retangular quase uma casa rural, capaz de ser uma casa finais século XVIII em que atrás constroem uma coisa monstruosa que esmaga completamente a casa original, portanto é um mau exemplo de uma intervenção excessiva, essa e a Penha de França podem ser dados como casos para viabilizar economicamente ou tirar o máximo rendimento daquele terreno, conserva-se o seu nome e a ideia de quinta mas depois atrás aparece uma coisa com uma proporção gigantesca completamente fora de escala. É muito difícil conservar esse equilíbrio.

**SA:** Qual é o estado atual das quintas em geral (percentagem de quintas abandonadas, restauradas, privadas, etc.)? Há apoios para a conservação das mesmas?

**RCM:** Em termos do governo não existe apoio nenhum para quem tem quintas, quem tem quintas de facto passa um mau bocado porque são edifícios e terrenos dispendiosa manutenção e não dão rendimento nenhum. Por isso é que elas estão condenadas e a maioria, se quer a minha opinião, é um facto que a maioria está em mau estado. **Estão em mau estado e algumas até abandonadas, há**

**muitos casos de quintas abandonadas, basta ir aos caminhos tradicionais, a Torrinha, ver que muitas delas estão em muito mau estado, elas precisavam de restauro. A maioria começa a adaptar-se ao turismo, o grande problema é a maneira como elas se adaptam, se é bem-feita ou malfeita.** O governo não dá de facto, não há créditos especiais para quintas, elas não são encaradas como uma prioridade. Há para a reabilitação urbana nos chamados centros históricos, nas zonas abrangidas pela área de reabilitação há uns incentivos, mas se a quinta não estiver aí, a maioria delas não está, não há. Elas normalmente são quintas de periferia, são fora de muros e as áreas de reabilitação normalmente estão mais contidas, são abrangidas pela aquela reabilitação de edifícios com mais de 30 anos, mas não há nada de especial e não são incentivos suficientes para conservar de maneira que são um impasse. Por um lado, **são muito importantes para a cidade porque tem os espaços verdes, são muito importantes para a memória de o que foi o Funchal e o carácter da cidade, que é uma cidade de quintas e até pela configuração urbana que elas geram.** Há uma rua importantíssima, a rua dos Ilhéus que está progressivamente adulterada, uma rua muito antiga do Funchal Romântico. **A rua dos Ilhéus está cheia de muros de quintas. A paisagem da cidade era feita destes muros periferia, eram os muros dos jardins, fazem parte do carácter da cidade do Funchal e não haver maneira de as preservar tem sido lamentável. Mas eu reconheço que é um problema muito difícil de resolver porque de facto os proprietários privados não têm... a quinta não tem viabilidade e como normalmente os índices de construção, se elas estiverem contempladas no Plano Diretor como espaço verde são baixos, os terrenos valem pouco, valem menos porque pode-se construir menos, geram impasses.** Se vendem por pouco não querem vender, queria comprar, mas depois não consegue fazer o número de quartos que queria, há ali sempre uma relação difícil e isto é um problema e verdadeiro impasse para a cidade. A maioria destas quintas são um impasse enorme, não há soluções, pelo menos soluções imediatas, há que haver soluções, mas ninguém tem ideia de quais sejam.

**SA:** Acredita que seria uma mais-valia a conservação das quintas da Madeira através da reabilitação?

**RCM:** Sem dúvida, acredito que isso seja importantíssimo. Agora eu, como investigador, limitei-me a reconhecer o terminado tipo de arquitetura, reconhecer o seu valor histórico, o significado que teve para a cidade, mas não andei à procura de soluções que são políticas, são de planeamento e económicas que são muito complexas. O estudo que eu fiz é um elemento que depois pode informar decisões, agora as decisões eu não as tenho. Depois perguntam, mas o que é que andou a fazer da vida? Eu andei a estudar aquilo para saber o que é que se tem, distinguir o que vale e não vale, e ficar registado. Agora se pedirem a soluções, não sei, é um problema que me ultrapassa completamente e provavelmente ultrapassa a maioria até dos planeadores e políticos porque são decisões políticas de interesse da comunidade. **A comunidade chega à conclusão que não pode viver sem quintas, há que fazer um investimento nelas, ou podem dizer, não, isso não é importante, já temos jardins,**

**esqueçam as quintas, foi o passado e o passado tive o seu tempo, vamos mudar.** Eu acho pessoalmente que vale a pena mantê-las e tentar encontrar soluções para as manter e incorporar na vida da cidade.

**SA:** As várias quintas que já falamos aqui hoje também já sofreram tentativas de recuperar e manter, umas melhores que outras e há realmente esse interesse de...

**RCM:** Há, mas tem de ser...recuperá-las bem recuperadas, não pode ser chegar lá e de facto fazer, como aquele caso do Monte. Construir no Jardim da Serra, construir um hotel que desfigura tudo, porque **a quinta não é só quinta, é um objeto delicado, é a casa e a relação com o jardim. Tudo tem uma escala, um espaço para respirar, quando a ideia é especular para ter o maior número de quartos e nem querem saber de mais nada o resultado é um desastre.**

**SA:** Isso em quintas e em hotéis, evidentemente no novo hotel Savoy que estão a construir?

**RCM:** Pois, temos esses casos que são casos patológicos de especulação, são casos já de polícia judiciária, já nem é arquitetura.

**SA:** Na sua opinião, quais são os projetos de referência para a recuperar/conservação das Quintas da Madeira?

**RCM:** Em termos de casos de estudo interessa-lhe as que têm uma finalidade turística, a quinta da Casa Branca está bem escolhida, há uma quinta também com uma finalidade turística, pode ser turismo puro, portanto equipamento hoteleiro ou museu, ou não?

**SA:** Sim pode, até mesmo cultural. Eu fui à Quinta Calaça, no Club Naval do Funchal, que é possivelmente outro estudo caso.

**RCM:** É de influências inglesas, nesse caso de estudo transformou-se num clube náutico e tem interesse turístico, é um caso interessante com a intervenção dos arquitetos Gonçalo Byrne e o Paulo David. Numa casa antiga, o que é que tem de positivo e de negativo? Como é que a casa se comporta? O que é que a casa era? Eu tenho dados sobre essa casa na minha tese também. É uma quinta que é projeto do *Henry Veitch*, um conselheiro inglês, o tal arquiteto amador, essa é interessante. Há a Quinta Perestrello, que foi transformada numa unidade hoteleira pelo ateliê do Bugio, o arquiteto Miguel Malaguerra, que está neste momento a fazer uma intervenção na quinta Monte. Uma das quintas mais famosas da Madeira, a transformar no museu do romantismo, eu estou-lhe a dizer isto porque faço parte da equipa de consultores de arquiteto Malaguerra, consultor da história da quinta, eu não estou a projetar. Outras que tenham sido transformadas em unidades turísticas aqui no Funchal, Quintinha de São João é de facto um edifício de raiz, ainda por cima de gosto duvidoso, perto de onde era a

Quinta Dom João, nessa da alameda, *Four Views*. Havia um projeto do arquiteto João Ramalho interessante. A quinta da Achada, atual estalagem Jardins do Lago, aí tem um caso típico de adaptação, transformação de uma quinta num hotel. A lagoa original guarda ainda muito pouco, esta tem origem numa casa, naquela tipologia que eu defino como casas de origem rural setecentistas, era de facto uma casa setecentista comprado por um *iron merchant*, que foi sofrendo várias transformações no século XIX e finalmente agora no século XX é adaptada por um grupo hoteleiro em estalagem, é muito interessante ver o caso desta, o que correu mal e bem. O que é que aconteceu? Que qualidade e compará-la com a intervenção na Casa Branca. Esta é um caso de estudo interessante, esta eu aconselhava mesmo ver, porque do original aqui, eu próprio tenho dificuldade. Tenho imagem desta quinta no início do século XIX no meu livro e a fachada e as fotografias da fachada início século XX já é um contraste enorme, houve uma série de transformações. Na Quinta Perestrello funciona uma estalagem, que foi até discutida no jornal para ampliar aquilo que ia desfigurar completamente, porque ele (Miguel Malaguerra) aumentou um piso na casa mãe, a casa mãe é uma casa típica, aquela planta quadrada com telhados de 4 águas. E o Miguel Malaguerra acrescentou um corpo ao lado e manteve apesar de tudo a proporção da casa e agora o dono, acho que quer fazer umas coisas disparatadas e enormes à volta, desfigurando e tirando então todo o carácter de quinta. É um caso também que pode ser interessante. A Quinta da Bela Vista está intacta, esta é uma quinta que manteve a casa mãe, foi conservada, praticamente mantém a mesma configuração e à volta constroem uma nova unidade totalmente separada da casa, portanto é um caso semelhante ao da Casa Branca, mas diferente porque a arquitetura é diferente. A Casa Branca também não tinha...a casa foi restaurada, era uma casa do século XIX, esta da Bela Vista é uma casa dos meados século XX desse arquiteto Castro Ferreiro, portanto são dois casos diferentes. Um caso mais polémico e mais interessante de todos é o aproveitamento de duas ou talvez três quintas para transformar numa unidade hoteleira mais célebre da Madeira, que é o Casino do Niemeyer. O Niemeyer está instalado em cima de quintas, portanto é uma intervenção finais dos anos 60, que hoje em dia era impossível. Se hoje em dia chegasse aqui um dos arquitetos estrelas internacionais e dissesse “eu quero demolir estas quintas para fazer um hotel, nunca faria”, não conseguia, mas naquela época não se dava valor nenhum a estas casas, portanto é um caso estudo interessante, senão mesmo o mais interessante de todos. Como é que desaparecem a Quinta Pavão e a Quinta Bianca, são as duas quintas que estavam lá e mantêm-se só a Quinta das Angústias que passou a ser chamada a Quinta da Vigia. A Quinta Vigia foi demolida, era uma casa meados século XIX, portanto foi...esqueça o nome Vigia porque foi o Alberto João que mudou o nome da quinta, ela chama-se Quinta das Angústias, a que está lá é assim que deve ser designada, casa do século XVIII. A seguir desta quinta havia a Quinta Vigia, casa meados século XIX de um comerciante inglês, a seguir havia a Quinta Pavão, que era o antigo casino Pavão e a seguir havia a Quinta Bianca. O casino ocupa o terreno/jardim destas 3 quintas todas juntas e passa por cima delas. Resta apenas um mirante, que pertencia à quinta Vigia. Os mirantes eram também dispositivos típicos destas quintas.

Eu no seu caso...esta mudança de paradigma finais dos anos 60, portanto projeto de 68 do Niemeyer, intervenção em 3 quintas da Madeira para transformação de uma unidade hoteleira é um paradigma de uma época de intervenção muito posterior, início de 2000, creio eu que é o projeto do João Favila para a Quinta da Casa Branca tem um critério completamente diferente. Não há demolição de nada, depois integra-se no jardim, não quer dizer que esta não se integre no jardim, mas está o jardim e o que lá está, as casas, são pura e simplesmente esquecidas. Portanto há aqui uma mudança de atitude face ao objeto quinta, casa e jardim de aquela época que nos anos, finais 90, começa a mudar aqui na Madeira, porque até lá tudo isto era considerado...por exemplo o *Ritz Gardens*, eu trabalhei no *Ritz Gardens*, havia uma quinta lá, era um anexo do hotel, mas que era uma quinta, chamava-se a Quinta...foi completamente demolida a casa, não valia nada a casa, ninguém ligava nada àquilo e era uma casa do século XIX também. Hoje em dia já não se elimina nada, era impossível mesmo, ia causar um escândalo deitar uma casa daquelas a baixo. Quando houve uma mudança de atitude, essa atitude é importante falar no seu trabalho, dando exemplos concretos.

**SA:** Em termos da quinta Palheiro Ferreiro...

**RCM:** Essa é uma quinta importantíssima, porque é uma quinta que vem de início século XIX do conde Carvalhal, que era o grande proprietário não só da Madeira, mas de Portugal, uma casa riquíssima e um tipo com formação inglês. Isto no início do século XIX, estamos a falar de 1800 e pouco, que quer fazer um jardim à inglesa. Uma casa de caça, casa de prazer no centro que é a casa unidade mais antiga e essa lá está. Mais uma vez uma transformação do Miguel Malaguerra, transformação dessa quinta original, dessa casa de prazer, aquilo é mais uma casa de desfruto da natureza do que propriamente, a casa principal da família.

**SA:** É essa casa que se encontra no meio do jardim?

**RCM:** Está no meio do maior e melhor ao pé da Quinta Palmeira, é a Quinta do Palheiro Ferreiro que é ainda maior e está em melhores condições. Um jardim à inglesa enorme e típico destas quintas dessa época, aquilo é uma quinta antiquíssima, mais uma vez uma adaptação de uma casa de inícios do século XIX a uma unidade hoteleira, neste caso de luxo. Uma entrevista importante era com o arquiteto Miguel Malaguerra.

**SA:** Cada vez mais os turistas procuram viver o sítio, acha que o *AirBnb* é a resposta certa para o século XXI? Até que ponto pode isto afetar a exploração das quintas para meios turísticos?

**RCM:** A relação de *AirBnb* com as quintas, lá está, o *AirBnb* se encaramos como aluguer que é quase sempre de curta duração de espaços normalmente, também rurais, normalmente urbanos contidos, apartamentos, quando são quintas são relativamente contidas. Há um rendimento que para uma quinta

com uma propriedade à volta que é alugado ao *AirBnb* não é viável. Uma quinta com 10 quartos que algumas têm, alugada no *AirBnb* não sai rendimento que dê para manter o jardim nem uma casa antiga. Portanto não é solução. Na cidade, a minha opinião, tenho uma opinião sobre os efeitos do aluguer de curta duração na cidade, mas é só a minha opinião. **Apesar de tudo tem contribuído para o restauro de muitas zonas históricas, tem contribuído para o que está na moda, a gentrificação ou turistificação das áreas da cidade. Saíram as populações originais e entram os turistas, isso é a grande desvantagem, há alterações sociais na posição da cidade. Por outro lado, tem uma vantagem extraordinária relativamente aos antigos modelos de chegar a cidade histórica e quer construir edifícios de grande escala, porque o *AirBnb* interessa-se exatamente por o que lá está, mantendo o cadastro da propriedade e quer restaurar sobre tudo.** O que interessa a quem quer alugar é ficar num edifício característico. Portanto tem isso, a estrutura física da cidade está a ser neste momento restaurada no Funchal, no Bairro Santa Maria do Calhau, as pessoas que investem querem manter as casas como estão, sabem que ninguém vai para casas modernas, querem aquelas casas antigas. Portanto a estrutura física está a ser mantida, a população, esta, praticamente não existe é só turistas. Portanto, a compensação entre as duas coisas, quando o turismo recuar, a população há de voltar ao bairro. O bairro já mudou tantas vezes de população, há de voltar de novo ao bairro e vai encontrar uma estrutura física mantida e aí nesse aspeto é positivo. Portanto tem os dois lados. O turismo é um problema que ultrapassa já a arquitetura, é um problema social da ocupação da cidade, se é de massas ou não, que tipo de turismo que queremos, enfim. Isso já é outro dilema, mas as quintas neste mundo do *AirBnb*, elas não sobrevivem, elas têm que ter um uso, agora qual é esse uso? Pode ser turístico, acredito que sim, mas tem que ser sempre delicado e respeitador da escala da casa e a sua relação com o jardim, é muito difícil. Podem ser museus? Não podemos transformar tudo em museus, não pode ser, há umas que justificam ser museus, a do Imperador, a Quinta do Monte, faz todo o sentido ser museu.

**SA:** A Quinta das Cruzes é também um museu?

**RCM:** Tudo bem, é uma quinta histórica, carregada de património, o lugar do capitão donatário, acho bem, agora pensar é tudo museus, isso também não. Aquilo tem que ser habitado, não vejo mal ninguém do privado continuar na quinta se tiver dinheiro para isso ou que seja de função pública e transformam em jardim público e a casa não sei o quê, tudo é possível. Agora **é preciso encontrar os melhores programas que se adaptam e mantêm o carácter da casa e do jardim, isso acho que é importante porque faz parte da história da cidade.** E em resumo é isto. Vai ter um trabalho grande, não, mas atrás de si tem muita coisa já escrita, tem os contactos de arquitetos, pode fazer entrevistas, o Miguel Malaguerra, pode falar com ele ver os critérios que ele usa para intervir, o João Favila também pode entrevistá-lo sobre a Quinta da Casa Branca. Portanto pode compor um trabalho interessante e se falar no caso do Niemeyer é um caso bastante interessante. Nós tivemos aqui uma conferência

sobre o Niemeyer, que eu era para escrever um artigo sobre o passado, o que estava antes do Niemeyer e o que estava depois, mas acabei por não ter tempo. Mas isso é um tema interessante que é um caso típico de finais dos anos 60, não se dava grande valor as casas, aos jardins sim. Os paisagistas já reconheciam a importância dos verdes, os arquitetos olhavam para estas casas e era para demolir. Mas era assim, eu ainda apanhei essa época, ninguém tinha as estudadas ou identificado, “não interessam nada. Olha, deita abaixo. Isso nem tem arquiteto é uma coisa que faziam para aí.”

**SA:** Muita obrigada pela sua disponibilidade

**PAULO DAVID | 10.01.2018**

Paulo David, arquiteto formado pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa em 1989. Após a sua formação trabalhou nos ateliês do arquiteto Gonçalo Byrne e João Luís Carrilho da Graça, regressando em 1996 ao Funchal, onde estabeleceu o seu próprio ateliê em 2003. Autor de diversos projetos como: as Piscinas das Salinas em Câmara de Lobos em 2002, o Centro das Artes – Casa das Mudanças na Calheta em 2004, o Pavilhão do Vulcanismo em São Vicente em 2004 e ainda a participação na *Biennale di Venezia, Inverted Ruins* em 2016. A arquitetura do Paulo David é reconhecida mundialmente, nomeado diversas vezes, incluindo para o prémio europeu de arquitetura contemporânea Mies van der Rohe em 2005 com a Casa das Mudanças. Em 2012, o arquiteto Paulo David foi laureado com a Medalha Alvar Alto.

**SA:** Em termos da evolução da Madeira, mais especificamente do Funchal, fala-se muito sobre um crescimento repentino devido ao turismo, acha que este foi o caso? Quais foram as consequências?

**PD:** Já tirou alguma conclusão sobre essa questão de crescimento da cidade através do turismo?

**SA:** A cidade é muito densa na zona histórica, e isso é que levou as pessoas a subir pelo anfiteatro acima e acabamos por ter um centro histórico que não tem população, e é meramente derivado...

**PD:** Mas não é o turismo que faz isso, acho que foi mesmo um problema, isso evidencia-se mais a partir dos anos 80 com o creto- fácil. O creto-fácil foi talvez umas das más consequências da expansão urbana da cidade e como ausente de uma cultura de planeamento, de política sobre ordenamento do território, saiu das mãos. Não havia capacidade de planeamento nem política.

**SA:** O primeiro plano, digamos assim, foi do Ventura Terra em 1915.

**PD:** **Sim, um plano de melhoramentos, diria que é a primeira reabilitação urbana da cidade do Funchal. Depois o Rafael Botelho é que faz um plano, um melhoramento, para responder já aos problemas do turismo. O melhoramento do Ventura Terra, a cidade já não conferia, estava muito em salubre, a resposta que...de atração que tinha sobre a própria questão da atração turística ou atração de estadia/visita.**

**SA:** Os planos desenvolvidos pelo Arquiteto Ventura Terra de 1915 e o 1º Plano Diretor Municipal do Funchal de 1972 do Arquiteto Rafael Botelho foram eficazes a resolver os problemas ou a diminuir os efeitos do turismo?

**PD:** O plano do Botelho é mais alargado, apesar de ter uma leitura curta, tem intenções mais alargadas sobre o ordenamento do território. Para já é um dos primeiros planos diretor do país, que torna a cidade

do Funchal como uma grande cidade laboratorial dos portugueses e de grande experimentação, tem vários *layers* de experimentação extremamente interessantes, sendo este último, do turismo. Ele vai começar a ensaiar, iniciar outros *layers* sobre o próprio, que é a questão do alojamento que vem com o turismo, uma estadia diferenciada daquela que temos hoje. **Nós tínhamos um turismo que não era turismo, era uma cura através das quintas de aluguer de longa duração, depois começamos a ter o fenómeno do turismo, o turismo de massas de zonamentos.** Um turismo dirigido para... dois ou três *slogans* sol e não sei o que e de festas e agora um novo quadro, um novo quadro não, uma experimentação com influência deste modelo, o novo modelo que se está a ensaiar agora, um turismo mais de cidade, cultura e de conhecimento e experimentação para além de outros que a ilha responde mais lúdicos, a experimentação lúdica. Resta saber é se esta cidade, como é, se calhar é uma coisa interessante para o seu desafio era como é que a cidade vai se preparar para este ensaio e o que deve se amalhar, no sentido, porque é assim, o turismo tem este fenómeno que é muito interessante. Instala-se na excelência dos lugares, mas a primeira coisa que faz é anular a excelência. Aglutina a excelência, ela vive dessa excelência e depois aglutina, acaba, mastiga, deita fora e instala-se noutro sítio. É o caso de Lisboa, teve este ‘boom’ por estar um bocadinho estática em determinadas ruas, tinha as suas identidades muito fortes em alguns lugares já decadentes, mas em geral muito fortes e agora como está um excessivo de atração, houve uma anulação de identidades, o sublinhar de outros, mas houve apagamentos e hoje começa-se a perceber que vai haver outras cidades que estão mais protegidas agora, por exemplo Atenas. A sua identidade está pura, portanto já se começa a perceber que há um deslocamento desta atração de Lisboa rapidamente para Atenas. **E saber como é que uma cidade periférica, atlântica, mar, costeira pode pelo menos ser... como é que se instala a permanência e a relação parente estes novos modelos, que as pessoas hoje viajam pelas cidades, os jovens viajam mais e há um efeito sobre o próprio modelo do turismo.** Há uma revista da ordem dos arquitetos só sobre turismo muito interessante sobre temáticas do turismo. Depois há umas de Canárias muito interessantes que falam sobre estes modelos extravagantes do turismo.

**SA:** Pois, porque a Madeira acaba por ser referenciada com Canárias e os modelos da Madeira e há uma tese sobre isso que fala sobre o facto de tentarem importar os modelos de Canárias para a Madeira que não tem nada a ver com o lugar.

**PD:** Nós sempre tivemos esse problema de competição com Canárias que não consigo perceber, parece-me bastante deslocado, deslocado em termos dessa tentativa de atração. Portanto são modelos que vão importando, isso porquê, porque nunca se estuda na realidade o território nem se estudou em termos de modelo de turismo, não há uma configuração, uma versão formal nossa, por acaso havia se olharmos para as quintas. Se você estudar as primeiras tipologias de unidades hoteleiras, ela tem uma determinada configuração. Uma delas constituía uma grande varanda por causa dos ares. Isso depois não se experiencia nem transpôs para os modelos de hoje, que podia conferir um modelo atlântico, ou

um modelo solar, que pudesse para aqui..., por exemplo, o Algarve tentou estudar se houvesse uma tipologia algarvia, modelo de lá, depois há modelos tipológicos, se há um modelo tipológico para esta condição. Para mim, você está a explicar isso a nível de cidade, que parece interessantíssimo, mas seria interessante em termos de estruturais do trabalho, podia ser muito interessante, até que ponto tipologia, se há uma tipologia específica? Você tem este grande hotel ao pé do Convento de Santa Clara, que é lindíssimo, um hotel de esquina, aquela grande varanda, depois tem a varanda do Ritz. Duas grandes varandas que ainda estão presentes na cidade, e que foram muito mercantes, e essas é que convocavam o modelo da hospitalidade.

**SA:** Ainda não tinha focado...mas é uma coisa para ver e perceber.

**PD:** Sim, há fotografias antigas e são cruciais para compreender tudo. Aqui o que me interessa é a estrutura, não propriamente os modelos económicos que há, às vezes, baralham e destroem. **Como arquitetos interessa-nos arquitetura, estrutura dos conhecimentos, a estrutura do território e do objeto. Portanto isso para mim é o que é mais importante, porque isso é que vai diferenciar e nos vai entender a leitura do lugar ou não, o espírito do lugar.** O resto são desenhos, medidas económicas ou *slogans*. **O turismo para mim, está tudo para pensar que tem uma grande vantagem.** Tem uma série de modelos que já percebemos, desviantes, e está tudo para refletir o que é que vai ser a seguir.

**SA:** Com o atual Gabinete da Cidade, no qual o Arquiteto Paulo David faz parte juntamente com o Arquiteto Gonçalo Byrne e João Favila, quais são as maiores preocupações? O turismo é uma preocupação?

**PD:** Nós no gabinete da cidade..., o que nós fizemos foi dar por um período de tempo uma resposta ao município sobre um determinado evento, evento de uma catástrofe. O gabinete da cidade foi motivado pelo evento involuntário que foi o incêndio. Portanto, nós tínhamos de dar uma resposta às zonas danificadas, pelo menos no centro da cidade, na cidade matriz. O que nós pudemos responder, é que a partir de ali explicar ao município que há muitos incidentes. **A cidade Funchal tem sido uma cidade que tem sofrido muitos incidentes tempestivos, infortúnios muito grandes, desde os aluviões, sempre na história, aos incêndios e há o efeito da expansão urbanística. Também um incidente para nós e o despovoamento da centralidade da cidade que convocou outro incidente bastante grave, maior que os incêndios. O despovoamento do centro da cidade é a mais grave do que o incêndio de 9 de agosto 2016. O que tem é que nós não estamos a contabilizar os mortos e os outros estamos, os outros são muito televisivos, os jornalistas contabilizam as mortes, este que é uma latente não se contabiliza.** Deu mortes, mas não se contabiliza, a decadência de mortes, mas não se contabiliza, problemas de saúde pública dá mortes mas não se contabiliza. Portanto o que nós dissemos foi, nós fomos contratados e já temos o trabalho feito para um incidente,

mas o incidente do Funchal é outro. **Portanto não chegamos a dar diretrizes para o turismo, nós queríamos era dizer um dos problemas profundos para os quais alertamos foi: como é que refundamos a sinceridade da cidade histórica.** E se calhar o seu trabalho vai dizer como é essa nova atração de um novo modelo de turismo, que parece bastante forte, como é que nos vamos preparar para. Nos não chegamos a esse, o nosso trabalho foi de 4 meses e então é mais difícil e, portanto, agora estamos a aguardar se o município quer que nós estudemos isso, logicamente, temos caminhos de fogo como teve o Ventura Terra. Lançamos o mesmo modelo que o Ventura Terra fez, a cidade está com este problema, ele fez planos, temos de criticar planos ao Ventura Terra, foram em termos de tempos históricos bastante traumáticos. Hoje temos a presença do património, temos conhecimentos do património que na altura não havia e temos um sentido de memória diferente que ele não tinha. Foi por isso que nós sugerimos primeiro, antes de fazer isso, é preciso fazer um plano memória para depois sabermos o que é que vamos fazer. Esses exercícios de reflexão que colocamos, não queremos fazer um projeto como o Ventura Terra, hoje em dia não existe, é triteísmo e esse sentido de autoritário já não existe, mas numa forma diferente de pensar.

**SA:** Sendo que as quintas da Madeira foram uma das primeiras tipologias de alojamento para os turistas na época do turismo terapêutico da Madeira, existindo, na altura, uma grande oferta. O que é que acha sobre o facto de hoje esta oferta ser quase inexistente?

**PD:** Para já não houve esses conhecimentos, estão a saltar mais agora, porque a cidade nunca esteve em estudo. E, portanto, **as quintas foram-se perdendo por falências, são círculos económicos, não podemos voltar atrás. Há muitas quintas que perdemos que são irrecuperáveis porque estão loteadas, uma mancha de loteamento brutal.** Essa pergunta é mais para o colega do que para mim, o colega fez um doutoramento, não sei qual é a posição dele sobre isso, mas penso que ele deve ter isso muito bem convocado, mas acho que era incontroável, houve um período de grande decadência. As famílias não conseguiram suportar isso, nunca houve uma estrutura ou posição governativa de pensar e relacionar com o território, era sempre modelos estranhos e extravagantes. Nós tivemos durante muito tempo e continuamos, se você reparar, hoje os nossos cartazes turísticos são grassados do território, não tem nada a ver com isto, são modelos dos anos 80 e já estamos em 2018. São modelos que reinventaram uma lógica do turismo em massas, pedida de empréstimo e, portanto, ainda não conseguimos sequer dar a volta.

**SA:** Encontrar a nossa identidade e vender o nosso produto?

**PD:** Isso aí estamos atualizados, eu penso que você não viaja para ver um cortejo, penso eu.

**SA:** Viajo para ver a cidade, viver o sítio...

**PD:** Mas continuo a dizer politicamente que os nossos cartazes maiores são cortejos, há qualquer coisa aqui que não está a bater certo, o que devia de estar aqui era o produto, o conhecimento do lugar, pela vivência, pela hospitalidade, portanto era preciso perceber, se calhar você tem que definir, a que é que corresponde um viajante. Para já essas definições são muito bem claras, a literatura distingue muito bem o que é um viajante e o que é um turista. Você tem Paul Blues, autores de viajantes que escrevem e falam da viagem e dos lugares de uma forma muito interessante. Você pode até buscar um português, que é o caso do Mega Ferreira, ele tem uma série de livros que batem em Itália. Ele diz uma coisa muito interessante que é, até morrer vai todos os anos a Itália, e vai a Itália através da pintura. Ele era capaz de ao ver uma pintura se emocionar, vai embora, uma semana depois tem de voltar. Este é uma definição de viajante muito interessante e muito diferente de o que é um turista. Os livros de viagens são muito interessantes e há pessoas que viajam pelo território, pela pintura, pela gastronomia, o lugar, etc. Você pode fazer isto morfológicamente, que é muito difícil porque realmente houve uma expansão, um zonamento de turismo para uma determinada zona chuleira, aqui a zona do Lido e possivelmente arrastou a configuração da própria cidade. Há depois a estrutura das quintas e qual é a sua posição no território. Elas estão todas instaladas numa lógica que tem a ver com este território e isso fez uma série de coisas, o próprio cais era de uma importância vital, o porto, os percursos da expansão portuguesa. **O porto é tão vital para a configuração da cidade como o modelo do turismo. O que isso dá é a transferência das portas da cidade que fazia-se pelo cais, o hidroavião e depois quando muda, o porto e depois quando muda e a porta da cidade mudam-se, estes desmontam-se e começam-se a encontrar o modelo turístico.**

**SA:** As influências do estado para o desenvolvimento da Madeira foram muito marcantes, sendo a Via Rápida um dos exemplos. Quais são as consequências destas grandes obras numa paisagem como a da Madeira?

**PD:** O aeroporto, acho que é insofismável, a importância do porto também, cria outro modelo de turismo que é modelo dos cruzeiros, resta saber se é se é aqui ou não. Há outras cidades que estão a debater, nós estamos agora a investir no porto, há cidades que estão a desinvestir nos cruzeiros, o caso de Veneza e de Barcelona. Nós aqui estamos numa aposta agora de ampliar a pontinha quando os outros já estão a retirar os cruzeiros. **A importância da infraestrutura acho que é de uma importância vital e determinadas vias são importantes, rasgaram logicamente o território, mas a via tem muito mais a ver com a morfologia física deste lugar do que propriamente... era preciso vencer. A Madeira é toda assim, dos seus primórdios até o dia de hoje, foi sempre domesticar este lugar e essas infraestruturas no fundo respondem para isso.**

**SA:** Acha que havia outra forma de projetar do que esta forma tão drástica...

**PD:** Há sempre outras formas, depende das apostas que fazemos, o aeroporto são coisas que é ali e não ali, muita coisa e as vias rápidas também, muitas delas não eram necessárias e outras possivelmente não eram. Não é assim uma coisa que tem influência em termos do modelo de instalação do turismo, poderia ter, apesar de tudo, tem uma dimensão muito grande. O Funchal, podia e podia não ter menos coisas, e tira o melhor da estadia, uma estadia mais atenciosa com menos aparates e possivelmente tinha uma resposta mais qualificada. O Funchal, alguns pontos, não vejo muito rápido, eu vejo a Suíça cheia de vias, mas é confortável, o problema aqui é, se foram bem desenhadas ou não. Possivelmente não, algumas delas percebe-se, são desconfortáveis de conduzir. Você atravessa a Suíça toda com um prazer enorme e a Madeira não atravessa com um prazer enorme, é difícil de conduzir. Na Suíça tem as mesmas montanhas, mas são híper desenhadas e conduz-se com uma alegria.

**SA:** Com o desenvolvimento do turismo nos últimos anos e a necessidade de preparar a cidade para os turistas, acha que o turismo pode prejudicar uma cidade? No caso do Funchal prejudicou?

**PD:** **Acho que é inevitável, o turismo é inevitável e possivelmente nós precisamos dele como do pão para a boca e acho que é benéfico como atividade (económica). É curioso porque nós Madeirenses lidamos muito bem com essa questão do turismo, apesar de tudo acho que é povo que lida muito bem. E acho que é extremamente benéfico, poderá ser crucial para introduzir políticas de reabilitação no caso do território.**

**SA:** Acha que seria uma mais-valia a conservação das quintas da Madeira através da reabilitação?

**PD:** Sim completamente, é preciso ver que muitas das abundadas são irrecuperáveis.

**SA:** O Rui Campos Matos falou sobre o facto de elas ficarem abandonadas e quando voltaram para as quintas ou tentaram vender, ninguém queria comprar pois o custo para recuperar as mesmas já era demasiado elevado e acabava por não compensar.

**PD:** Pois, mas **isso depende do turismo que nós queremos, essa relação custo-benefício depende muito daquele problema que nós convocamos no modelo de turismo para uma estadia muito barata, podíamos ter convocado ao contrário.**

**SA:** Até que as quintas que funcionam em unidades hoteleiras acabam por ser mais elevadas, acho eu, não tenho bem a certeza, que os hotéis.

**PD:** Claro, e muitas delas se entendem que é uma quinta, agora imagine o que era sublinhar esses valores, exaltar essa experimentação com uma experiência de estadia, foi o que nunca fizemos. **Estamos a muitos anos a falar de turismo, mas sempre distante do que o que corresponde uma**

**estadia.** Eu sou muito crítico sobre o turismo, o modelo tal e como se instalou, mas sou super favorável do turismo, até acho que devíamos apostar muito mais no turismo.

**SA:** Na sua opinião, como podemos controlar a turistificação que o Funchal sente neste momento? Qual é a resposta que as entidades governamentais devem ter? É exclusivamente dever deles ou nosso também (arquitetos/engenheiros)?

**PD:** **Acho que o dever é de todos, nos dias de hoje já não há concentração, tem que haver das entidades um esforço para fazer um plano estratégico sobre o que é que aconteceu aqui na Madeira no turismo, penso que existe, mas não sei o que é que ele corresponde.** Há uma série de coisas que você pode consultar nesse sentido, alguns debates da ordem dos arquitetos sobre vários temas do turismo e definiram parente... ver o que é que a ligação dos economistas tem feito ao longo dos tempos. Ele tem guias, fizeram uma espécie de sugestões para o modelo do turismo e sugeriram um plano estratégico.

**SA:** A descaracterização do lugar é uma das principais consequências da turistificação, como é que o arquiteto Paulo David, através da sua arquitetura, reage?

**PD:** Essa pergunta eu tenho de fazer a si, a essa pergunta você tem que reagir não eu.

**SA:** Pelo que eu percebi dos seus projetos o arquiteto tem muito cuidado no sítio que está a intervir, na paisagem que envolve o sítio e através não só dos materiais tenta, por exemplo, nas grutas de São Vicente, utilizar o próprio material da ilha, que representa a ilha, através dos próprios materiais que utiliza na construção e que acaba por construir um objeto novo que parece que já está lá há mais anos. Também com outros projetos, tais como a Casa das Mudanças, as piscinas da Salinas, onde o percurso acaba por se integrar tão bem ao existente, que nem nos apercebemos.

**PD:** A resposta está aí, eu não posso caracterizar aquilo que faço.

**SA:** Qual das várias obras do Arquiteto Paulo David integra melhor o lugar e a sua paisagem?

**PD:** Todas!

**SA:** Não há nenhuma que acha que se calhar, se pudesse mudar alguma coisa, mudava?

**PD:** Estamos sempre em transformação, em mudança, mas temos de ver projeto como um fogo num determinado espaço de tempo. Se tivéssemos mais tempo, fazíamos diferente, logicamente, mas não quer dizer que seja obrigatória a mudança. Certamente, temos de deixar o tempo fazer o resto e é o que acontece, o tempo vai construindo o resto, o caso das Salinas. Aquilo é tão duro que vai resistindo às maldades que vão fazendo, fica indiferente às maldades. E aquilo já tem algumas maldades.

**SA:** Sim, já?

**PD:** Tem imensas maldades, mas isso já é uma pergunta que você tem que fazer se calhar ao presidente da câmara, como é que tem isto que representa isto e de repente...que turismo é que vocês estão a trabalhar? Tem determinadas obras que respondem a determinadas situações que estão a ser subvertidas. Quando há pessoas que vinham cá...

**SA:** Estive lá recentemente e está cheio de turistas a passear e a aproveitar o sol.

**PD:** Eu vou lá todos os domingos a pé e está cheio de turistas a passear naquele caminho.

(...)

**SA:** São as coisas que vamos perdendo ao longo do tempo com as más decisões. Não há nada a fazer agora, tentar reverter o que podemos?

**PD:** Uma das coisas que nós estávamos a tentar propor era, se era possível, a rasura na cidade do Funchal, se era possível apagar as coisas que estão mal. Foi uma das questões que nós levantamos (gabinete da cidade).

**SA:** E é possível, ou não?

**PD:** Eu não vejo outra forma, em alguns casos não vejo outra forma. Você tem zonas como em Maiorca que tiveram que corrigir coisas, tiveram que demolir para reinstalar...aquilo entrou em falência em tal ordem, o turismo degradou de tal ordem o lugar que tiveram que deitar e repensar tudo. Portanto você vê agora uma euforia de renovação e de uma diretriz, cidade da reformulação desses edifícios, mas é sempre no carácter decorativo. Pode até em alguns casos ser perigoso como no caso do casino da Madeira do Niemeyer. Eles fizeram uma ação dessas, o que não fizeram foi desviar do valor inicial.

**SA:** E acabaram por destruir três quintas, foi também o que o Rui Campos Matos tinha dito que para ele o mais polémico era o casino. Ele diz que também nessa altura não sabíamos o que era o valor das quintas, que se hoje fôssemos fazer o mesmo já não conseguíamos.

**PD:** Isso já não sei se não conseguíamos, isso já não estou tão certo, eu continuo a ver a destruição avançar com grande força, daí já não estar tão certo. **Eram três quintas muito vivenciadas no centro da cidade do Funchal, eu passei a minha infância lá. A questão aqui é que houve direitos, a cidade que hoje já não se consegue, que era, fez aquele hotel, mas aqueles jardins são nossos.** As pessoas não têm esse conhecimento, por isso você pode usufruir daqueles jardins. Portanto houve uma anulação de três quintas na realidade, umas melhores que outras, ficou alguns registos, mas apesar de tudo fez-se um grande hotel, um grande volume, uma grande peça. **Pergunto eu, nos outros**

**que destruíram as quintas onde é que está esse grande hotel, essas peças de arquitetura? Aceitar a transformação em alguns casos, a Casa Branca é um bom exemplo do João Favila. É um lindíssimo exemplo de um caso de adaptação, da maneira como o turista pode se instalar e vai-se sublinhar o valor da quinta e vem dar outro uso e rentabilizar-se.**

**SA:** Muita obrigada pela sua disponibilidade.

**GONÇALO BYRNE | 10.05.2018**

Gonçalo Byrne, arquiteto formado pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa em 1968. Autor de diversas obras premiadas a nível nacional e internacional (incluindo o Prémio Valmor em 2014), com obras concluídas em Portugal e no estrangeiro, incluindo equipamentos urbanos, habitação, renovação urbana, laboratórios e universidades. Autor de diversos projetos como: o Quarteirão Império (1994) em Lisboa, o Museu do Dinheiro (2014) em Lisboa, o Clube Naval e Complexo de Cais do Carvão - Aquário, Estação de Biologia Marítima (1994) no Funchal e a intervenção na área envolvente do Mosteiro de Alcobaça (2006), em Alcobaça. O arquiteto é também professor catedrático, convidado em Portugal e no estrangeiro, recebeu em 2005 o doutoramento *Honoris Causa* pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa.

**GB:** Há uma história engraçada, esta casa foi do cônsul inglês Henry Veitch, que tinha uma outra casa no campo por cima de Camara de Lobos, onde suponho que está enterrado, Quinta Jardim da Serra. Esse cônsul tem uma história interessante e que tem pouco a ver com o cais, foi em 1813/14 depois da derrota de Napoleão em Waterloo. O Napoleão foi preso pelos ingleses e foi deportado para a ilha Santa Elena onde morreu. Ele era tratado como um rei e fez uma escala no Funchal, e o cônsul foi visitar o Napoleão prisioneiro, levou-lhe uma data de presentes entre elas muitos livros. Eles tratam os prisioneiros, na Ilha de Santa Elena, continuaram a tratá-lo como um grande senhor, portanto a prisão era uma prisão de luxo. **Este cais (cais do carvão), o cônsul quando vivia aqui no século XIX muitas vezes ia para casa e voltava de barco porque não havia redes de estrada.** O que é curioso é que está ainda intacto o perímetro da quinta, o muro. Isto era uma quinta que tinha seguramente um acesso por terra, mas devia ser um precário, parece existir um viaduto ou uma estrada e a estrada ainda hoje passa por aqui. **Era um viaduto que foi construído para a estrada, e hoje não se vê porque está tapado, ou se calhar foi todo murado, aqui é onde acabou o viaduto,** coitadinho, foi completamente betonado. Pois isto também é interessante!

**SA:** Isto foi um estudo inicial sobre a evolução da linha de costa...

**GB:** Há aqui uma questão inicial sobre as ribeiras, sabe que o problema das ribeiras, sobretudo estas ribeiras que são de torrentes muito violentas quando chove e depois o resto do ano praticamente não tem água. É que quando há essas grandes aluviões há sempre depósitos enormes de cascalho e pedra aqui e o que é interessante, é que se puser esta linha sobre esta, esta linha está aqui atrás. **Quer dizer que todo este porto vai sendo feito à custa dos aluviões que as ribeiras trazem, o que quer dizer que se continuar a haver, cada vez os aluviões são mais fortes, daqui a 50, 70 ou 100 anos provavelmente este porto está inutilizável, a não ser que continuem a dragá-lo, os aluviões vão continuar a existir.**

**SA:** O próprio porto tem crescido, a junção das duas ilhas...

**GB:** O primeiro troço é esta pequena junção, depois vai crescendo até chegar ali, mas isto, agora no plano do Paulo David, plano de resposta aos grandes incêndios do Funchal e os aluviões. Eles sabem que no Funchal estes depósitos vão continuar a crescer, portanto ou alguém transporta isto e vai deitar fora ou tendencialmente isto vai continuar.

**SA:** E agora também com a situações do aeroporto, há pessoas que suponham que o aeroporto também vai ser no meio da água que depois tem uma ligação.

**GB:** Há uma hipótese dessas?

**SA:** Acho que é as pessoas a exagerar um pouco, mas a certo ponto se calhar...

**GB:** Na ilha da Madeira eu acho muito difícil pôr uma pista na mar porque a Madeira tem uma origem vulcânica, a ilha são vários cones vulcânicos o que quer dizer, se fizer um corte na ilha, há uma maquete muito gira... Conhece o aquário do Funchal, não o que projetei, é o aquário municipal dentro da cidade do Funchal. Um aquário antigo, tinham lá uma, há uma maquete muito interessante do relevo da ilha toda incluindo o relevo debaixo de água que não se vê. O que se percebe aí, é que o mar afunda muito rapidamente. Não tem nada a ver com as praias do Algarve, com um areal. Portanto meter uma pista em profundidades grandes é uma obra quase impossível de fazer. Uma pista flutuante mas isso...

**SA:** Nunca se sabe com os avanços da tecnologia.

**GB:** É possível fazer pista flutuantes só que, tem um impacto brutal, já a pista que foi feita ao pé de Machico, aquela extensão da pista já foi uma obra completamente, teve um grande prémio internacional de engenharia.

**SA:** Esteve em estudo no LNEC...

**GB:** Estive sim, mas de facto é uma obra de engenharia que as pessoas não têm consciência, é incrível, conheço o engenheiro, ganhou um prémio internacional muitíssimo cotado, uma obra de facto impressionante. Um terço dela, as fundações são dentro do mar, e são uns pilares, não sei a que cota está a pista, mas devem ser uns 60 metros. Há sítios no mar em que vai 30/40 metros debaixo e as fundações desses pilares são muito curiosas porque... Há uma história de um fulano, foram todas executadas com mergulhadores, passavam o dia inteiro a trabalhar lá em baixo e levavam almoço. Há uma história de um fulano que passava 6 horas seguidas de escafandro e conseguiam comer debaixo de água. Como estavam dentro de uma bolha de ar levavam uma sacola de comida e em certa altura um desses tipos... apareceu um peixe que pode ter 2 metros de comprimento e começou, incrivelmente

pacífico, aproximar-se do mergulhador. O mergulhador não ligou, depois no segundo dia apareceu outra vez, é um bicho extremamente domesticável, até que se aproximou tanto que o mergulhador começou a fazer-lhe festas, ele nunca mais o largou. Então ele passava a aparecer todos os dias até que certa altura fez pior, começou-lhe a dar comida, tirou uma sandes de maneira que tinha todos os dias pelas duas da tarde um monstro, fazia-lhe umas festinhas e dava-lhe o almoço. É uma obra que tive debaixo de água pelo menos um ano antes de vir ca para fora. Mais isso é um dos dados desta ilha magnífica, que é a topografia que é um suporte absolutamente fundamental de toda arquitetura inclusiva. Mas prontos...

**SA:** Muito bem. Numa intervenção como a Quinta da Calaça, atual sede social do Clube Naval do Funchal, quais foram os critérios que o arquiteto teve? Quais foram as motivações e os fundamentos para o desenvolvimento do projeto?

**GB:** Quando nos trabalhamos neste projeto já tínhamos razoavelmente resolvido o outro que estava ao lado, o aquário e estação de biologia marítima, mas de facto é um centro que tem a ver com uma coisa que se chama macaronésia. **A ideia do centro era representar o mundo subaquático deste ecossistema que é mais ou menos idêntico a estes três arquipélagos.** O projeto aquário e estação de biologia marítima, foi um concurso que nós ganhamos na altura de 1994/7. **No fundo a ideia é um pouco o que decore do aquário, que era trabalhar a topografia humanizada, ou seja a topografia que não é a original, é a topografia já com intervenção do homem.** No caso do cais do Carvão tem a ver com o facto de...se fizer uma secção por esta encosta percebe que há um pico, há um escorrimento da lava dos vulcões que vai desenhando um perfil mais ou menos irregular e quando chega ao nível da água tem normalmente um pendente que vai emortecendo, mas depois de repente tem uma quebra e faz uma pequena falésia que oscila entre 15/25 metros. Uma das coisas mais bonitas desta linha de água, que mostra a violência do processo de arrefecimento e solidificação da lava em contacto com a água do mar. Está lava que vem em brasa, é um mineiro, mas quase um metal líquido e quando chega a água, um choque brutal que torna pedra e esse processo que é muito violento da uma beleza incrível, sobretudo quando temos uma visão tangente a costa, quando vemos de frente não percebemos bem as várias camadas da lava. O tempo geológico não tem nada a ver com o tempo romano, traduz se em milénios. Essa secção que é feita pelo escoamento da lava tem a sua paragem. Quando a ilha é habitada e começa a ser cultivada esse plano inclinado vai ser feito com pequenos muros, vai ser transformado em pequenos socalcos sobretudo para a cultura da banana. É a primeira cultura que está por trás da humanização desta paisagem, e esses muros, que são lindíssimos e estão em ruínas porque a banana já não se cultiva neste sítio, há outros onde ainda se cultiva. Estes terrenos foram sendo abandonados pela pressão do desenvolvimento urbano e o turismo, etc etc. **No entanto todo o projeto tinha a ver com como passar deste sistema de pequenos muros para falésia. A falésia naquele caso estava marcada fortemente por um pontão (cais do carvão) que resta. Um**

antigo armazém com duas paredes que estava de frente para o mar que tinham um pontão com uma forma ligeiramente curva e que originalmente era coberto, tinha umas asnas metálicas. Porque era o armazém do carvão de todos os barcos que atracavam no Funchal. Este cais do Carvão funcionou quase até os anos 40, mais ou menos. **Como todos os baquetes, ou vapores eram alimentados a carvão, carvão que era importando sobre tudo da Inglaterra e era transportado em barcaças para o pequeno pontão para armazenar e quando vinham as carreiras de grandes barcos ficava portados ao largo Não havia cais no Funchal e os passageiros eram transportados em pequenos barcos e nessa altura havia um sistema de botelhos que vinham buscar ao armazém o carvão e abasteciam os barcos.** E, portanto, este conjunto entre o pontão estava construído na cota baixa da falésia, portanto esse projeto é um projeto extremamente topográfico e vai trabalhar com estas preexistências. **A quinta da Calaça, historicamente era isto (original) mas quando nós chegamos já era isto (projeto anterior ao do arquiteto), porque já tinha uma piscina de mares, uma deste lado e outra daquele, uns campos de jogos em cima com construções muito precárias. Um bar que funcionava na casa-mãe e praticamente era aqui que funcionava o clube com sala de reuniões. Tinha balneários feitos com uns barracões um pouco precários e do outro lado uma extensão com barracões, este muro já tinha sido prolongado e acaba por se diluir. Existe este aceso posterior muito bonito, depois havia um programa que era criar uma nova piscina grande com um patamar. Foi-nos pedido também...isto era uma piscina de água salgada, mas eles diziam que muitos dos banhistas iam também pelas rochas tomar banho, portanto nós propusemos e eles aceitaram criar este sistema de escadaria na rocha para precisamente fazer uma ligação com a piscina e quem quisesse tomar banho podia descer.**

**SA:** Portanto dessas piscinas incorporaram as próprias rochas do sítio, quer na escadaria quer na própria piscina.

**GB:** A ideia foi não mexer muito neste patamar, prolongá-lo só para dar esta continuação com o muro e depois há uma série de equipamentos que são reconstruídos em cima, mas com uma regra que é completamente diferente. No fundo, prolonga a cota do muro a uma passarela que continua e vai pela cobertura destes pontões onde estão os balneários, vestiários e casas de banho que depois termina numa escada que podes descer para o nível da piscina. Portanto no seguimento e no plano da própria muralha se transforma numa passarela, depois havia um programa relativamente grande, um deles que era muito importante, era a questão dos acessos com dificuldades de mobilidade que implicava a construção do elevador. **Portanto a ideia que houve foi construir um novo programa de maneira a meter em evidência a centralidade original que era a relação da casa com o muro. Ou seja, nunca pôr isto em causa daí a ideia de construir, mas nunca ultrapassando altura da casa e deixando o centro e a entrada principal que se continua a fazer através da casa.** Tirando as pessoas que usam o elevador, todas as pessoas que vão em princípio

descem a escadaria antiga e entram como entravam só que nesta altura atravessam a cota do piso de cima e só há o acrescento de um patamar porque quando se entra no clube naval há uma receção e depois percebe-se. Enquadro o mar, esse enquadramento tem uma plataforma que permite ir lá fora e ver a total extensão do clube e ao mesmo tempo ter essa vista. **No fundo, é uma construção assentada a casa.** Depois os dois programas desenvolvem-se para os dois lados, aqui há basicamente um bar, um grupo de balneários e um restaurante em cima e aqui há também um grupo de balneários e depois há uma plataforma que é uma extensão do jardim e termina numa zona administrativa e tem um ginásio. É um ginásio em cima depois tem um campo de jogos de certo modo já existia, mas que foi simplesmente integrado disfarçado com as antigas construções. É isto que no fundo é **antiga casa do cônsul que estava praticamente irreconhecível porque já tinha uma serie de acrescentos que não deixavam ver aquilo que originalmente era muito bonito. A relação da casa com o muro, no fundo as demolições eram para repor este sistema muro casa e fazer com que o programa não impeça essa leitura.**

**SA:** Devolver a importância a própria casa-mãe e...

**GB:** A casa é um próprio restauro, ela estava bastante estragada, tinha uma data de subdivisões e umas casas de banho com um ar muito manhoso e umas traseiras bolorentas, portanto isso foi tudo saneado e reposto a integridade da casa.

**SA:** Qual é que foi o maior obstáculo desde o pensamento á concretização do projeto? Havia algum elemento que condicionava o projeto? O facto deste muro?

**GB:** Sim, claro, vamos la ver, este projeto, de facto há uma grande diferença entre o viaduto e este muro de betão, mas obviamente como estes projetos quer dizer a arquitetura lida sempre com limitações e sobre tudo quando se trata de reabilitação. **Um projeto de raiz também tem as limitações que são as características do próprio sítio, limitações em que muitas delas podem formar potencialidades. Uma das questões centrais na arquitetura de reabilitação ou de reuso de um antigo edifício é tentar lidar com constrangimentos que existem da melhor maneira e se possível transforma-lhas em possibilidades do projeto.** Eu tenho ideia que este muro, isso foi construído um enorme canteiro para que isto fosse um sistema de trepadeiras. Toda esta encosta com um terreno muito rico em matéria orgânica, têm imensas trepadeiras, clima tropical cresce tudo com uma rapidez e uma fortaleza muito grande.

**SA:** Já que estamos a falar em termos da vegetação, em termos de materialidades, quais foram os critérios? Era importante destacar a casa-mãe?

**GB:** A ideia era claramente de restituir a relação entre casa e muro, porque isso sim é uma coisa que existe desde o início. Quando o cônsul veio viver para aqui isto era um nicho da lava onde era possível, fazendo este muro um terreno plano. A casa está num pequeno meio na encosta, por exemplo neste muro contínuo a certa altura acaba, perde-se e depois quando chega ao cais do carvão há outro muro completamente diferente. Um muro também em pedra, um embasamento a mais ou menos a mesma cota, a cota da quebra do mar mais batido e depois continua com um prédio lindíssimo em diedro que a parede protegia o carvão. Portanto para mim era muito importante porque **a arquitetura é isto, um processo de prolongamento de um processo de humanização da paisagem e neste caso eu considero que o ponto de partida do projeto tem a ver com a interpretação da paisagem e é muito feito a partir disso.** Neste caso particularmente que a paisagem selvagem antes da chegada do homem é riquíssima, muito violenta, mas é de uma beleza extraordinária. Quando o homem começa a humanizar a paisagem ele tem a sensibilidade incrível destes tais muros feitos em patamares para o cultivo. A ilha da Madeira tem uma história de antropização, de humanização de paisagem num contexto português a mais risca de todas. Não sei se conhece o sistema das levadas?

**SA:** Sim sim, para trazer...

**GB:** A ilha da Madeira, que é uma ilha hoje em dia muito agradável para viver, para os primeiros colonos tinha alguns problemas. Um deles era o abastecimento da água, não há, com toda a rocha, uma rocha lávica que esta cheia, é muito difícil ter uma, qualquer água que apareça na superfície desaparece porque é muito poroso. E portanto, o Funchal tinha muitas poucas nascentes, tinha que se buscar a água muito a montante. Água. essa que era, não só para abastecer a cidade, mas também para a agricultura que alimentava a cidade e a primeira agricultura de subsistência do Funchal vai se fazer nos terrenos mais próximos depois vão sendo urbanizados, vão subindo. Mas originalmente as levadas tinham que trazer água praticamente até a cota baixa e vem desde as cotas mais altas, e é impressionante o gigantismo daquela obra. Muitas de aquelas levadas são pequenos canais que são construídos em encostas rochosas que são a pique. A única maneira é escavar a meio da encosta e conseguir obter um canal, como é que se faz isto? Só com alpinistas e é aí que digo, é uma historia heroica com a quantidade de tipos que morram a fazer as levadas é uma coisa incrível. A certa altura, quando a rocha era mais dura, o basalto dorismo, eles penduravam-se com uma corda, ficavam a trabalhar, abrir um furo no basalto e depois metiam pólvora carregavam e pegavam fogo na pastilha para fazer explodir a rocha e para não morrem faziam com as pernas um balanço de baloiço, calculando que a explosão se fazia quando eles se deslocavam, só que as vezes se enganavam e aquilo explodia precisamente quando eles voltavam. Portanto, é uma história absolutamente inacreditável, mas deves em quando morriam nesta brincadeira e caíam. Uma obra completamente inacreditável e que, na Madeira é conhecida histórias disso, portanto domesticar esta paisagem, o que se chama antropização da paisagem natural humanizada como dizem os geógrafos. Na Madeira é uma etopeia incrível, e é

isso que eu acho muito interessante na arquitetura da Madeira e sobretudo vi isso na arquitetura do Paulo David. A Casa das Mudanças é um exemplo notável de como a arquitetura pode transformar uma paisagem e ao mesmo tempo ser uma peça de arquitetura fabulosa. E se vir muitas destas obras, isto é uma maneira de criar/fazer paisagem, mas isso visse também nos caminhos, os muros e a própria agricultura recria uma paisagem, transforma a paisagem para poder cultivar, não há uma agricultura sem água, nem uma cidade sem água. Numa topografia, orografia como tem estas ilhas é de facto impressionante. Em Lisboa você vê sobretudo na zona de Alfama, fazer uma cidade em encostas como Alfama, são os muros. A morfologia urbana de Alfama é um caso árabe, está lá tudo, quando se vai visitar Marrocos e todas as cidades árabes, construíram sempre em encostas pois não gostavam nada de terrenos planos, era uma questão de defesa. A Madeira também tem uma história de defesa.

**SA:** Pois, o chamado anfiteatro...

**GB:** Mas as primeiras casas que estão construídas junto ao mar, todas elas tinham um miradouro, se ver uma fotografia aérea do Funchal da cidade histórica a quantidade de torres com janelas, que eram também casas de fresco onde as famílias no verão iam para lá porque eram frescas, mas a origem daquilo é perceber a chegada dos piratas. O Funchal foi várias vezes arrasado, os piratas sobretudo os ingleses um dos quais era o mirante da esquadra real, Francis Drake. Nos filmes dos piratas das Caraíbas, era um dos grandes piratas que era almirante de segundo estado inglês, para saquear o ouro e prata que traziam da América Latina.

**SA:** A área da Quinta da Calação integra uma zona turística estipulada pelo 1º PDM, acha que a evolução da cidade condicionou a quinta? Isto já era visível na altura da intervenção?

**GB:** Não, não era visível, mas eu acho que, quer dizer **na Quinta da Calação era bastante visível porque efetivamente grande parte desses edifícios existiam já na altura da intervenção, mas no cais do carvão não.** No cais do carvão havia uma linha que é a chamada estrada novo que passa a meia encosta da cota que vai estender a primeira urbanização turística dos hotéis, mas de aí até ao mar ainda havia o terreno quase todo feito com os tais muros da cultura das bananas que estava abandonada, mas não estava construída. Havia um projeto de uma ciclovia e uma via pedonal ao longo da encosta e que nos integramos no projeto do cais do carvão e isso era uma zona de proteção paisagística. Quando foi construída essa via panorâmica como se chama, um via que não era para automóveis, quando foi construída o projeto que tínhamos feito já foi tinha sido alterado, é uma pena sobre tudo no cais do carvão porque havia uma ligação com a entrada. A encosta de cima era uma encosta que estava protegida do ponto de vista da paisagem onde não era suposto construir, a verdade é que o cais do carvão, só foi construído os edifícios do laboratório e investigação que usa o cais, a estrutura e a ruína foi consolidada quando foi feito o aquário e o passeio panorâmico não seguiu o projeto que tínhamos feito que é uma pena porque fazia-se a entrada para o aquário. E o espaço entre

esta cota e a tal via de meia encosta que passa em cima esta pejado de hotéis que são tão grandes, daqui a uns anos vale a pena fazer de barco este percurso até Camara de Lobos. E quando vi uma fotografia tirada do mar é impressionante porque o laboratório...

(Discussão sobre fotografias apresentadas ao arquiteto Gonçalo Byrne tiradas pelo barco)

**GB:** Se aproximar vai ver a quantidade de hotéis, este aqui por exemplo faz um U, que esta por detrás... quando se passa por aqui a pé o edifício de laboratório que tem mais ou menos esta cota, já é um edifício relativamente grande, tem quatro ou cinco pisos, parece a casota do cão do hotel, uma coisa completamente anedótica. **Portanto isto para dizer que o turismo que decore o Funchal é um fenómeno que não teve muito em consideração a paisagem e depois a própria tipologia deste tipo de construção de densidade alta, com torres e estas grandes bandas. Tem uma coisa que quanto a mim é terrível, anulam completamente a precessão da topografia, cria uma topografia completamente nova e extremamente violenta, que não tem nada haver. Não há uma relação, não há uma reação pequena em relação a topografia que é uma coisa muito sensível. Eu percebo que é difícil construir uma cidade com uma densidade alta, mas é possível fazer melhor que isto, sem dúvidas. O problema aqui é os critérios urbanos, e devo dizer que nesse aspeto o Funchal se devia queixar, o Funchal tem pelo menos dois planos de urbanização muito bons só que não foram seguidos.** O último é do arquiteto Rafael Botelho, que ainda é vivo, eu lembro que ele fez o plano com o arquiteto Ramalho na altura que trabalhava la e é de facto um trabalho notável, o problema é que a pressão turística falou completamente o plano e, pois, hoje em dia há reajusto e novas versões. Ainda a pouco tempo houve uma revisão, mas aqui já é plano diretor municipal. Hoje em dia esta adiantar, tanto quanto possível salvaguarda ao máximo, ou pelo menos o centro histórico do Funchal e este último plano é bastante evidente no plano do Paulo David.

**SA:** Se pudesse mudar algum aspeto do projeto, o que seria?

**GB:** Para mim quando se fala em mudar ou corrigir, supõe-se uma coisa que é profundamente verdadeira em os arquitetos fazem contas que não é, os projetos muitas vezes enganam-se, não digo que os seus conceitos gerais, em princípio creio que podem continuar a ser perfeitamente válidos e portanto e talvez o que eu dizia da relação e reação com a paisagem e com o que lá estava, eu creio que os aspetos principais podiam ser válidos mas há uma coisa que eu acho que é muito importante, que é perceber como é que esse projeto ao longo de uns anos sobrevive. A noção que eu tenho é que muitas vezes os erros dos projetos são apreensíveis pela maneira como são ocupados, vividos e utilizados, não quer dizer que isto tenha a ver só com as decisões de projeto, mas por vezes as menos boas decisões de quem ocupa. Muitas vezes também quem ocupa não entende e não reage a sensibilidade de projeto e faz violências sobre o projeto, violências que em última análise até posso admitir que tenha uma razão de existir por si porque o projeto de facto não teve sucesso, baseou numa

escolha que podia estar errada. Para perceber, admito que o projeto possa ser melhor, sempre admiti, mas para isso também precisava ver como é que ele tem estado a resistir ao longo do tempo e eu há muito tempo não vou lá. Lembro-me quando fui nas primeiras vezes, ia com alguma frequência, é normal ainda havia uma sensação do projeto novo e o assolamento era muito positivo. Havia umas coisas ou outras técnicas dos chuveiros não funcionar que tinha a ver com a falta de manutenção, mas admito que sim, admito que possa haver situações que tem de ser corrigidas. Embora creio que as opções básicas de projeto estão lá funcionam bem. **Eu acho que a boa arquitetura obviamente, a arquitetura tem vários níveis, como forma de conhecimento que é aquilo que todos nos estudamos nas universidades e nas escolas e que continua a ser uma forma de conhecimento que vai sendo aperfeiçoando ao longo do tempo. Aperfeiçoando no sentido do conhecimento mais profundo, porque eu acho que cada projeto tem uma oportunidade de aprofundar o conhecimento da arquitetura e a maneira, os materiais, mas isso é uma coisa que tem a ver com a arquitetura como forma de conhecimento.** Outra coisa é como é que a arquitetura traduz no sentido pratico e ela traduz numa obra, **o que é mais importante na arquitetura é o que fica da cidade na paisagem ao longo do tempo, ou seja, a obra construída. Eu digo que ela é importante porque fundamentalmente para mim o que está em causa na arquitetura é que esta obra posso ser o melhor estímulo, a melhor forma, o melhor espaço e a melhor atmosfera para a vida que se destina.** O que eu acho é que no fundo a arquitetura de interesse, os arquitetos têm de perceber onde estão, imaginar espaços, ambientes, custo, tudo aquilo que interfere a definição duma, o que é chamo de um contentor de vida, no fundo algo que vai ter vida e o que é importante para mim é que esse objetivo seja planamente atingido. Quando eu digo ter vida não digo só ser confortável, responder bem a uma função, nos anos 30 a arquitetura funcionalista. **Quando digo ter vida, é que tenha condições, obviamente conforto, estabilidade, proteção e tudo isso, mas além disso criar ambientes sensorialmente que possam ser entendidos num ambiente que no fundo possam estimular as pessoas num sentido criativo.** A partir da vivência desse espaço possa chegar a um ponto, por exemplo estou num concerto, num concerto é absolutamente extraordinário a relação que a pessoa tem com o concerto, já esta para além do próprio concerto. Ele próprio já entrou num outro mundo em que ele próprio tem uma conotação criativa e eu acho isto muito importante, porque acho que é aqui que se pode passar a falar de arte. Isto para mim é tão valido para a música, arquitetura, pintura ou qualquer forma de arte com para a arquitetura que é uma arte e **onde é que a arquitetura é arte na minha opinião é na vivência que ela pode promover, porque é aí que diferencia duma pintura, aproxima um pouco da música curiosamente.** A música é uma experiência vivencial muito intensa, porque na verdade porque fica qualquer coisa na memória, a música tem sempre esse efeito à distância, mas na arquitetura o veículo de transmissão é a casa que se projeta, o espaço público, a praça, a rua, a cidade, o museu, o teatro, o balneário ou o que for pela maneira como ela depois vai ser recebida. Esta minha visão na arquitetura, devo dizer, não é todo, muita gente discorda dela, na

outra semana tive um arquiteto aqui a dizer que “a arquitetura é o conhecimento da geometria”, na teoria isso é nada, isso é arquitetura enquanto forma de conhecimento e tem razão e estou de acordo, mas por mim o que me interessa é a obra. É verdade, que pronto numa obra muito boa tem que haver por de trás um muito bom projeto e normalmente atrás de um bom projeto há um bom arquiteto, e eu digo isto mesmo como não arquiteto. A arquitetura espontânea é absolutamente genial que quem as construiu são anónimos e, no entanto, elas nasceram num pensamento arquitetónico que projetou e construiu qualquer coisa e o projeto por vezes pode até ser só mental, pode passar por uma coisa muito simples, muitos arquitetos costumam dizer que punham uma pedra ali outra ali. Conhece o convento na serra de Sintra, o convento dos Capuchos?

**SA:** Sim, sim já estive lá, o interior tem um pé direito muito baixo.

**GB:** A construção feita por uma comunidade, os capuchinhos são monges franciscanos, mas há uma história muito engraçada por detrás dos capuchinhos, aparentemente é uma história verdadeira, quem me contou pela primeira vez foi o Orlando Ribeiro. Foi construído no tempo do Filipe II, 1º de Portugal e aparentemente o Filipe II dizia que estava muito orgulhoso das duas grandes obras de arquitetura que tinha feito na sua vida, um era o palácio de Escorial e o Convento dos Capuchinhos na serra de Sintra. É uma obra completamente anónima, quando lá se vai percebe-se que há ali qualquer coisa inacreditável, tem a ver com o conceito de vida ermita e isolamento, mas a maneira como aquele espaço, com luz, como reage com a natureza é de facto, quem contou esta história foi um professor, o arquiteto Luís Jorge que fez o único levantamento que existe deste convento.

**SA:** Com o desenvolvimento do turismo nos últimos anos, tem havido grandes alterações nas cidades, pensa que isto trouxe também consequências sociais, quais?

**GB:** Claro, mas eu não sou, tenho lido ultimamente sobre Lisboa, textos completamente azedos contra o turismo, em Barcelona há uma movimento terrorista contra o turismo não querendo, há pinturas contra os turistas, no querendo turismo, os turistas estão a matar a cidade. Eu acho em relação a isso acho que discordo totalmente, acho que não faz sentido nenhum, **o turismo é uma coisa que vejo para ficar e eu acho que nenhum de nós tem autoridade de dizer que não quer o turismo porque todos nós somos todos turistas, portanto não queremos reconhecer que somos**, mas todos nós, inclusivamente os habitantes da cidade e muito deles são turistas na própria cidade, uma coisa que para mim é curiosa. Ou seja, tem uma visão de consumo da cidade e não de aquilo que dizem, muitas vezes dizem e gritam, mas são os primeiros quando podem sair de casa fazer tudo ao contrário de aquilo que defendem que devem fazer. Eu moro nos Olivais e lembro-me que em certa altura tive um, os Olivais é um bairro novo como sabe, Olivais Sul construído nos anos 60/70 com princípios da carta de Atenas, tem uma coisa simpática, tem imensa vegetação e parque fantástico no centro que é razoavelmente antigo. Há tempos apareceu um baixo assinado no prédio a pedir a camara para cortar

as árvores todas em frente do prédio, porque as árvores davam cabo da escala do passeio, as pessoas escorregavam por causa da resina das árvores e os passeios estão deformados, é verdade, mas tenho a certeza que quase toda a gente que assinou aquilo se for abordado por um jornalista dizia “não, eu sou o maior defensor da natureza do mundo”. Mas esta questão do turismo, vamos lá ver, o turismo é um fenómeno absolutamente, é como a história da globalização quer dizer, temos que viver com ele, não há volta a dar e **é verdade que o turismo provoca desequilíbrios nas cidades, mas são dirigíveis**. O que eu acho é que as administrações da cidade só acordam para isso tarde demais, mas são gereveis e controláveis, eu acho que por outro lado não podemos esquecer que o turismo é neste momento a primeira indústria de produção do mundo e em Portugal é de longe a primeira indústria financeira e cada vez mais. Portanto toda a gente que se queixa, é a fingir e por outro lado está contente e feliz porque está a contribuir. Há claramente desequilíbrios e por exemplo a questão do Airbnb, mas é um problema que para mim já está controlado em outras cidades e depois outra coisa que muitas vezes é ignorada é que o problema. Por exemplo o problema da baixa de Lisboa não tem nada a ver com o turismo, o problema da baixa de Lisboa tem a ver com tudo, porque é que ela foi abandonada e desabitada, mas isso ninguém fala. A baixa de Lisboa começou a perder população nos anos 60 não se fez nada para impedir esse êxodo da população, a cidade de Lisboa há 10 anos estava a cair podre, não sei se sabe que em 20 anos, entre 1980 e 2000 o centro de Lisboa perdeu 250,000 habitantes. Isto é que é o grande problema e obviamente este problema, ou seja, o turismo é um fenómeno que surge a seguir ao grande problema e toda a gente agora culpa o turismo quando é ao contrário, o turismo está a ajudar a reabilitar a cidade de Lisboa. Portanto, isto é uma discussão que se tem em Veneza, que é um caso mais exemplar, Veneza continua a perder população e esta a 50 anos a perder população, porque não há trabalho, as indústrias deixaram, transformaram-se em grandes indústrias e foram para a zona que eles chamam de terra interior, da província, não estão na ilha e, portanto, não há economia a solução é ir embora. É claro que quando há uma cidade completamente desabitada começa tudo a entrar em ruína e **a própria ruína, o próprio estado de ruína, acaba perversamente por ser um dos motivos de atração do turismo, porque tem uma conetividade romântica**. Ali ainda há uns tipos curiosos que habitam numa caverna e que ainda cantam fado e que têm umas coisas, isto é todo o turismo, mas eu acho que **quando se fala do turismo como elemento mau as pessoas estão a ignorar muitas outras coisas que são anteriores ao turismo**. Não digo que o turismo não tenha em certo nível não levante certos problemas, levanta, mas isso é uma questão de gestão urbana.

**SA:** Na sua opinião, como podemos controlar a turistificação e gentrificação? Qual é a resposta que as entidades governamentais devem ter? É exclusivamente dever deles ou nosso também arquitetos? Como?

**GB:** Gentrificação é verdade que vai muito a reboque do turismo, mas há gentrificação sem turismo, não tanto cá, mas de facto a gentrificação dos centros históricos vem muito a reboque do turismo, mas

a gentrificação por exemplo há um fenómeno que em países mais ricos, nos Estados Unidos é uma maneira de fazer cidade. Gentrificação tem fundamental a ver com a reabilitação do antigo feita numa perspetiva que eu costumo dizer domesticada a nostalgia, ou seja, em que o valor da antiguidade é um valor puramente de mercado e nada mais do que isso. É preciso fazer como as pessoas pensam o que era antigamente, embora introduzindo o conforto, luxo e tudo isso a 100% porque trata fundamentalmente de uma operação de mercado. Ou seja, o último objetivo obter lucro da operação, lucro financeiro e, portanto, grande parte das reabilitações, muitas das reabilitações feitas em Lisboa são puros fenómenos muito caros onde muito preceitista na decoração e fingir que é antigo, quando o antigo não era nada do que se estava. O que se está a construir hoje de antigo é um cenário superconfortável dum antigo que obviamente numa teve esse conforto nem nada de aquilo que é baseado em tecnologias. É claramente um caso de *fake news*, mas embora os pintores não gostem muito de ouvir isso, mas é. É um problema de mercantilização da cidade que é um fenómeno que está a acontecer em todo o mundo e a mercantilização da cidade tem um problema que é o único que importa, é que a cidade mercantilizada é uma cidade exclusiva e excludora. Ou seja, uma cidade de mercado não é feita para toda a gente e começa logo nas pessoas que não tem condições financeiras não vão poder murar no centro porque o nível das rendas é de tal maneira elevado que não há hipótese. Os jovens que estão a começar a vida, não têm condições, ou seja, um pouquinho aquilo que se passa, a diferença entre as lojas do Chiado, as lojas de rua e o *shopping mall*, a que obviamente no *shopping mall*, embora seja relativamente discreto, não haver muitos pedintes lá dentro, no Chiado já é mais difícil controlar esse processo. **Embora a gentrificação faz isso, e pode haver gentrificação num bairro, portanto a questão aí é mais um problema de, na minha opinião, o que é a cidade e de quem é a cidade? E sobretudo quem decide e quem manda na cidade.** Isso tem a ver com a segunda parte da sua pergunta que é, quem é que decide sobre isto, melhor, quem é que decide sobre a cidade e aí eu proponho uma coisa. Pergunte a um arquiteto, a um historiador, um arqueólogo, um político ou um promotor imobiliário vai ver que todos dizem que somos nós, a começar pelos arquitetos. (Opinião dos arquitetos) A cidade é um problema de arquitetura, e, portanto, os arquitetos é que estão em condições de deliberar sobre a cidade e ter ideias sobre a cidade e aí vale a pena só perguntar se alguma vez o arquiteto pago para fazer cidade na vida. Eu pessoalmente acho que uma das condições do arquiteto é que, e isso é uma própria condição da arquitetura é que, a não ser a casa do próprio ela está sempre a trabalhar, mas não é proprietário de nada, nem da cidade, nem prédio da cidade, nem da praça, não é dono de nada. Portanto quase um arquiteto faz um projeto é porque há um cliente por detrás, o cliente, não interessa se é a Câmara de Lisboa, o público, um senhor rico, um senhor pobre que precisa de uma casa é um cliente, a não ser que o arquiteto esteja a fazer tudo para ele e seja ele próprio muito rico. Portanto o que eu quero dizer é que quando se fala da cidade e se fala na questão de quem compete a gestão da cidade são os políticos e neste caso felizmente os políticos são eleitos e de tal modo já representam em parte os eleitores, mas agora não são os únicos decisores. Hoje em

dia no investimento público é minúsculo em relação ao investimento privado, por isso a cidade hoje é quase toda privada. Ou seja, nos anos 60 havia imenso investimento público, uma gestão dum país nórdico por exemplo ainda hoje tem investimento público e em Lisboa também há sobretudo nas infraestruturas, espaço público, portanto se há *stakeholders*, agentes económicos podem ser públicos ou privados. Depois há as formas de conhecimento que intervêm nas questões da cidade e aí se for perguntar a um historiador é o património, e o património é o passado e quem sabe disso somos nós os historiadores, e tem toda a razão. O historiador é uma pessoa que a matéria de investigação é o passado, não conheço num historiador do passado, porque já não se chamaria historiador, portanto para os historiadores tudo é passado e depois diz que o passado é que importa na cidade. Portanto o que é preciso fazer é defender a cidade construída a exaustão. Se perguntar ao arqueólogo, o arqueólogo vai mais longe e diz que é preciso escavar a cidade, expor as chamadas arqueológicas da cidade e essas sim são sagradas, pois não importa que esteja podres porque são abandonadas e ninguém quer saber de nada até porque não há dinheiro nem tempo. Depois vai falar com o arquiteto, e diz não, a cidade é a cidade viva e a cidade que está continuamente a transformar-se e tem toda a razão é para isso que os arquitetos foram educados e a arquitetura como forma de conhecimento tem a ver sobretudo com a cidade viva. A cidade viva é uma cidade que é património, mas é património até ao ponto de estar vivo, porque se esse património como aconteceu com a baixa de Lisboa, o Porto, as indústrias. A partir do momento em que os edifícios deixam de ter vida dentro começam a entrar em ruína, não há manutenção e, portanto, são potencialmente, são ruínas por muito que venha um historiador que diga “não esta ruína tem que se consolidar” podes dizer está bem, mas quem paga? “Há isso não interessa alguém tem que pagar”, pois então vá pedir a quem pague, eu arquiteto consigo arranjar maneira de congelar aquela forma no tempo mesmo sem vida, se eu fizer um restauro, mas eu posso restaurar um edifício antigo em que tenho a certeza se não houver vida e se não houver quem fique em si, 20 anos depois estávamos a precisar de outro restauro, e se for 40, 60, 80 ou ao fim de 200 anos já não tem fundações, é o que chamamos de um campo arqueológico. **Quando se fala da cidade, ninguém é dono de nada e todos são donos de tudo, ou seja, é um problema coletivo, a questão é saber o que cada um destes agentes tem a dizer sobre a cidade.** A segunda questão é como é que se consegue pôr estes senhores todos a convergir numa coisa, porque a primeira reação sobretudo numa cultura como a nossa, uma cultura de divisão e exclusão. Enquanto houver esta cultura é muito difícil falar de cidade, é claro que depois há uns políticos que tem que gerir, a grande parte dos políticos se não tiverem as formas de conhecimento por trás tomem decisões completamente disparatadas, infelizmente a nossa posse política é pouco culta e ainda por cima eu acho que os países mediterrâneos e do sul da europa não têm cultura ou hábitos de cidade ou cidadania. Cidadania quer dizer saber compartilhar a cidade, e quer dizer que cidadania sobretudo cultura do espaço público, é uma coisa que em Portugal não aguenta. O espaço público, toda gente pensa que é casa dele e que aqui eu é que mando. Veja a quantidade de opiniões, violências verbais e escritas nos jornais quando

se começou a reabilitar Avenida da República, os passeios e a ciclovia, hoje em dia são um sucesso incrível, está tudo apropriado e vê-se imensa gente andar de bicicleta, vê-se claramente que era uma coisa que faltava. **Porque o espaço público é o único espaço possível para a convergência da cidadania e aquilo que eu chamo dos vazios da cidade e não os edifícios.** Da porta para dentro, da solheira para dentro começamos a entrar no espaço privado, hoje em dia não é bem assim porque há muitas tipologias, os *shopping malls*, os centros comerciais, os aeroportos, os grandes edifícios públicos em que a cidade continua dentro, mas no fundo é um bocado disso, onde a cidade converge nos espaços públicos, nós temos muito poucos hábitos culturais de cidadania.

**SA:** A descaracterização do lugar é uma das principais consequências da turistificação, de que forma é que a arquitetura de arquiteto Gonçalo Byrne responde a isso?

**GB:** Não é fácil. Primeiro o que é que é um sítio, segundo o que é que é a caracterização de um sítio, eu se calhar usava outra palavra, o que é que é a identidade de um sítio. Quando o arquiteto é chamado a intervir nesse sítio, o que é que ele pode fazer, ou o que é que ele deve fazer. Eu posso responder por mim, não sei se é uma teoria aplicável a todos, acho que não. Quando se diz identidade de um sítio uma vez mais estamos a levar para trás, ou seja, do que é que aquele sítio se identifica com x,y e z. O que é que é esta identidade, é aquilo que as pessoas pensam sobre aquele sítio, é a maneira que as pessoas usam aquele sítio, o que é que é isso de identidade, são as referências culturais desse sítio? Eu acho que é todo isto um pouco, são as memórias do sítio, das pessoas que viveram, mas as pessoas não são eternas, muitas pessoas que viveram nesses sítios já morreram há muitos anos, há outras que viveram e os que estão vivos hoje têm 90 anos e outros que tem 15 anos e uns ainda para nascer, enfim, obviamente que esses ainda não perceberam o sítio, mas vão perceber. Outra coisa é, esses sítios das cidades, é um erro hiper crasso pensar que o sítio na cidade foi sempre o mesmo, quer dizer que os sítios são criados, mas depois têm uma vida própria e a vida própria resulta no confronto entre os modos de viver, habitar e a estrutura física do sítio, as paredes, as texturas, os materiais, os ambientes, tudo. Se as árvores são árvores, mas a árvore tem uma vida de 40 anos depois morre, se calhar a seguir plantam dois ou três. Este sistema não é de todo estático, no meio disto tudo o que resiste mais ao tempo é tectónico, aquilo que é construído, mas mesmo essa tectónica se não é mantida não resiste e além disso vai ter pequenas adaptações. Por exemplo, se for um prédio vivido, quando se diz reabilitar um prédio pombalino nunca quer dizer fazer um prédio pombalino como ele foi construído, porque não há ninguém, primeiro não tinha casas de banho, não tem elevador, como é que vou andar no 4º andar com 90 anos e bengala, portanto os velhinhos já estão fora. Ou seja, há um arquiteto Batista Alberto do Renascimento do século XVI, ele dizia uma coisa muito interessante que continua a ser extremamente válida, dizia que a arquitetura *restaurace e renovace*, **a arquitetura tem a ver com o passado, tudo que é memória do passado mas também tem uma dimensão de inovação, porque no fundo uma obra de arquitetura pega sempre em qualquer coisa que existe**

**e acrescenta sempre qualquer coisa nova** e portanto o que ele diz é que “a arquitetura não é só uma questão de *restaurace* é sobretudo uma questão que se chama *institucio*”. Uma obra de arquitetura construída é uma espécie de refundação de uma situação nova. Agora esta fundação, esta situação nova em arquitetura, não estamos a falar em desenhar um cinzeiro, um lápis ou uma pedra que existe, um objeto inerte. A arquitetura, uma vez que é um contentor de vida está dependente de outros sistemas, por exemplo, na cidade eu não posso ter uma casa sem ter um sistema de esgoto e se não tiver um sistema que traga água para casa e hoje em dia se não tiver um fio elétrico que traga eletricidade e por aí fora, hoje em dia não se consegue viver numa casa sem isto tudo. O que o nosso amigo Alberti dizia era que o *restauracio* é possível, e aquilo que faz um restaurador no sítio profundo, é congelar o tempo numa forma, em que todos os anos retoca e refaz para que não se perca o que era original, é possível fazer isto, mas há uma coisa que é completamente impossível. Os modelos de vida que deram origem àquele edifício ou àquela forma 200 anos depois já não são os mesmos que estão na origem daquela forma, portanto se aquela forma continuar viva, continuar a ser uma casa e ser vivida, tem que no mínimo adaptar-se aos modelos de vida que vão mudando, tem de ter um elevador, uma casa de banho... Hoje em dia as exigências vão mudando e a sustentabilidade energética, vidros duplos, paredes isoladas, acústica fantástica, experimente conservar um edifício pombalino do século XVIII de acordo com às exigências de conforto, sustentabilidade e sistemas energéticas, tem que mexer nele, é óbvio. Portanto isto quer dizer que tem que inovar qualquer coisa e portanto passamos do restauro para a inovação, o que eu devo dizer é que inovar a partir de uma ordem a arquitetura não faz sentido, ou seja, um pintor e mesmo aí não é verdade porque é uma questão de evolução da cultura, mas a construção de um contentor de vida que tem a ver com a vida nova sempre a partir da pré-existência, mesmo que esteja a desenhar uma cápsula espacial mesmo aí inova e vai ter que inovar é a questão das tecnologias mas vai ter que inovar a partir do seu sistema de cidade modelo, quais são as exigências para eu poder viver no meio do espaço sideral. Portanto, há sempre a inovação em si mesma quando toca a vida, é um processo praticamente impossível e é por isso que ele diz “a decisão da arquitetura é uma coisa que pega na pré-existência e acrescenta qualquer coisa”, tem a ver com a evolução dos sistemas de vida, dos modos de vida, e uma coisa que o homem sempre foi capaz de fazer que é uma procriação, porque se isso não existisse ainda hoje estávamos na idade da pedra. Se cada vez estamos mais loucos com a tecnologia e a realidade virtual é porque há inovação e então há uma coisa muito engraçada que é esta passagem de um antepassado para depois decidisse no projeto.

**O projeto no fundo é um sistema de escolhas que os arquitetos têm a partir de um terreno, um programa e depois as opções quando fazer, os materiais, a forma, a estrutura, o espaço, a tectónica, tudo que têm a ver com tudo para esta decisão, a construção de um projeto, feito num tempo muito pequeno e depois é construído, fica e vai ter normalmente uma vida muito superior ao do arquiteto.** O Manuel diz que esta vida será tanto mais longa quanto melhor for o projeto e tem alguma razão a dizer isto, não quer dizer que não possa haver uma bomba de um jihadista qualquer

maluco. Esta decisão de projeto, aquilo que se chama um projeto é uma coisa que elabora ao mesmo tempo reduzindo sobre uma pré-existência para fazer, e isto é um sistema de escolhas, o que está por trás de um sistema de escolhas são valores da sua própria contemporaneidade, ou seja, eu quando decido um projeto eu estou a exercer valores que têm a ver com a minha aprendizagem, experiência, o leio, o que gosto, e nunca escolho sozinho, porque há sempre uma equipa a volta. A ato do projeto é contemporâneo, ou seja, trabalha com o seu próprio tempo e com os valores desse tempo e portanto, se encomendassem um trabalho sobre as obras do Palladio eu tinha 2000 anos de edifícios para trás e os 2000 anos é tudo mesmo um edifício homogéneo e muito menos se vemos em detalhe, são fragmentos e é fabuloso, tem aí a história da arquitetura toda, dos romanos até o Medieval até o Renascimento, Barroco, pode fazer um museu, mas é um museu feito de fragmentos de história. **A única resposta que a arquitetura pode dar é uma resposta de contemporaneidade, contemporaneidade relacionada com a história, a própria percepção de identidade dos sítios não está congelada no tempo, a identidade é uma coisa que vem do passado mais que está lentamente a reconstruir, porque as pessoas estão a mudar e a própria leitura dos sítios vai mudar.** Quando se diz congelam isso no tempo, eu digo está bem porque o turista é um romântico e quer bilhetes e postais daquilo, mas para quem lá vive não é uma boa atitude congelar no tempo porque se não mais 10 anos e não vive lá ninguém. Se não deixam adaptar o modelo de vida que o meu filho ou neto, que vai ser diferente do meu, se ele não tem essa liberdade e essa capacidade pode ainda proibir que alguém fará na mesma. Este mito dos historiadores e arqueólogos de que é possível congelar a cidade, se alguém conseguir congelar a forma da cidade no tempo eu tenho a certeza que ao fim de 30 anos ela está deserta, ou então é um cenário para turistas. Esta discussão é interessante fazer em Veneza, participei por duas vezes, em que os habitantes de Veneza são hiper conservadores e acham que é possível conservar e eu digo que “você estão a acelerar a morte da cidade de Veneza” e eles dizem “não pode dizer isso, não é de cá, não conhece nada disto”, mas depois fala um filósofo de lá e diz exatamente a mesma coisa e aí eles acreditam que tem toda a razão. Um dos grandes problemas é porque é que a cidade está a desertificar e não é possível trazer vida para a cidade se aquilo é simplesmente para congelar no tempo. Há uma coisa que se chama história tempo e outra coisa que é cidade viva, e o problema da ligação entre herança e identidade e a vivência e a vida é o presente, a vida da contemporaneidade e que veio contornar e mudar.

**SA:** Sendo que as quintas da Madeira foram uma das primeiras tipologias de alojamento na época do turismo terapêutico, existindo, na altura, uma grande oferta. O que é que acha sobre o facto de hoje esta oferta ser quase inexistente? Quais são as consequências?

**GB:** O turismo da Madeira começa com o turismo da saúde como todo o turismo do mundo, primeiro turismo organizado desenvolve sobre tudo a volta dos alpes na Suíça e tem a ver com os sanitários, a questão da procura do ar puro porque um dos dramas do século XIV era a

**tuberculose e as consequências das guerras e os gases, etc.** A Madeira não foge à regra, o primeiro movimento turístico da Madeira não é a beira-mar, o mar era para os pescadores e para gente de má catadura. As pessoas que podiam pagar foram para o Monte e os primeiros núcleos turísticos são na meia encosta e os primeiros hotéis fazem-se no Monte. O Monte é onde chega o teleférico e é bastante alto, aí é que se desenvolve o primeiro turismo que é claramente um turismo de saúde. Apanhar os bons ares como maneira de curar as doenças, mas depois o fenómeno do turismo do sol, praia e ar é um fenómeno do século XX, final do século XIX. Hoje em dia já está, não digo a ser ultrapassado porque convive ainda e há N opções de turismo, sendo o turismo ecológico um dos mais fortes, em termos do turismo selvagens, de descoberta, das sensações, histórico e o urbano, por exemplo Lisboa. As pessoas vêm mesmo para Lisboa e andam o dia todo, portanto o próprio turismo tem uma evolução tem a ver com o *grand tour* do século XVIII e as grandes viagens. **A questão das quintas, as quintas é muito curioso porque é o segundo fenómeno de apropriação do território interior da Madeira, o primeiro fenómeno é a construção da cidade junto à orla marítima, a costa que obviamente passou a viver precisar da água para agricultura, mas desenvolve umas esculturas próximas da cidade. Pouco a pouco esta agricultura não chega e vai subindo na cota da ilha, isto corresponde ao século XVIII quando vem o grande surto novamente por questões da saúde e sobretudo de origem inglesa, alguma centro europeia, alemã, austríaca, mas o grande potencial era inglesa.** Portanto eles descobrem que a Madeira tem um vinho fantástico com uma vinha que na Madeira resiste melhor que as vinha da Europa do século XIV. O vinho do Porto é em grande parte uma indústria inglesa e o vinho da Madeira, portanto onde há bom vinho há inglês é garantido, hoje já é menos. **O que acontece é que à medida que vamos subindo a agricultura já não é uma agricultura de sobrevivência é de cultura das quintas, e as quintas de facto ocupam sobretudo uma cota intermédia.** É uma atividade agrícola que tem a ver com tudo que a agricultura produz na Madeira incluindo o vinho e que não é a primeira agricultura. **Estes núcleos precisam de mão-de-obra, são núcleos que tem a grande casa da quinta, um parque e jardim fantástico, depois tem as instalações de louvores, dos criados, etc., mas já são pequenos núcleos que quando começam a desaparecer há uns núcleos de pequenos quase já meio urbano muitas vezes geram pequenos núcleos de urbanização, mas são também sobretudo sítios no arquitetura e sobretudo relação arquitetura paisagem fantástica que obviamente quando o turismo começa a aparecer em força é um potencial incrível.** As quintas são adquiridas e grande parte hoje são hotéis de charme e outros, estando muito ligadas a esse turismo. **Eu acho que há muitas quintas que continuam habitadas ou já revendidas e outras com atividade agrícola, mas muito poucas, portanto hoje em dia a relação entre quinta e agricultura, as quintas que sobrevivem é porque tem uma atividade económica que é um hotel ou é turismo ou pode ser um pequeno centro de saúde, pode ser qualquer coisa ligada a uma economia atual.**

**SA:** Na reabilitação qual é a importância de conservar do objeto, seja o uso, a tipologia ou mesmo a forma de construir? Devíamos conservar o passado e preservar para o futuro e de que forma?

**GB:** Eu acho que é possível e a forma foi aquela que disse a pouco, diz que se introduza a contemporaneidade e vem outra discussão que eu acho que também é importante que é a relação sobretudo no reuso, **é preciso construir novo, construir forma nova e a pergunta é se essa forma deve ser mímica da forma antiga ou se é possível conciliar, agora estamos a falar de linguagens de arquitetura, conciliar uma linguagem contemporânea com a linguagem antiga.** A minha tese sempre foi e continua a ser, que é possível conciliar, portanto eu acho que não só, a recuperação tenha que ser restritamente mimética na linguagem como acho que é um *fake news* propor um muitíssimo. Agora acredito que muitas vezes os arquitetos não sejam capazes de propor uma abordagem que possa dialogar com o antigo e que possa acrescentar valor, felizmente na Madeira conheço alguns exemplos de intervenções em quintas contemporâneas que na minha opinião só vieram valorizar o histórico, mas também sei que se for perguntar a um promotor imobiliário ele vai dizer que prefere o mimético porque já sabe que o mimético é seguro e vende. **No mercado turístico, vende muito a sombra de aquilo que eu chamo a nostalgia arquitetónica, é imitar o antigo.** É um problema muito de cultura dos investidores, os investidores a pior coisa que querem ouvir é correr riscos e eles dizem se eu imitar o antigo eu sei que vende, se eu fizer um moderno não tenho a certeza que vende e, portanto, não arriscam. Há exemplos de modernos que vendem muito mais caro do que muitas vezes arquiteturas miméticas, se calhar vendem é em menos quantidade.

**SA:** Acha que seria uma mais-valia a reabilitação das quintas da Madeira ou devíamos aceitar que fazem parte de um passado, porquê?

**GB:** Não de todo, no plano que o Paulo David tem estado a desenvolver a seguir ao incêndio, ele pediu a minha participação e uma opinião sobre estas questões e **visitamos algumas quintas e devo dizer que deve-se fazer tudo para tentar reabilitá-las, agora é preciso estar consciente que reabilitar uma quinta hoje, porque uma das coisas que dava a identidade à quinta era a relação entre a arquitetura e a própria economia, ou seja, a relação entre a arquitetura e o jardim ou parque, mas era entre a arquitetura e agricultura que se desenvolvia e essa relação hoje em dia não vale a pena porque não funciona. Eu acho que a herança, pelo menos entre a relação entre a arquitetura e o jardim, a arquitetura e a vista, a arquitetura e a paisagem é suficientemente forte e além disso há condições muito favoráveis para manter uma economia diferente e um uso diferente sem destruir.** Ou quanto muito adaptando essa quinta e eu acho que essa quinta pode ser perfeitamente adaptada com valores contemporâneas e isso não é nenhum desrespeito, pode ser uma valorização significativa para o património arquitetónico, mas acho que ignorar esse fenómeno e deixar que elas desapareçam é uma pena. Ainda por cima é fácil de encontrar razões financeiras para

recuperar, não é preciso guardar os impostos, pode haver uma quinta ou outra que se transforme em museu e aí tem que criar uma economia para se aguentar e se os bilhetes não chegam percebo que a Câmara Municipal subsidie. Eu acho que as quintas têm potencialidade para serem reutilizadas hoje em dia sem perder esse património arquitetónico, tornando confortável e habitável.

**SA:** Muita obrigada pela sua disponibilidade.

**JOÃO FAVILA | 04.06.2018**

João Favila, arquiteto formado pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa em 1992. Após a sua formação tornou-se sócio e arquiteto coordenador do Ateliê Bugio em Lisboa, desenvolvendo vários projetos no âmbito da habitação, turismo, espaço público e restauração. Autor de diversos projetos como: o Forte da Nossa Senhora da Conceição (1997) no Funchal, plano geral de acessibilidades suaves e assistidas à colina do castelo (2009) em Lisboa e a Estalagem da Quinta da Casa Branca (1998), no Funchal. Uma obra premiada com o prémio municipal de Arquitetura da cidade do Funchal, em 1998. O arquiteto João Favila foi ainda professor convidado da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Évora, entre 2006 a 2012. Em 2015, retomou a sua atividade académica, lecionando na Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa até ao momento.

**SA:** O trabalho iniciou-se com o estudo do desenvolvimento do turismo resultando num foco sobre as quintas da Madeira. Com isto queria propor umas pequenas questões ao arquiteto sobre o turismo em geral e depois sobre o caso estudo, a Quinta da Casa Branca. Ou seja, com o desenvolvimento do turismo nos últimos anos, tem havido grandes alterações nas cidades, quais são as consequências, a nível espacial, arquitetónico, social, etc.?

**JF:** Bem isso é uma pergunta realmente muito vasta e depois muito dos casos em concreto, cada caso é um caso e acho que temos que analisar cada caso como um caso. É muito difícil fazer assim avaliações muito genéricas, o que eu posso dizer assim genericamente é que **o turismo começou por ser uma coisa de meia dúzia de pessoas, uma certa elite que faziam isso mais a descoberta de novas culturas e uma espécie de experimentação de culturas mais desconhecidas ou mais periféricas.** Eu aliás tenho um livro muito bonito do fim do século XVIII sobre o primeiro turismo que foi feito no Norte da Africa e no Asia e é realmente um ambiente bastante diferente de o que é que se entende hoje no turismo. **O turismo hoje massificou-se e isso está muito ligado a questão dos transportes e de uma certa lucrotização das cidades, dos low-costs, o turismo de cruzeiros e, portanto, esse turismo é muito impactante nas economias das cidades e pode ser ate bastante destrutivo. Há um equilíbrio no turismo que as vezes é difícil** encontrar estando dentro dos próprios sistemas das cidades porque, por exemplo há cidades com escalas muito grandes que turismo ao longo tempo, mas pela sua escala e pela sua capacidade sociais, culturais, económicas aguentam bem. Por exemplo em Paris, Londres, Nova Iorque, cidades, megacidades que aguentam bem, pequenas cidades com outro tipo de escalas as vezes tem mais dificuldades em conseguir gerir o impacto desse turismo em massa, Barcelona. É um processo que eu assisti, onde os centros históricos estarem praticamente abandonados de repente estão super populados e que são numa primeira fase muito benéficos, mas numa segunda fase mais destrutivos no sentido que tornam conta da própria vida da

cidade e transformam profundamente e quase que poem o sistema marginal aos próprios habitantes da cidade. **As cidades perdem algum significado e qualidade de viver esse turismo em massas.**

**SA:** Em termos do Funchal, o que é que pensa sobre o desenvolvimento do turismo?

**JF:** O Funchal é realmente um território que tem turismo há muito tempo, é uma das primeiras zonas turísticas portuguesas e começa com o turismo terapêutico muito ligada a uma certa relação com a paisagem, com os bons ares que tem a ver com a tuberculose, em que os doentes eram retirados para terem uma relação com ar marítimo e uma serie de características que a ilha tem. Tem essa dimensão de retiro e aquela coisa um pouco romântica de ilha e de um certo exotismo ligada a paisagem e a questão da botânica que constrói um pouco o universo, universo que ainda se pode ver por exemplo na varanda do Ritz sobre o jardim sobre o mar. Portanto toda uma atmosfera muito peculiar e particular que, duas naturezas muito distintas, que é uma natureza vulcânica e muito tectónica e brutal, basicamente a origem vulcânica e por outro lado uma cultura e um clima que propicia a construção de uma paisagem exótica e Africana, muito húmida, muito sol, muito calor é que faz realmente que o espaço das quintas construi pequenos paraísos.

**SA:** Na sua opinião, como podemos controlar a turistificação e gentrificação? Qual é a resposta que as entidades governamentais devem ter, é exclusivamente dever deles ou nosso também arquitetos? Como?

**JF:** Eu acho que basicamente é nossa e deles, é resposta de todos e basicamente a resposta melhor é a resposta da cultura e conhecimento. Para termos ideia muitos hotéis destruíram por exemplo os decisivos espaços destas quintas, que eram os tais jardins exóticos que foram construídos com muitos *layers*, ligados aos primeiros viajantes que traziam produções, muitos deles eu lembro-me de estar em várias quintas, uma inglesa que ainda tinha uma tartaruga das Galápagos habitar a quinta. Portanto a via da cultura tem muito associada a cultura inglesa da botânica, a natureza, a uva, houve vários botânicos que foram para a Madeira viver e estudar. **A primeira coisa é entender que essas especificades que a Madeira tem**, por exemplo, nessa questão dos jardins é uma coisa que qualifica e distingue muito o destino turístico, e portanto reconhecer e saber a natureza dessa especificidade de cada território ajuda a tornar o nosso estar temperadamente, porque o turismo pega muito com uma coisa do estar periodicamente, inicia um determinado de experiências que é um experiência mais ampla que tem a ver com a experiência e o contacto com uma cultura e um território muito particular. No caso da Quinta da Casa Branca é realmente um caso em que eu identifico bem, aliás é dos projetos que mais gosto, foi aquela **primeira decisão que foi a coisa principal aqui que não é o hotel é o jardim. O jardim é o hotel melhor assim, uma das primeiras frases que eu escrevi é “vamos construir num jardim e enraizar um hotel”, portanto esse é o tema da Quinta**

**da Casa Branca. O jardim é a grande experiência, o cheiro, a luz, as espécies, a água a cair, os pássaros.**

**SA:** A descaracterização do lugar é uma das principais consequências da turistificação, de que forma é que a arquitetura de arquiteto João Favila responde a isso?

**JF:** Eu não vejo o turismo, o turismo tem que ser visto de varias maneiras, não pode ser visto só de uma maneira, nos como arquitetos temos que perceber como é que queremos fazer com **o turismo que também tem coisas bastante interessantes como criar emprego, gerar economia, outro tipo de culturas e acesso a uma vida melhor**, que seja uma coisa positiva e não benigna. **Nesse sentido é preciso que as populações tenham consciência da sua própria cultura e tenham basicamente noção de o que querem fazer do seu território, é como entendem o território. Portanto o fenómeno da Madeira é um fenómeno de um certo desentendimento que também é compreensível pela grande pobreza que há muitos anos houve na Madeira e de uma certa aspiração que as pessoas tiveram natural de terem melhores condições de vida e uma certa incapacidade de em determinado momento fazerem uma leitura de aquelas coisas que estão a ser feitas e que de alguma forma poem em causa o seu bem-estar.**

**SA:** Sendo que as quintas da Madeira foram uma das primeiras tipologias de alojamento na época do turismo terapêutico, existindo, na altura, uma grande oferta. O que é que acha sobre o facto de hoje esta oferta ser quase inexistente? Quais são as consequências?

**JF:** A Madeira é um destino muito particular, qualquer ilha atlântica que eu conheça, a maioria das ilhas tem um carater muito forte e basicamente o turismo como qualquer outro programa é uma relação que temos que estabelecer num determinado contexto. **Um contexto que vai desde o território, ao cliente, ao ocupante, ao visitante e quanto maior for o nosso entendimento e sensibilidade para esse tipo de aspetos melhor será a nossa resposta que parece a mim que terá de ser uma resposta dialogante e interativa, aberta, conhecedora, rigorosa e no limite apaixonada para poder responder.** Basta ir a uma quinta Madeirense ou um jardim para perceber que muitas vezes atrás de aquilo esta um grande afeto as plantas e um grande conhecimento das plantas e o território, da água, onde é que se planta as espécies, quando é que vai florir esta, os cheiros, esta é melhor porque da uma cor e sensação, esta é um arbusto baixo que permite ver o vale e o mar. **Há uma cultura que no caso dos jardins é uma cultura que precisa muito tempo e uma certa sensibilidade e que muitas vezes hoje não estamos tão disponíveis para essa relação mais intensa, mais demorada que é preciso ter com as coisas em geral.**

**SA:** Na reabilitação qual é a importância de conservar o objeto, seja o uso, a tipologia ou mesmo a forma de construir? Devíamos conservar o passado e preservar para o futuro e de que forma?

**JF:** Eu acho que nos não podemos ter uma visão imobilista do tempo nem da cultura acho que há e temos que fazer um diálogo com as quintas, os edifícios, o território, os programas, as pessoas que vão viver e habitar. É engraçado porque lembro-me do meu avô que viveu em algumas belas quintas do Funchal, plantava árvores não para ele nem para os filhos era para os bisnetos. Esta dinâmica e esta visão do futuro é muito importante, acho que é mais importante e é **esse tipo de imaginário de que nos estamos a construir um património futuro e para isso temos que reconhecer o passado, temos de estar conscientes de o que foi nos deixado e o que é que podemos melhorar mesmo que os usos tenham que mudar.** As quintas, eu quando vou de férias, o Funchal tem uma matriz muito, eram casas agrícolas, muitos começaram por ser grandes casas agrícolas que geriam grandes partes do território e que o grande esforço não era na casa era na construção de território, nos muros, os taludes, a contenção dos terrenos, o sistema de hidráulica que é muito complexo que é uma certa riqueza na Madeira e depois toda a construção do espaço vegetal, da paisagem, do paisagismo, nos espaços de estar. Eu lembro-me que as pessoas estavam muito mais fora de casa do que dentro e havia sempre salas ampolhadas as casas com alpendres, as casas de prazer. Tinha tudo uma dinâmica de micro arquiteturas que construíram um universo muito vasto e que nos permitiam observar a paisagem e descobrir o território de uma forma muito enriquecedora.

**SA:** Numa intervenção como a Quinta da Casa Branca, atual Estalagem Quinta da Casa Branca, quais foram os critérios que o arquiteto teve? Quais foram as motivações e os fundamentos para o desenvolvimento do projeto?

**JF:** Assim de tudo foi isto de pensar que a grande experiência da Casa Branca **é a experiência de um jardim madeirense, em que todo o programa, o jardim não é qualquer coisa que sobra como se vê em muitos hotéis,** uma grande construção e depois uma árvore e chamam aquilo de jardim. Podemos pensar isto de outra forma, **isto não é um hotel com um jardim, é um jardim com um hotel que tem que estar enrizado, o que é quer dizer isto, tem que ter uma relação muito forte com a topografia, tem que criar laços íntimos com a própria preexistência do território.**

**SA:** Uma questão que surgiu numa destas visitas às quintas, uma sensação que eu tive ao visitar a Quinta da Casa Branca, não sei se é verdade ou não, mas qual era a relação entre a casa mãe e a nova intervenção, havia um critério de separar os dois?

**JF:** A casa-mãe é um projeto dos anos 40 do Castro Ferreira e era uma quinta que tinha uma zona agrícola e uma zona mais lúdica de jardim inglês construído por eles e o projeto que eu fiz foi da parte agrícola, portanto é este o limite, e, portanto, os donos na altura viviam na casa mãe portanto o projeto desenvolve-se numa zona de bananeira com um grande muro e as linhas de água. A ideia foi construir um hotel e transformar a zona agrícola na zona única mais jardim porque muitas destas quintas tinham realmente um jardim e depois uma grande zona agrícola.

**SA:** Continua a ter as bananeiras?

**JF:** Sim, mas não de uma forma tão produtiva, uma coisa é o espaço humanizado para a produção da Madeira que é uma coisa bastante distinta e outra coisa é usar bananeiras de uma forma mais ornamental e esporádica, é agora o caso da Quinta da Casa Branca.

**SA:** Qual é que foi o maior obstáculo desde o pensamento à concretização do projeto? Havia algum elemento que condicionava o projeto?

**JF:** Os projetos estão cheios de condicionalismos, portanto os projetos vão gerindo os condicionalismos, são problemas que são colocados em determinadas circunstâncias e o projeto desenvolve-se no tal diálogo de vários agentes, do dono, do operador, do dinheiro, o chefe do hotel, da geologia, da construção da paisagem, quer dizer é um pano infernal de condicionantes. Acima de tudo o que me lembro é que o modelo era muito forte do que se andava a fazer e do que se pensava para o território da Madeira, no Funchal. **Portanto foi o mais preocupante, era ter um certo silêncio na construção, portanto levar a construção por uma relação de diálogo e de entendimento que estava lá e titular com as preexistências e construir o jardim.**

**SA:** A área da Quinta da Calaça integra uma zona turística estipulada pelo 1º PDM, acha que a evolução da cidade condicionou a quinta? Isto já era visível na altura da intervenção?

**JF:** Não eu acho que, a cidade vai crescendo e vai criando pressão sobre estes terrenos mais generosos e acho que a grande negligência aqui foi realmente pensar que esses espaços de maior generosidade é realmente a grande experiência do hotel. Eu lembro-me perfeitamente quando aceitei este trabalho, toda aquela zona era muito vegetal e tinha imensos jardins e zonas de produção e hoje em dia praticamente está muito confinada àquele núcleo de duas ou três casas que têm uns donos mais históricos que mantiveram.

**SA:** Se pudesse mudar algum aspeto do projeto, o que seria?

**JF:** Basicamente acho que o que está melhor no projeto é a implantação e o conceito inicial, os problemas têm haver mais com pormenorização e detalhe, eu era muito jovem e o projeto que eu acho que resiste bastante bem mesmo passado estes anos todos, provavelmente está melhor do que este quando foi acabado de construir. Havia coisas mais a nível do sistema de pormenorização que eu teria alterado para um sistema mais cozido e mais consistente.

**SA:** Muita obrigada pela sua disponibilidade.



## PARTE II

**A indústria como espaço cultural:** Reabilitação da Sociedade de Vinhos Victor Matos II, S.A.



## ÍNDICE

I - CARREGADO   VALA DO CARREGADO.....	214
II - PROPOSTA DE GRUPO.....	220
III - PROPOSTA INDIVIDUAL.....	228



I - CARREGADO | VALA DO CARREGADO



Ortofotomapa com a identificação da zona de intervenção

Um lugar com uma paisagem rural e uma forte ligação com o rio Tejo e os grandes campos agrícolas que ocupam a Vala do Carregado e a extensão do rio. No meio deste ambiente rural singular, estando tão perto da cidade, é possível ainda encontrar várias indústrias de grandes dimensões, incluindo a Central Termoelétrica do Ribatejo, a AtralCipan, a Plataforma logística de Lisboa Norte e outras futuras que acabam por delimitar o território e criar um desassossego na paisagem. Além da preocupação com a expansão das indústrias, a Vala do Carregado apresenta problemas urbanísticos como: a estação de comboios que divide a estrada da Vala, a ligação com o centro de Alenquer, áreas degradadas e a imigração da população, que habita um núcleo disperso e sub-equipado. Sendo um lugar de fronteira e à margem, não integrar o Plano Estratégico de Desenvolvimento Urbano (PEDU) de Alenquer em 2015, mas, é historicamente habitado, motivo pelo que se optou pelo desenvolvimento de um plano de forma estudar uma hipótese de re-habitação deste lugar.



*Vala com vista para o complexo Victor Matos*



*Antigos armazéns da fábrica de cerâmica*





*Estrada da Vala*



*Vista da Vala do Carregado desde o Monte dos Castelinhos*



## II - PROPOSTA DE GRUPO



Corte da proposta do ano anterior que envolve a elevação da estação pelo aluno Carlos Cruz

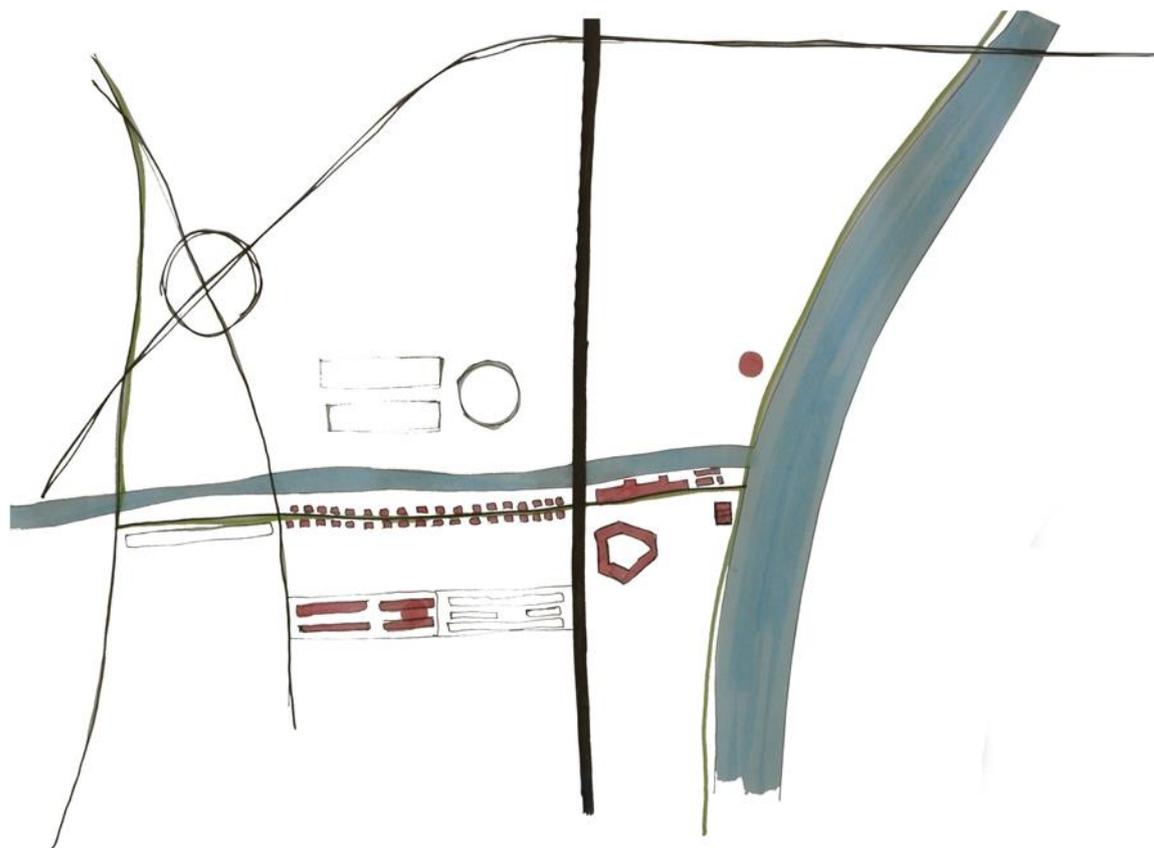
A proposta de grupo acaba por dar continuidade a uma proposta desenvolvida no ano anterior, cujo foco principal era o centro do Carregado. Em grupo foi proposto um sistema de otimização rodoviária que viria a complementar a nova estação, permitindo a extensão até ao rio de uma via atualmente interrompida. Assim a Estrada da Vala do Carregado volta a ter uma continuidade perdida, que restabelece comunicação com o rio e levanta novas questões de ocupação.



Propõe-se a reabilitação da estrada da Vala como eixo principal de ligação entre a estrada nacional 1 (EN1) e a frente ribeirinha, definindo melhor a relação com a própria vala. Através de algumas demolições e deslocações de pequenas indústrias degradadas, é libertada a frente da vala, mantendo sempre o contacto visual entre esta e a estrada. A estrada da Vala ganha um carácter de espaço público e as suas margens, historicamente habitadas, ganham novas possibilidades de edificação. Junto à futura estação do Carregado é proposta a criação de sistema de praças urbanas, um rossio, que congrega novos serviços e equipamentos. A estrada da Vala pode agora prolongar-se naturalmente para nascente, em direção ao Tejo, estendendo, finalmente, os caminhos cicláveis (ambicionados no PEDU), até ao rio, conectando Tejo-Carregado-Alenquer, de modo, pensamos, a sarar feridas há muito abertas na organização física e simbólica deste território.

As propostas individuais são o resultado das ações necessárias para o desenvolvimento desta proposta: reforço de habitação junto à estrada da Vala; nova habitação interligando núcleos dispersos a sul da estrada; um equipamento junto à estação e ao novo “centro” (Escola Técnica da Vala do Carregado); um programa progressivamente turístico e fluvial, em direção a nascente, ao Tejo, a expansão da Sociedade de Vinhos Victor Matos II S.A, (uma indústria privada, onde é proposto um programa semipúblico); um centro náutico (reabilitando um antigo cais e antigos armazéns, sobre o Tejo) e, do lado oposto da boca vala, alojamento turístico e observatório de aves, penetrando na fabulosa lezíria.

Propõem-se uma transformação da Vala do Carregado, testando a possibilidade de voltar a ser habitável, melhorando atratividade urbana, quer do lugar, quer do concelho, com o cenário de uma ligação natural de Alenquer ao Tejo.



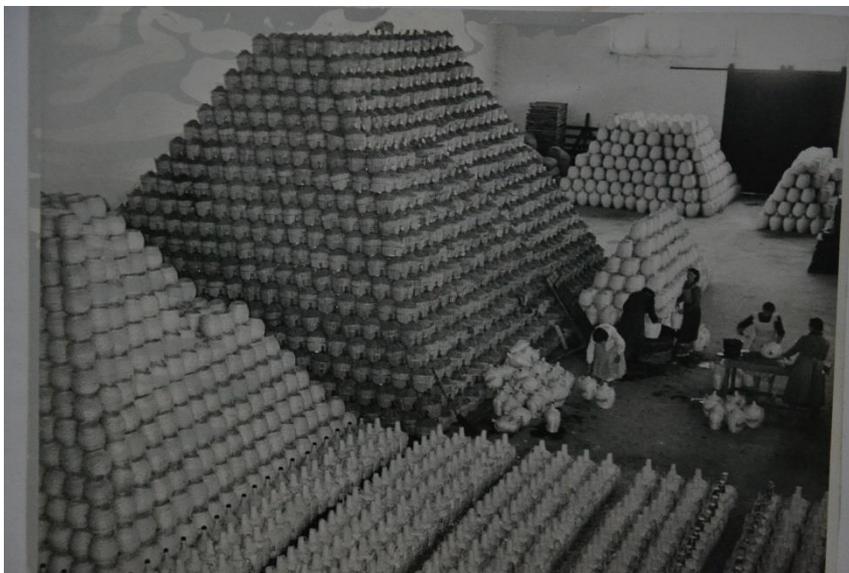
Esquema da proposta de grupo



Planta de grupo com todas as intervenções individuais



### III - PROPOSTA INDIVIDUAL



*Fotografias antigas do interior do complexo cedidas pelos mesmos*

A Sociedade de Vinhos Victor Matos II S.A. é atualmente uma empresa de referência no mercado nacional e internacional de vinhos, o Sr. Victor Manuel Feliciano Matos assumiu a firma do pai aos 18 anos e em 1976 estabeleceu-se com o nome individual, Victor Matos Lda. Em 1996, são adquiridas as antigas instalações da empresa Carvalho Ribeiro e Ferreira na Vala do Carregado com 55 mil metros quadrados, nascendo assim a Sociedade de Vinhos Victor Matos II S.A. Em termos da produção do vinho, a colheita é feita no Alentejo e Ribatejo, sendo que em Vendas Novas é executado as várias fases do vinho, desde o esmagamento ao amadurecimento. Nos armazéns da Vala do Carregado, é apenas feito o engarrafamento e depois a distribuição mundialmente.



Entrada principal do complexo



Armazém de reparações de veículos



Antiga grua junta a Vala



*Vista das traseiras do complexo*



*Entrada secundária para o complexo*



*Balões de cimento para armazenamento exterior do vinho*



*Armazém principal vista da estrada da Vala*



*Espaço de reparação dos barris*



*Armazenamento interior de vinho antes de engarrafamento*



*Barris de carvalho para envelhecimento do vinho*



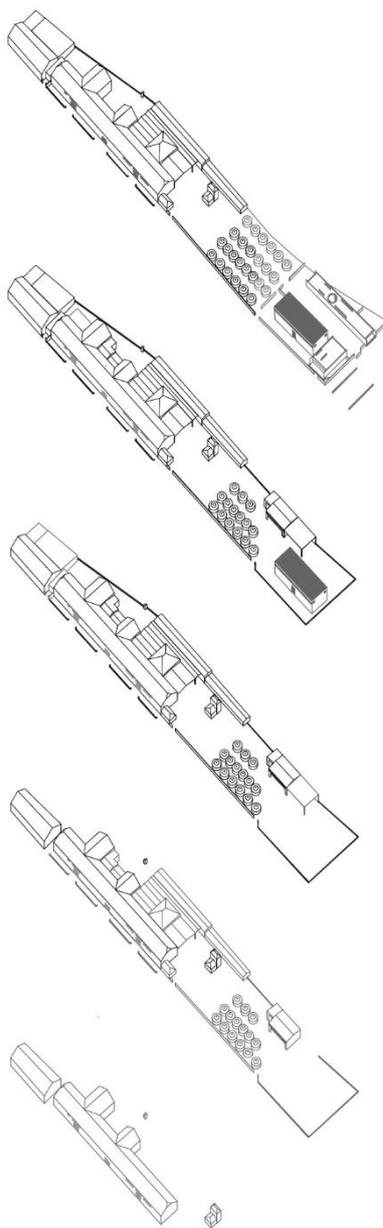
Máquinas antigas de apoio à produção de vinho



Linha automática de enchimento de garrafas

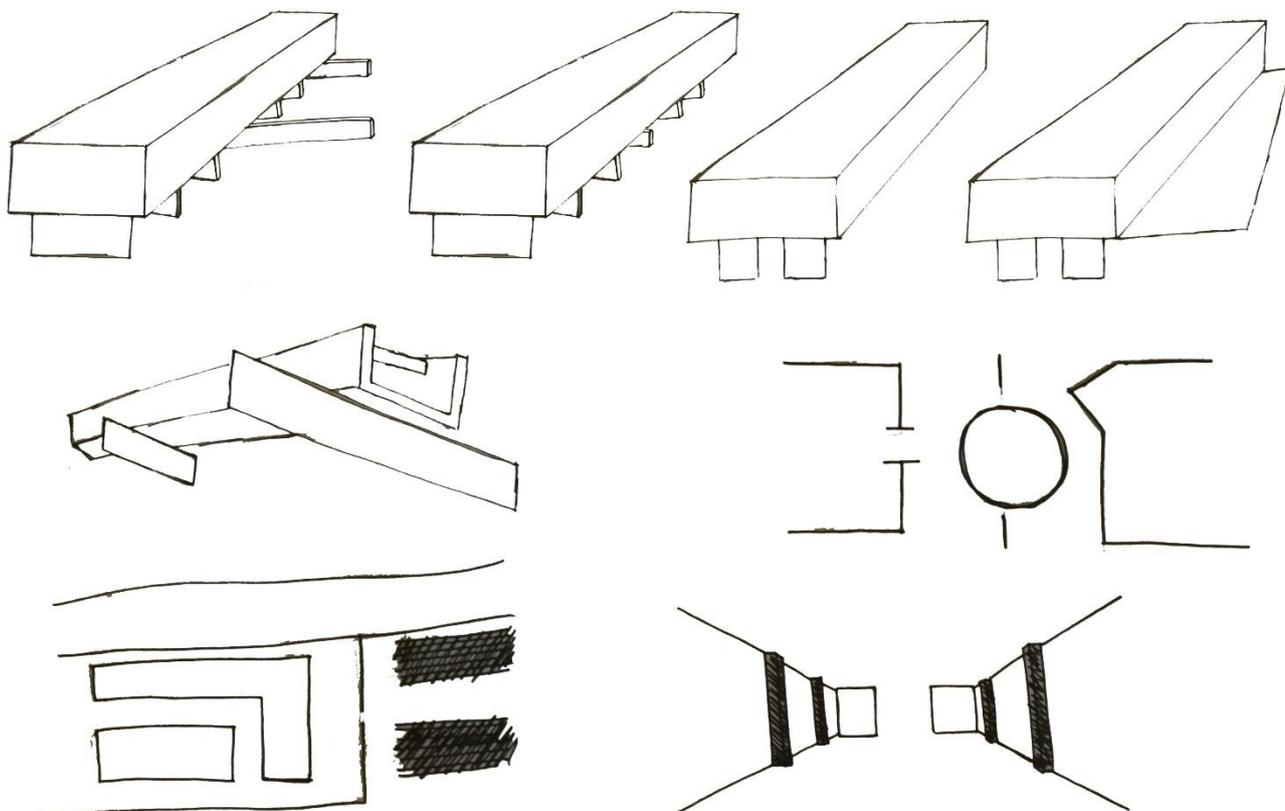


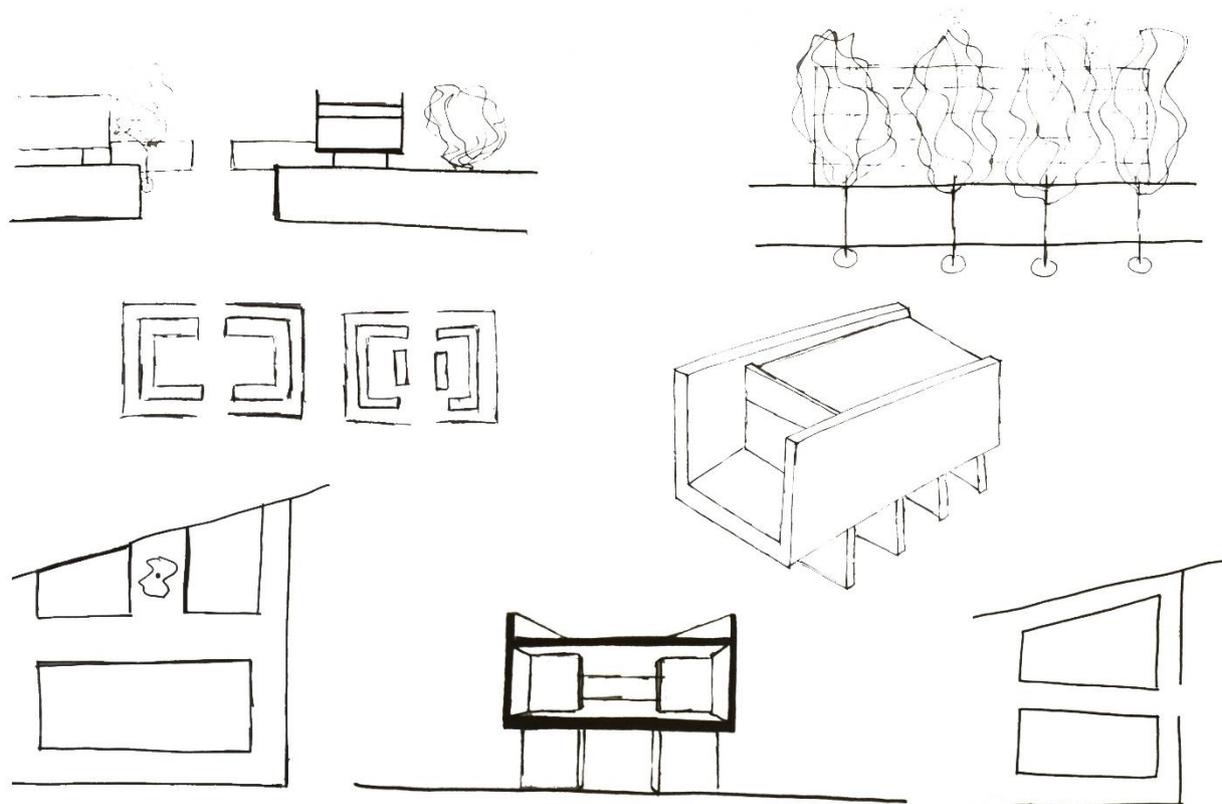
Armazém principal



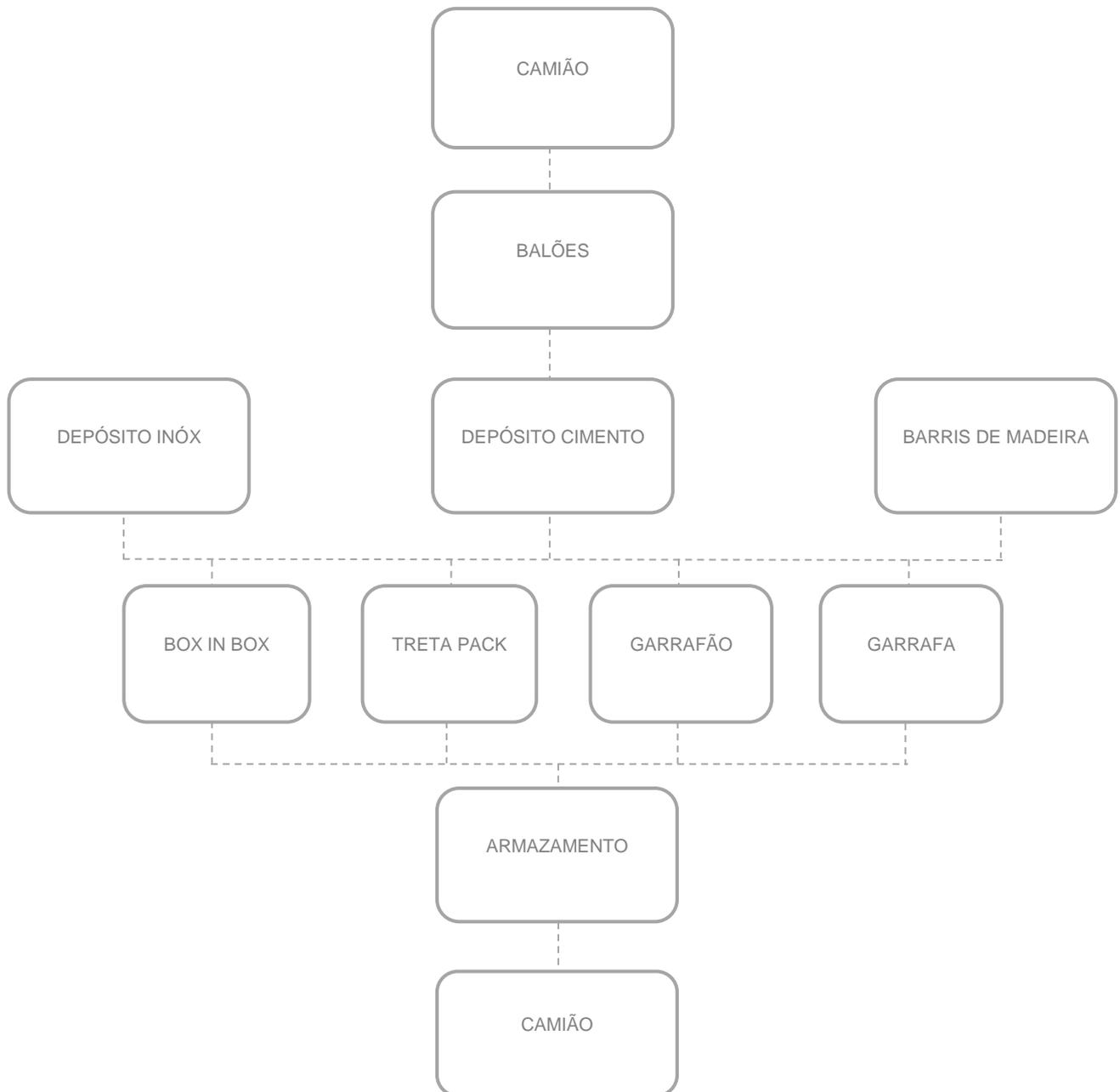
Isometria da evolução do complexo

O projeto tem como objetivo principal intervir numa zona industrial isolada, com algum interesse arquitetónico e cultural, seja pela localização e instalações, seja pela atividade (vinicultura), seja pelo magnífico acervo histórico (equipamentos e vinhos) da firma. Foi realizado um estudo das instalações, percebendo a sua evolução, o funcionamento interno e externo e as futuras intenções dos atuais proprietários. Após os resultados, foi criado um plano de reabilitação com aplicação de alguns métodos referidos na vertente teórica: preservação, restauro, alteração, ampliação e demolição. A proposta contém a preservação e restauro em toda a instalação, a alteração de algumas funções de alguns espaços e a demolição de construções sem interesse arquitetónico que foram surgindo ao longo dos anos.





Esquços do processo



O projeto idealiza contar a história do vinho, desde a sua produção em vinha, ao engarrafamento, mediante a criação de um percurso pelas instalações, que acompanhe o circuito produtivo interno. Para tal, é criada uma entrada de público, num terreno a nascente, sobre o Tejo, onde seriam plantadas, simbolicamente, vinhas. As instalações seriam remodeladas no limite nascente, articulando uma sucessão de muros que confinam espaços e articulam programas. São erigidos dois novos edifícios: um de carácter privado, com serviços necessários e outro público, com um programa turístico. No conjunto, definem uma entrada e amparam o edificado existente.

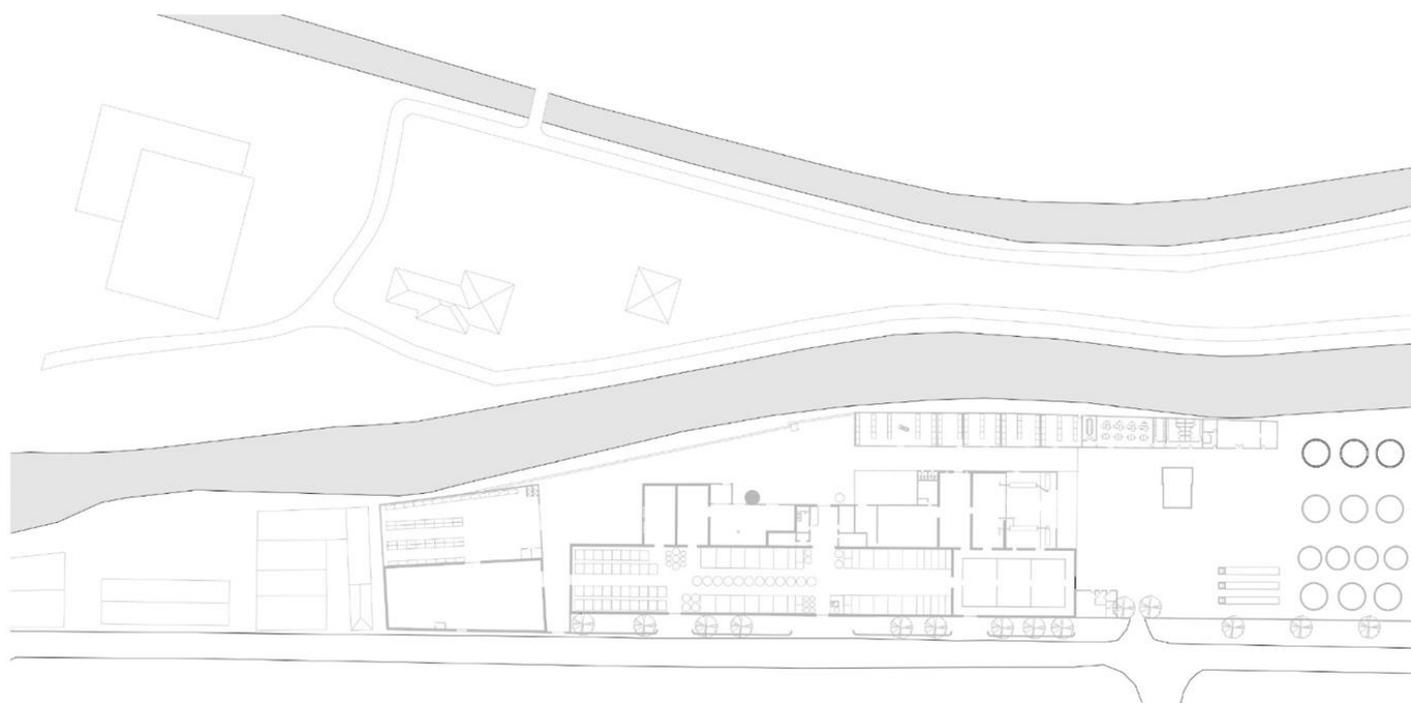


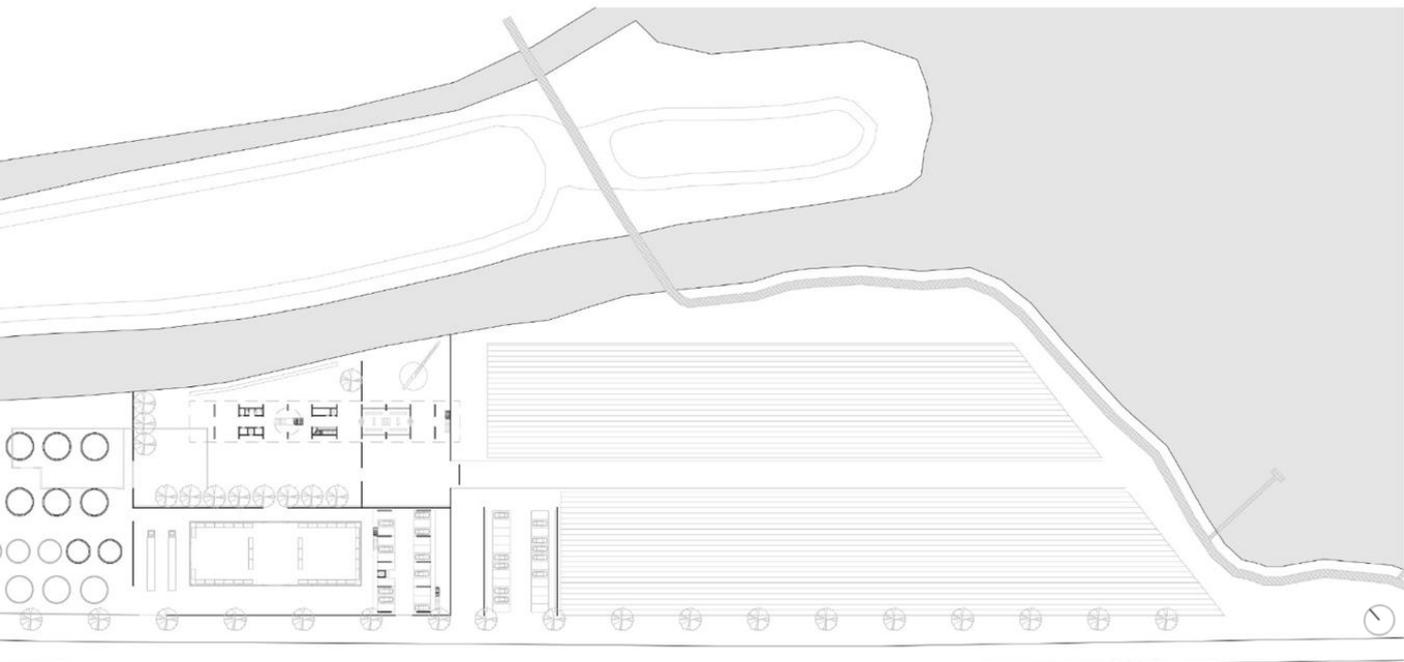
Ultrapassada a nova entrada nascente, surge um terreiro por entre os balões exteriores de armazenamento de vinho. Estes definem uma estranha hierarquia de espaços e corredores, onde cada corredor corresponde a uma função: acesso ao armazém grande, o abastecimento dos balões, a circulação dos funcionários e a circulação do público. Este grande espaço distribui para dois pequenos recintos, um mais público e polivalente e outro privado, de serviço, articulando a circulação dos veículos pesados.



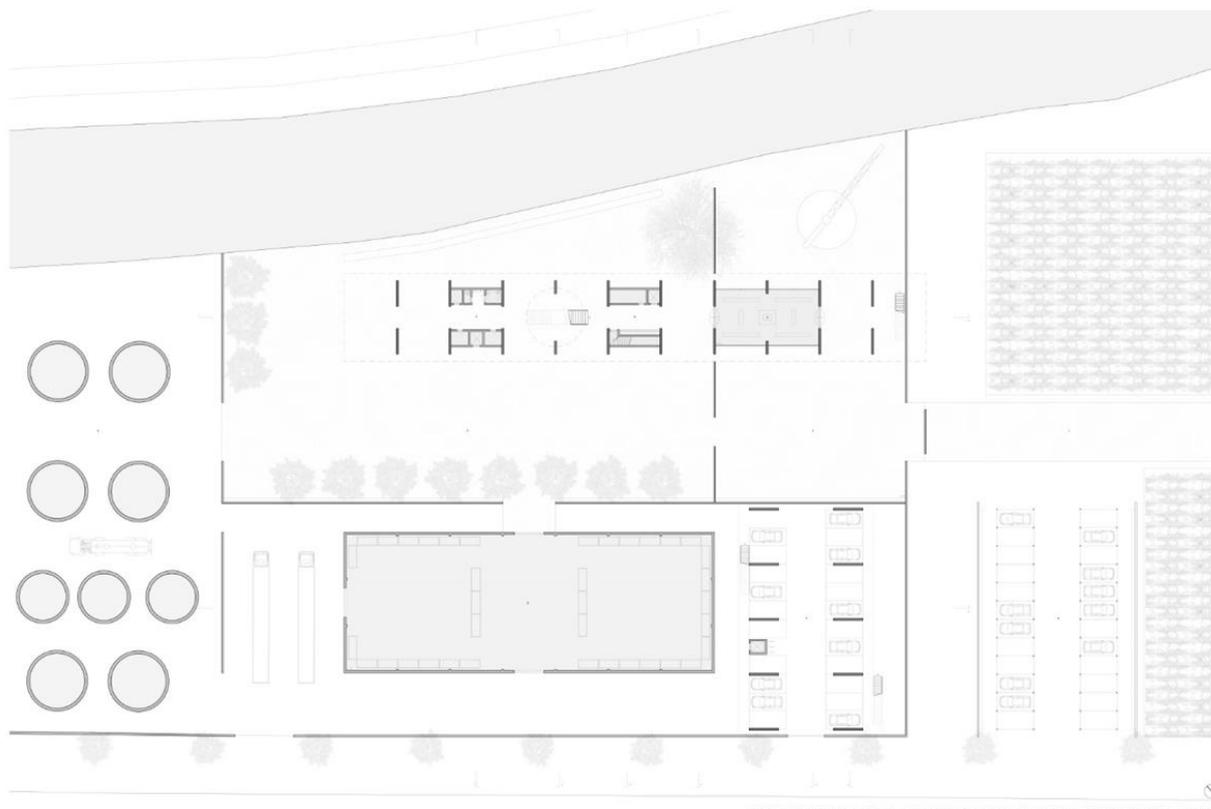
Planta de Localização

O edifício principal com as instalações para o engarrafamento do vinho, marca o final do percurso que acompanha as várias fases da entrada e engarrafamento. Quanto aos espaços interiores, há a notar a deslocação do acervo de máquinas para um dos novos edifícios a nascente, criando assim um espaço expositivo condigno com as antigas máquinas de produção de vinho que o Sr. Victor Matos coleciona.

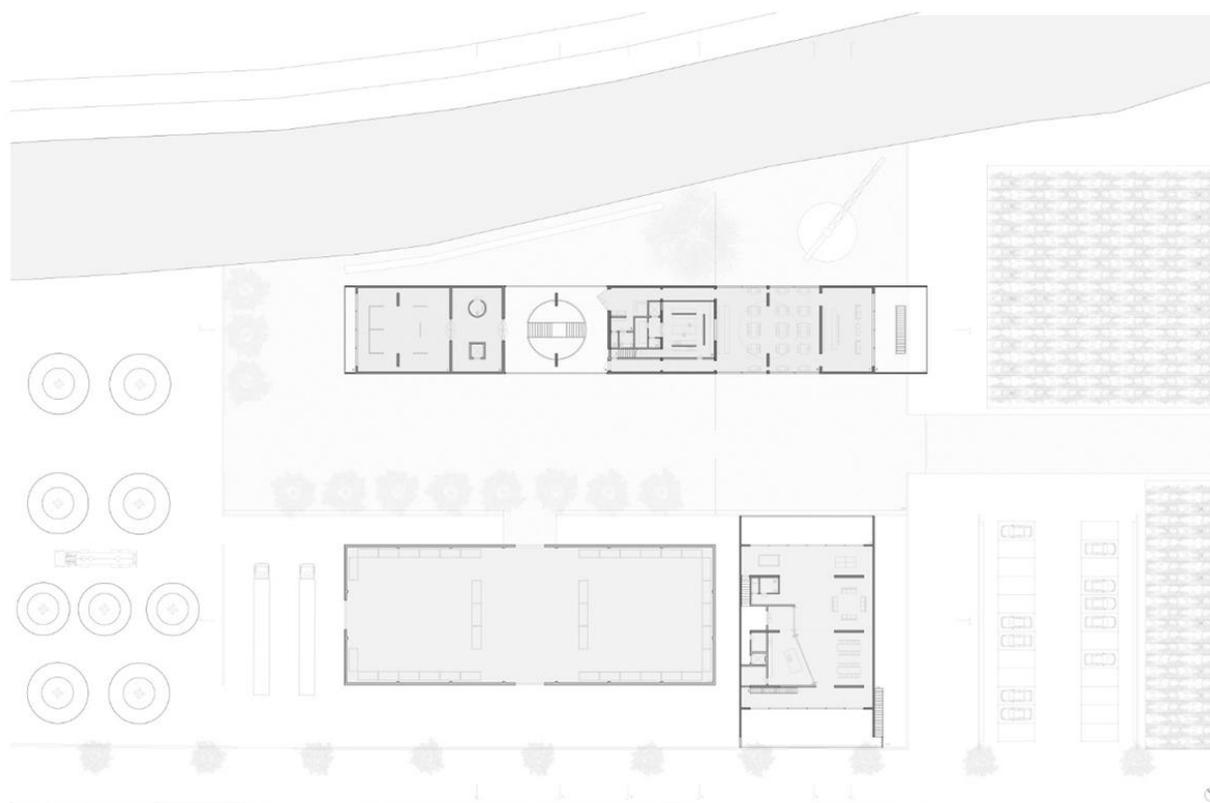




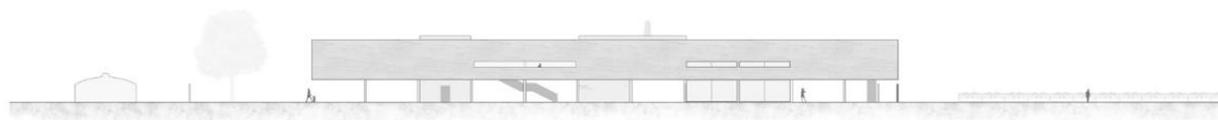
Planta de implantação



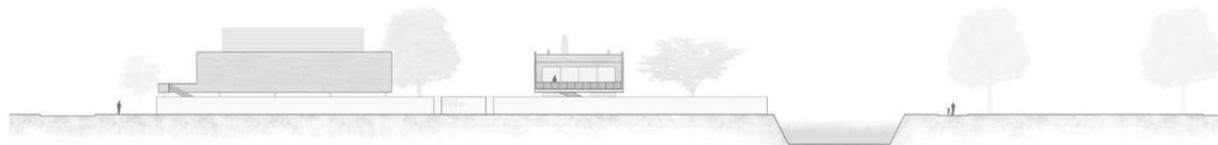
Planta de proposta à cota 4.50



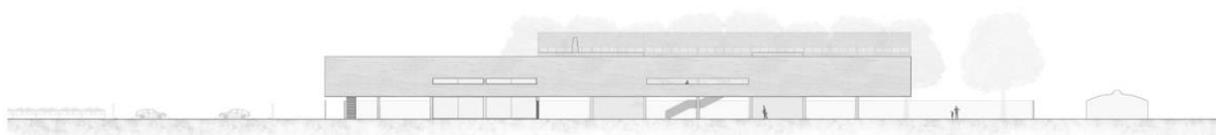
Planta de proposta à cota 9.00



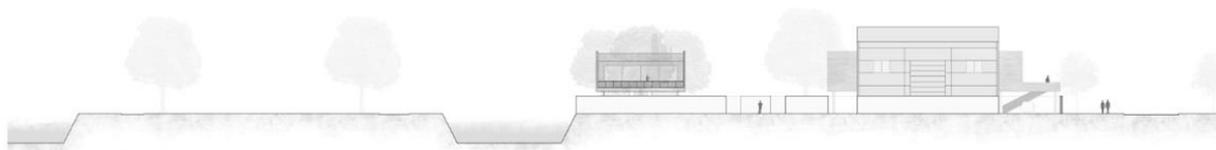
*Alçado Nordeste*



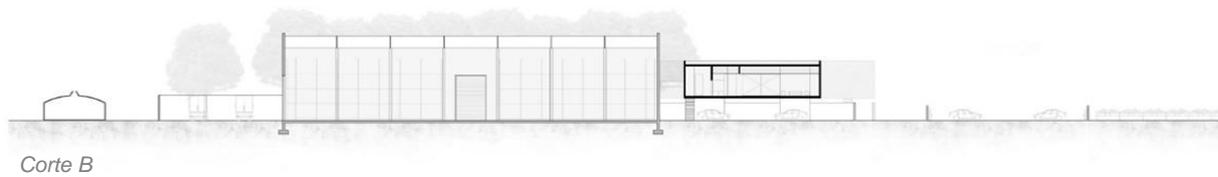
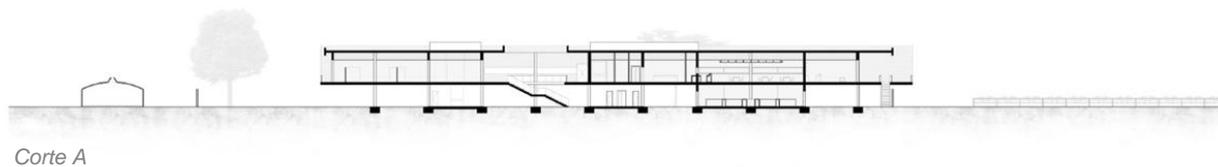
*Alçado Sudeste*



*Alçado Sudoeste*

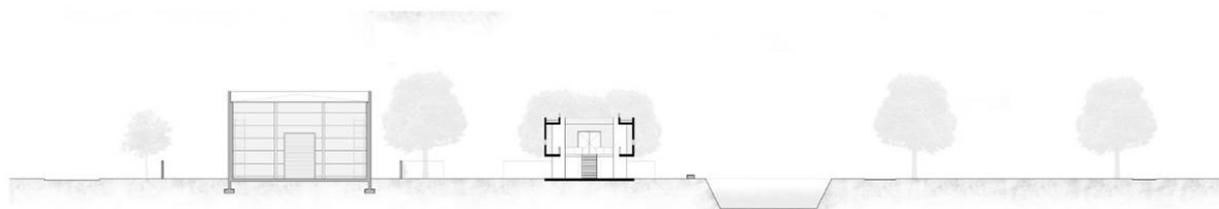


*Alçado Noroeste*





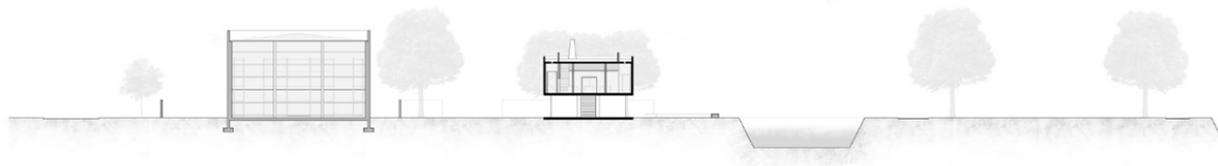
*Corte C*



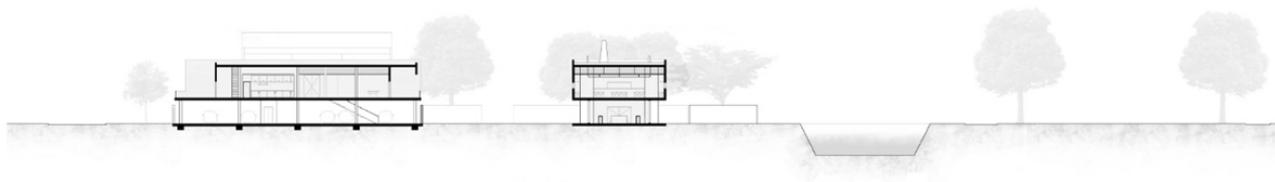
*Corte D*



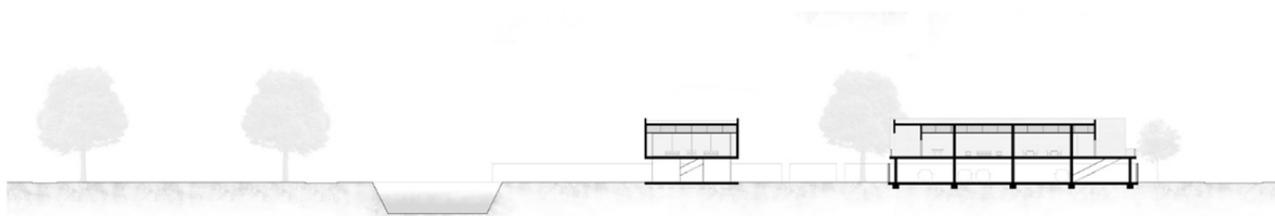
Corte E



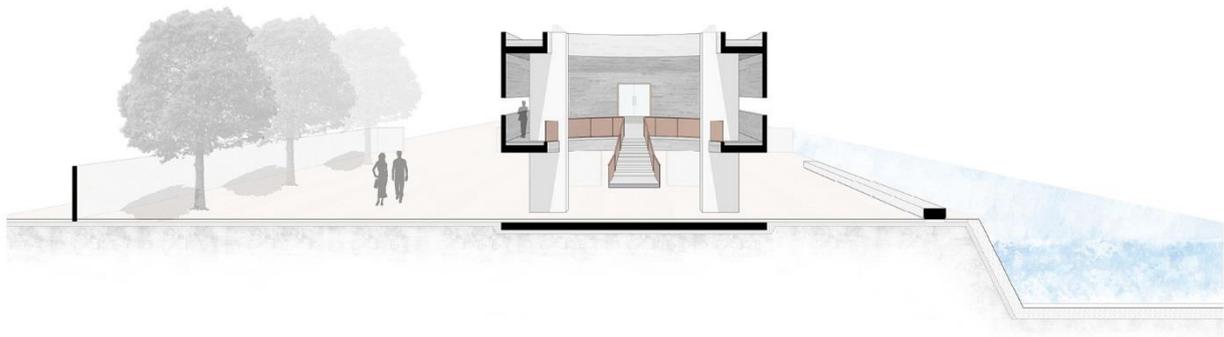
Corte F



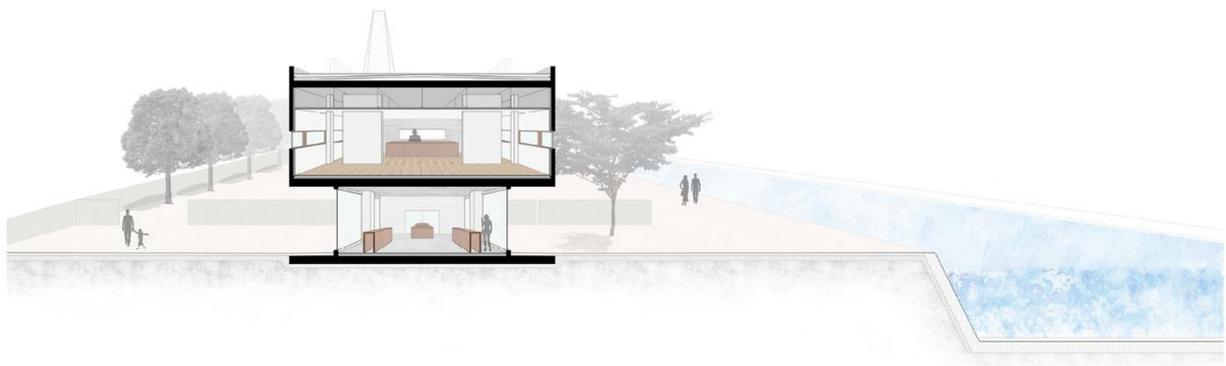
Corte G



Corte H

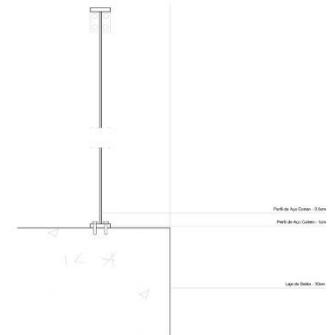
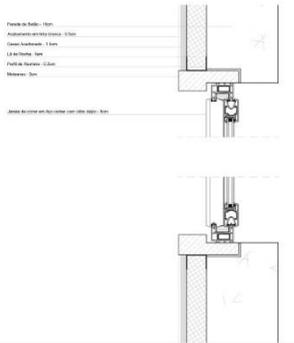


*Corte em perspetiva das escadas de acesso ao piso superior*



Corte em perspetiva do restaurante (cima) e loja (baixo)





Pormenores construtivos das janelas e varandas